



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	3
1.PRINCÍPIOS NORTEADORES DA ELABORAÇÃO DO PROJETO DE CURSO ...	6
2. CARACTERIZAÇÃO, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO CURSO.....	7
2.1. Dados do Curso	7
2.1.1. Diagnóstico da área no país e no quadro geral de conhecimentos	9
2.1.2. Caracterização do curso	11
2.1.2.1. Formação de pessoal e mercado	11
2.1.2.2. Campos de atuação profissional	11
2.1.2.3. Regulamento e registro da profissão	11
2.1.2.4. Perfil do egresso	12
2.1.2.5. Formas de acesso ao curso.....	12
2.1.2.6. Competências e habilidades.....	12
O profissional deverá demonstrar os conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:.....	12
2.1.2.7. Objetivos do curso	14
2.1.2.8 Regime acadêmico e prazo de integralização curricular	15
2.2. Matriz Curricular	16
2.2.1. Conteúdos Curriculares	16
2.2.1.1. Componentes ou conteúdos curriculares	16
2.2.1.2. Quadro da estrutura curricular – Disciplinas Obrigatórias (Periodização)	18
2.2.1.3. Disciplinas optativas.....	23
2.2.1.4. Conteúdo das práticas educativas integradas.....	23
2.2.1.5 Quadro sinóptico da composição curricular	26
2.2.1.6 Quadro geral da integralização do curso	26
2.2.1.7 Aproveitamento de estudos	27
2.2.2 Ementário – Disciplinas obrigatórias	28
2.2.3 Ementário – Disciplinas Optativas.....	78
2.3 Organização Didático-Pedagógica	89
2.3.1. Princípios orientadores do processo de ensino e aprendizagem e da avaliação	89
2.3.2. Procedimentos de Acompanhamento e de Avaliação dos Processos de Ensino-Aprendizagem.....	89
2.3.2.1. Sistema de avaliação do processo de ensino e aprendizagem	90
2.3.2.2. Sistema de avaliação do projeto do curso.....	91
2.3.3. O processo de construção do conhecimento em sala de aula.....	91
2.3.4. Atividades acadêmico científico-culturais (AACC)	92



2.3.5. Atividades de pesquisa, produção científica e extensão	93
2.3.6. Estágio curricular supervisionado	94
2.3.7 Trabalho de conclusão de curso (TCC).....	96
2.3.8 Atividades práticas de ensino para áreas da saúde	96
2.3.9 Integração do curso com o sistema local e regional de saúde (SUS)	97
2.3.10. Serviços de apoio ao discente.....	98
2.3.11. Administração Acadêmica do Curso.....	101
2.3.12. Formas de participação do colegiado do curso e do núcleo docente estruturante (NDE)	105
2.4. Infraestrutura	106
2.4.1. Instalações e equipamentos	106
2.4.2. Espaço físico disponível e uso da área física do campus	106
2.4.3. Salas de aula	108
2.4.4. Biblioteca	108
2.4.5. Laboratórios	108
3. APÊNDICES DO PPC	110
3.1. Base legal da estrutura curricular	110
3.2. Normatização do estágio curricular supervisionado – ECS	115
3.3. Normatização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.....	122
3.4 Normatização das Atividades Acadêmico Científico-Culturais (AACC).....	137
3.5 Bases de Dados e Periódicos para Enfermagem.....	140
3.6 Regimento do Núcleo Docente Estruturante do curso – NDE	142
3.7 Atas de aprovação do PPC no NDE	146
3.8 Ata de aprovação no Colegiado do Curso	147



APRESENTAÇÃO

A educação de populações que vivem em áreas rurais no Brasil e especialmente na Região Amazônica esteve ancorada em princípios que negavam os interesses dessas populações e, sobretudo, os seus conhecimentos tradicionais. A forma genérica como as primeiras constituições brasileiras (1824 e 1891) referiam-se ao direito à educação escolar, onde evidenciava o descaso com a educação desses grupos sociais. Nessa conjuntura do século XIX a ausência de um **sistema nacional de educação** impossibilitou a concretização de uma política educacional para o conjunto do País. A descentralização proposta não se materializou, esvaziando a forma federativa da República.

No século XX a educação dessas populações passa a ser introduzida no ordenamento jurídico brasileiro, cuja importância se configurava na perspectiva de oferecer a educação para: conter o movimento migratório e elevar a produtividade no meio rural; salvar e regenerar os trabalhadores, eliminando, à luz do modelo de cidadão sintonizado com a manutenção da ordem vigente, os vícios que poluíam suas almas. Em cada Constituição brasileira que teve vigência apenas nesse século (1934, 1937, 1946, 1967, 1969) destacou-se a educação para a população, sobretudo a do meio rural, ora como direitos sociais, ora como algo relegado a plano inferior que refletia o caráter excludente, autoritário, seletivo e controlador com que as elites brasileiras tratavam a educação do povo.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 consagra a educação como um **direito social**, o primeiro na ordem dos direitos sociais que presumem a igualdade entre cada um dos brasileiros. A primazia da educação nesta nova ordem histórica afirma a **universalização** da educação como direito social de cada cidadão visando à superação do modelo de desenvolvimento excludente, o qual reproduzia o *apartheid* social que legitimava a seletividade brutal, cuja consequência era o impedimento a milhões de brasileiros de ter acesso à educação escolar e permanência na escola formal para aprender, educar-se e prosseguir/progredir em estudos posteriores.

Nesta conjuntura em que passam a ser articuladas estratégias e táticas para a transição superadora das formas antidemocráticas e discriminatórias de incorporação da



maioria da população à educação escolar, instituíram-se novos paradigmas e pressupostos básicos que constituem o caráter nacional da educação brasileira quais sejam:

- ✓ Nenhum país pode aspirar a ser desenvolvido e independente sem um forte sistema de educação superior. Num mundo em que o conhecimento sobrepuja os recursos materiais como fator de desenvolvimento HUMANO a importância da educação superior e de suas instituições é cada vez maior;
- ✓ O direito à educação escolar como estratégia para a inserção de todos nos espaços da cidadania social e política;
- ✓ O fortalecimento da importância da educação formal, pois se acredita que é no seio dos sistemas educativos que se forjam competências e aptidões que farão com que cada pessoa possa aprender;
- ✓ A produção de conhecimento é a base do desenvolvimento científico e tecnológico para criar o dinamismo das sociedades atuais;

Neste novo contexto, o caráter nacional da educação impõe-se como possibilidade legal e real de romper com a situação de precariedade, desigualdade e disparidade entre as regiões brasileiras e os diferentes grupos sociais, visando a tornar concreta a presença do Estado na garantia da educação pública de qualidade, da igualdade de acesso e permanência na escola.

O caráter nacional da educação brasileira não pode ser perdido de vista, uma vez que se constitui, na ordem jurídica atual, um novo paradigma ao traçar para a educação o caminho da flexibilidade, da autonomia e da descentralização como princípios norteadores da obra que cada instituição tem que assumir como ato político: elaborar e executar sua proposta pedagógica.

Assim, em consonância com a Constituição Federal de 1988, que, no Art. 205, define a educação como DIREITO do cidadão e dever do Estado, e no Art. 207, determina o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, desenha-se a estrutura da organização do desenvolvimento da formação orgânica de profissionais no espaço da universidade pública na Região Amazônica.



A perspectiva de uma formação orgânica referencia-se nos princípios, fins, diretrizes, bases, objetivos e metas da legislação educacional vigente, a qual define requerimentos fundamentais que serão assumidos como norteadores do desenvolvimento concreto desta proposta político-pedagógica; onde os desenhos das matrizes curriculares, a organização e dinâmica dos processos de construção, produção, divulgação, recuperação de conhecimentos culturais e tradicionais, científicos, tecnológicos e técnicos operacionais estarão enraizados no ideário sintetizado pelo Plano Nacional de Educação 2001-2010 (Lei no. 10.172/2001).

Todos esses princípios, que refletem o conteúdo do conjunto das Diretrizes e Bases postas na legislação educacional brasileira, conferem ao contexto amazônico (onde diferentes etnias e nacionalidades convivem e produzem tensões sociais, econômicas, políticas, psicológicas, estabelecendo nas vivências cotidianas novas relações sociais, interpessoais, ecológicas) o caráter de marco essencial da existência da universidade pública no interior do Estado do Amazonas como lugar de formação humana, no qual as diversas dimensões do ser humano serão tratadas para além de conhecimentos formais e de natureza meramente intelectual.

Assim, como no restante do País, a região Norte já conta com a presença de vários cursos de Enfermagem, porém, em nossa região a grande maioria dos cursos está vinculada as Universidades de cunho privado, o que dificulta o acesso de grande parte da sociedade amazônica em virtude do baixo poder aquisitivo deste contingente populacional. Torna-se, portanto, fundamental ao poder público e seus órgãos assumir a tarefa de planejar e executar projetos que minimizem esta realidade e promovam a inclusão social ao âmbito acadêmico, dirimindo distorções históricas de caráter intelectual e profissional.

Neste sentido, o Instituto de Saúde e Biotecnologia/UFAM vem apresentar este PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM, acreditando que através deste estaremos preenchendo uma grande lacuna no que diz respeito à formação profissional na área da saúde coletiva e atendendo a uma demanda do mercado de trabalho local e regional com os critérios de competência que são a marca da qualidade com que a UFAM trata o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.



1. PRINCÍPIOS NORTEADORES DA ELABORAÇÃO DO PROJETO DE CURSO

A elaboração do Plano Político Pedagógico de Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia busca formar profissionais em Enfermagem que possuam conhecimentos técnicos de alto padrão, guiados pelas **Resoluções CNE/CES nº 3 de 07 de novembro de 2001 e CNE/CES nº4, de 6 de abril de 2009**, aliados a conhecimentos dos processos filosóficos, sociais e históricos das populações tradicionais brasileiras, como os povos indígenas e os afro-brasileiros, sendo este um diferencial que marca a atuação do enfermeiro contemporâneo.

Esperamos que este profissional seja capaz, não somente, de aplicar a técnica pura e simples, mas também de compreender o contexto em que está inserido, para, assim, atuar de forma mais efetiva e dinâmica, como preconizado pelas **Leis Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003; Nº 11.645 de 10/03/2008; Resolução CNE/CP Nº 01 de 17 de junho de 2004 e Pareceres CNE/CP Nº 003 de 10/3/2004; CNE/CP Nº 8 de 6/3/2012; Resolução CNE/CP Nº 1 de 30 de maio de 2012 e Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.**

Portanto, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Enfermagem se reuniu periodicamente para discussão e elaboração deste plano, com base no que dispõem a Lei 9.394/96-LDB e as Resolução CNE/CES nº 3 de 07 de novembro de 2001 e CNE/CES nº4, de 6 de abril de 2009, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003; Lei Nº 11.645 de 10/03/2008; Resolução CNE/CP Nº 01 de 17 de junho de 2004; Parecer CNE/CP Nº 003 de 10/3/2004.** Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos. **Parecer CNE/CP Nº 8 de 6/3/2012; Resolução CNE/CP Nº 1 de 30 de maio de 2012.** Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.**



2. CARACTERIZAÇÃO, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO CURSO

O Curso de Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da UFAM é um curso de graduação que segue as normas das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Enfermagem regulamentadas na Resolução CNE/CES nº 3 de 07 de novembro de 2001 e Resolução CNE/CES nº 4 de 06 de abril de 2009 e abordará a seguir, toda sua caracterização, estrutura e funcionamento do curso.

2.1. Dados do Curso

- a) **Nome do curso:** Enfermagem.
- b) **Modalidade oferecida:** Bacharelado.
- c) **Título acadêmico oferecido:** Bacharel em Enfermagem.
- d) **Modalidade de ensino:** Presencial.
- e) **Regime de matrícula:** Semestral por créditos.
- f) **Tempo de integralização:** Mínimo de 10 período e máximo de 15 períodos.
- g) **Carga horária mínima:** 4060 horas.
- h) **Número de vagas pretendidas ou autorizadas:** 40 vagas.
- i) **Turnos de funcionamento do curso:** Diurno.
- j) **Endereço e funcionamento do curso:** As disciplinas teóricas do curso serão ministradas no Instituto de Saúde e Biotecnologia - ISB/COARI, situado na Estrada Coari/Mamiá, 305, Bairro Espírito Santo. As aulas práticas supervisionadas serão ministradas no Hospital Regional de Coari, nas Unidades Básicas de Saúde, CAPS, Instituto Tropical e SOS do referido município. As aulas práticas também poderão ocorrer, por meio de convênio, nas unidades básicas de saúde, CASAI, DSEI, área indígena de outros municípios, bem como nos hospitais universitários e gerais da cidade de Manaus e de outros municípios do Amazonas.
- k) **Atos legais do curso** (Autorização, Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento do Curso, quando existirem) e data da publicação no D.O.U:



- ✓ Criação: Resolução nº. 037, de 25 de novembro de 2005 – CONSUNI.
 - ✓ Reconhecimento: Portaria do MEC No13, de 02 de março de 2012.
- l) **Conceito Preliminar de Curso** – O CPC/2016 do curso de Enfermagem, UFAM - Coari tem faixa 3.
- m) **Resultado do ENADE no último triênio:** Nota 04 no ano de 2016.
- n) **Relação de convênios vigentes do curso com outras instituições:**
Atualmente o Instituto de Saúde e Biotecnologia mantém um convênio Institucional junto a Prefeitura Municipal de Coari, para realização das atividades práticas de campo e estágios.
- o) **Acessibilidade:** A Lei de Diretrizes e Bases de Educação nacional – LDB nº 9.394/96, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/2015, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008), subsidiam o Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) para atividades que proporcionam inclusão e acessibilidade as Pessoas com Necessidades Especiais – PIAPNE: I - Promove o ingresso, o acesso, permanência e a identificação de discentes, docentes, professores e técnico-administrativos e comunidade com necessidades especiais; II – possui rampas de acessos nas entradas dos blocos; III - Oferecer cursos de Libras aos servidores e discentes, assim como já possui a disciplina optativa de Libras na matriz curricular do curso de Enfermagem; IV – Oferece acesso às informações por meio de intérprete de LIBRAS; V - Estimula o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa, extensão e apoiar à realização de eventos cuja abordagem seja a inclusão social e educacional de pessoas com necessidades especiais; VI - Garante o atendimento prioritário às pessoas com deficiência, formando uma cultura de inclusão;



2.1.1. Diagnóstico da área no país e no quadro geral de conhecimentos

As mudanças operadas na política de saúde do país em atenção ao perfil epidemiológico e as diretrizes do SUS têm levado a criação de novos atores e ampliação de papéis dos profissionais que já estão na área. A compreensão da situação de saúde do povo brasileiro e a localização desses problemas têm conduzido o setor saúde a estabelecer novas prioridades.

Pensar na atuação do profissional enfermeiro é primeiramente se reportar ao contexto socioeconômico em que se desenvolveu a sua formação, buscando pontuar se sua qualificação profissional está preparando-o para oferecer o cuidar em enfermagem tanto sobre o ponto de vista da cura da doença, quanto principalmente na promoção em saúde.

Nesta perspectiva, a formação em enfermagem deve estar pautada em uma prática social que se qualifica como concreta possibilidade de cooperação no processo de mudança e transformação da sociedade, com iniciativas pontuais e continuadas, nas diversas etapas da formação discente, buscando discutir a biodiversidade na Amazônia no campo da educação, saúde, ambiente e tecnologia.

A concepção da saúde como um direito universal, igualitário e equânime, o reconhecimento da participação da população como uma forma de controle social exige novas posturas dos profissionais e novos reordenamentos na operacionalização das políticas de saúde. Neste processo, o enfermeiro tem sido identificado como um profissional capaz de contribuir para a efetivação desta política. Valorizado em sua experiência acumulada de trabalho em equipe, o enfermeiro é peça chave para coordenar as atividades de atenção básica em saúde atuando nas equipes do Programa de Agentes Comunitários de Saúde - PACS e compondo a Estratégia da Saúde da Família – ESF, que se constitui na reforma do modelo assistencial em saúde.

Neste contexto, a garantia da integralidade da assistência, o avanço tecnológico que garante novas descobertas e gera novos procedimentos tem exigido da academia um investimento maior no processo de formação, com vistas a preparar o futuro profissional para a assistência nos diversos níveis de complexidade.



Aliado a isto, o mercado de trabalho gradualmente requer um número maior de profissionais enfermeiros, cuja formação tem-se dado por meio da criação de novos cursos de enfermagem e pelo aumento do número de vagas para as instituições que já vêm formando estes profissionais.

No que concerne à cidade de Coari, município do estado do Amazonas, tem uma população estimada em 84.762 mil habitantes (IBGE, 2015) em uma área de 57.921,646 Km², distante 263 km da capital Manaus. O Estado do Amazonas possui 62 municípios, onde a presença de enfermeiros oriundos das demais regiões do país é uma realidade e na maioria deles a prevalência de enfermeiros de outras naturalidades também é notória, haja vista que muitos vêm ao norte do Brasil em busca de emprego e qualidade de vida, cuja oferta é maior que a demanda, principalmente no interior do Amazonas.

Pode-se observar também um aumento vertiginoso de criação de novos cursos para atender esta nova realidade que se impõe. Segundo o Conselho Regional de Enfermagem do Amazonas - COREN-AM / 2016, o número de enfermeiros registrados no Estado é cerca de 7.010 (sete mil e dez) enfermeiros, o que só vem a corroborar com a afirmativa de que realmente existe carência do profissional enfermeiro no Estado.

Ao analisar-se a enfermagem e o quadro geral de conhecimentos, pode-se dizer que os avanços tecnológicos; as mudanças do mundo moderno, nos valores, nas crenças e nas concepções, a necessidade de assistir o homem integralmente e o surgimento de outras profissões tem exigido da enfermagem, a revisão contínua de sua área de atuação e a reconstrução de seu campo de saberes e de práticas.

Embora esta realidade seja bastante complexa, este Projeto busca captá-la e interpretá-la nas dimensões possíveis para propor a formação do profissional enfermeiro inserido neste contexto.



2.1.2. Caracterização do curso

2.1.2.1. Formação de pessoal e mercado

O Curso de Enfermagem da UFAM foi criado para atender às solicitações das áreas ligadas à saúde, em decorrência da carência do Enfermeiro, principalmente no interior do Estado do Amazonas e dos interiores dos demais Estados da Região Norte.

Em todos os 62 municípios do Estado do Amazonas a presença de enfermeiros oriundos das demais regiões do país é uma realidade e na maioria deles a ausência de enfermeiros com naturalidade amazonense também é uma realidade, haja vista que muitos vêm ao norte do Brasil em busca de emprego e qualidade de vida, cuja oferta é maior que a demanda, principalmente no interior do Amazonas. Assim sendo, a UFAM resolveu se inserir neste mercado, com o fito de contribuir com a formação de recursos humanos de enfermagem para atender e suprir as necessidades decorrentes dessa realidade, fixando um curso de valia para a saúde dos povos da Amazônia.

2.1.2.2. Campos de atuação profissional

O Instituto de Saúde e Biotecnologia oferece o curso Bacharelado em Enfermagem, em regime presencial, subdivididos, sequencialmente, em períodos semestrais que vão do 1.º ao 10.º períodos.

O Enfermeiro pode exercer suas atividades em: área hospitalar, na área de saúde coletiva, em escolas de ensino médio e ensino superior, pesquisa, em clínicas particulares de saúde, em indústrias, em cooperativas de assistência à saúde, em instituições prestando assessoria, consultoria e auditorias, iniciativa privada, como profissional liberal, Organizações Não-Governamentais – ONG, nas Secretarias de Saúde do Estado e dos Municípios.

2.1.2.3. Regulamento e registro da profissão

A profissão de enfermagem é regulamentada pela legislação do Sistema Conselho Federal de Enfermagem/Conselhos Regionais de Enfermagem, especialmente, pelas Leis n.º 2.604/55 e n.º 7.498/86, Decreto n.º 94.406/87 e a Resolução COFEN n.º



311/2007.

2.1.2.4. Perfil do egresso

O Enfermeiro egresso do Curso de Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia/UFAM do Município de Coari possui formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, é o profissional qualificado para o exercício da Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual, pautado em princípios éticos/bioéticos, utilizando a SAE como sua metodologia na prática; devendo ser capaz de conhecer e intervir nos problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico local, municipal, estadual, regional e nacional, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes e capacitado a atuar, com senso de responsabilidade ética, social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

Para que o enfermeiro formado por esta universidade tenha este perfil, é necessário que sua formação seja cuidadosamente preparada, passo a passo, para que ele alcance a plenitude do exercício profissional, com mandatos sociais de sua profissão e com espírito humanístico e ético.

2.1.2.5. Formas de acesso ao curso

A forma de ingresso é pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (50% das vagas) e Processo Seletivo Contínuo (PSC) (50% das vagas). Os dois Processos Seletivos, somados, oferecem um total de 40 (quarenta) vagas anuais.

2.1.2.6. Competências e habilidades

O profissional deverá demonstrar os conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:

Conteúdos conceituais

- ✓ Incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional;
- ✓ Aptidão para desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Prática integrada e contínua



com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos.

- ✓ Realização de serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;
- ✓ Desenvolver formação técnico-científica que confira qualidade ao exercício profissional.
- ✓ Assumir o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional e interdisciplinar em saúde.
- ✓ Reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;

Conteúdos procedimentais

- ✓ Implementar o processo de cuidar em todos os âmbitos e níveis de atenção à saúde.
- ✓ Intervir no processo de saúde-doença, responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, proteção e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência;
- ✓ Reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;
- ✓ Atuar nos programas de assistência integral à saúde da: criança e adolescente, mulher, adulto, idoso, índio, ribeirinho, afro-brasileiro, trabalhador, saúde coletiva.
- ✓ Planejar, implementar e participar dos programas de formação e qualificação contínua dos trabalhadores de enfermagem e de saúde;



- ✓ Utilizar adequadamente novas tecnologias, tanto de informação e comunicação, quanto de ponta para o cuidar de enfermagem;
- ✓ Atuar nos diferentes cenários da prática profissional, considerando os pressupostos dos modelos clínico e epidemiológico;
- ✓ Implementar os cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo, pela família e pelos diferentes grupos de comunidade;
- ✓ Desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional;

Conteúdos atitudinais

- ✓ Estabelecer novas relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões;
- ✓ Compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações brasileiras, incluindo e dando ênfase para saúde das populações amazônicas (indígenas e ribeirinhos) e afro-brasileiros;
- ✓ Implementar no ensino, na pesquisa e na extensão conteúdos referente a saúde das populações amazônicas e afro-brasileiras.
- ✓ Identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população do Estado do Amazonas, seus condicionantes e determinantes;
- ✓ Promover estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto as de sua comunidade, atuando como agente de transformação social;

2.1.2.7. Objetivos do curso

Objetivo Geral

Formar Enfermeiros generalistas capazes de prestar assistência integral, sistematizada e humanizada, exercer funções de promoção e manutenção da saúde, prevenção, reabilitação e tratamento de doença/enfermidade, no contexto das necessidades do ser humano.



Objetivos Específicos

- I. Fornecer ao aluno conhecimento quanto ao exercício da cidadania, sob visão crítico reflexivo do contexto sócio-econômico-cultural loco-regional, nacional e internacional;
- II. Propiciar a formação de consciência científica, para o avanço no comprometimento político, visando à transformação social;
- III. Preparar enfermeiros motivados a interferir nos problemas de saúde da população, considerando os fatores sócios, econômico, político, ambiental e cultural, que influenciam o processo saúde/doença do indivíduo, família e comunidade;
- IV. Proporcionar atuação no processo de trabalho em enfermagem e em saúde, em todos os âmbitos da profissão, como competência para a formulação e o desempenho das ações e procedimentos ético-técnico-científicos;
- V. Estimular o aluno a pesquisar desenvolvendo seu pensamento crítico e reflexivo para sua prática profissional;
- VI. Desenvolver no aluno o senso de responsabilidade social e o compromisso ético, legal e humanista;
- VII. Estabelecer parcerias com os serviços de saúde e demais segmentos sociais com vistas a desenvolver no aluno a compreensão da intersetorialidade nas questões de saúde, promovendo a integração ensino-serviço;
- VIII. Capacitar o graduando para planejar, coordenar, supervisionar, liderar e orientar a equipe de saúde;
- IX. Formar profissionais capazes de correlacionar as várias disciplinas durante o curso demonstrando a formação de um profissional com visão abrangente nas diversas áreas de Enfermagem.
- X. Capacitar profissionais para atuar na Educação Básica e na Educação Profissional de Enfermagem.

2.1.2.8 Regime acadêmico e prazo de integralização curricular

- **Modalidade de ensino:** presencial.
- **Regime de matrícula:** semestral, em forma de créditos.
- **Tempo mínimo de integralização:** 5 (cinco) anos.
- **Tempo máximo de integralização:** 7 (sete) anos e seis meses.
- **Carga horária:** 4.060



2.2. Matriz Curricular

2.2.1. Conteúdos Curriculares

O Curso de Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB da UFAM está organizado por agrupamentos que no seu todo têm o objetivo de formar profissionais críticos e reflexivos e ao mesmo tempo cidadãos comprometidos com sua realidade social. Os conteúdos trabalhados no Curso de Enfermagem tomam como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais, compreendendo as competências gerais e específicas necessárias à formação, à natureza da função do Enfermeiro em face das necessidades de saúde da população e da consolidação do SUS.

2.2.1.1. Componentes ou conteúdos curriculares

Resolução CNE/CES N° 3, de 7 de novembro DE 2001.	Disciplinas do Currículo Pleno – UFAM
Núcleo de conteúdos Essenciais	Disciplinas
I) Ciências Biológicas e da Saúde	Anatomia Humana
	Biologia Celular e Molecular
	Química Orgânica
	Bioquímica
	Fisiologia Humana
	Histologia e Embriologia
	Farmacologia
	Imunologia
	Microbiologia
	Parasitologia
	Patologia Humana
II) Ciências Humanas e Sociais	Bioestatística
	Metodologia do Estudo e da Pesquisa
	Psicologia Geral
	Saúde e Sociedade
	Informática Básica
	Português Instrumental
	Antropologia da Saúde
Epidemiologia	



2.2.1.1. Componentes ou conteúdos curriculares (cont)

Resolução CNE/CES N° 3, de 7 de novembro DE 2001.	Disciplinas do Currículo Pleno – UFAM
Núcleo de conteúdos Específicos	Disciplinas
III) Ciências da Enfermagem	
Fundamentos de Enfermagem	Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I
	Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem II
	Sistematização da Assistência de Enfermagem
	Contexto histórico-social da enfermagem
	Introdução à Saúde Coletiva
Assistência de Enfermagem	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde do Adulto I
	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde do Adulto II
	Enfermagem no Processo de Cuidar em Doenças Transmissíveis I
	Enfermagem no Processo de Cuidar em Doenças Transmissíveis II
	Processamento de Artigos e superfícies Hospitalares
	Enfermagem em Saúde Mental I
	Enfermagem em Saúde Mental II
	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente I
	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente II
	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Mulher I
	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Mulher II
	Enfermagem em Saúde Coletiva I
	Enfermagem em Saúde Coletiva II
	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde do Idoso
	Saúde das Populações Amazônicas
	Suporte Básico de Vida para o Enfermeiro
	Enfermagem na Atenção Integral ao Paciente na Alta Complexidade
	Vigilância em Saúde
	Estágio Curricular Supervisionado I
	Estágio Curricular Supervisionado II
Administração de Enfermagem	Gestão em Saúde e em Enfermagem
Ensino de Enfermagem	Trabalho de Conclusão de Curso I
	Educação em Saúde
	Exercício Profissional de Enfermagem
	Trabalho de Conclusão de Curso II
	Processos Educacionais Aplicados à Saúde



2.2.1.1. Componentes ou conteúdos curriculares (cont)

Resolução CNE/CES N° 3, de 7 de novembro DE 2001.	Disciplinas do Currículo Pleno – UFAM
Núcleo de conteúdos Optativos	Disciplinas
OPTATIVAS	Biossegurança
	Bioética
	Enfermagem na saúde do trabalhador
	Fundamentos de Assistência ao Paciente
	Genética Básica
	Inglês Instrumental
	Língua Brasileira de Sinais
	Metodologia da Prática de Enfermagem
	Microbiologia Médica

2.2.1.2. Quadro da estrutura curricular – Disciplinas Obrigatórias (Periodização)

PER	SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CHT	CHP	CH
1º	ISC030	Anatomia Humana	-	4.2.2	30	60	90
	ISE021	Bioestatística	-	4.4.0	60	-	60
	ISC013	Biologia Celular e Molecular	-	5.4.1	60	30	90
	ISE007	Contexto histórico-social da enfermagem	-	2.2.0	30	-	30
	ISE002	Metodologia do Estudo e da Pesquisa	-	2.2.0	30	-	30
	ISC016	Psicologia Geral	-	3.3.0	45	-	45
	ISC017	Química Orgânica	-	4.4.0	60	-	60
	ISE003	Saúde e Sociedade	-	2.2.0	30	-	30
SUBTOTAL				26	-	-	435
2º	ISE020	Bioquímica	ISC017	6.6.0	90	-	90
	ISC006	Fisiologia Humana	ISC030	5.4.1	60	30	90
	ISC010	Histologia e Embriologia	ISC013	5.4.1	60	30	90
	ISC018	Informática Básica	-	2.2.0	30	-	30
	ISE004	Introdução à Saúde Coletiva	-	2.2.0	30	-	30
	ISC002	Português Instrumental	-	4.4.0	60	-	60
	ISE005	Processos Educacionais aplicados à saúde	-	2.2.0	30	-	30
SUBTOTAL				26	-	-	420



Disciplinas Obrigatórias (Periodização) – (cont).

PER	SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CHT	CHP	CH
3º	ISE095	Antropologia da Saúde	ISE003	2.2.0	30	-	30
	ISE039	Educação em Saúde	ISC002 ISE005	2.2.0	30	-	30
	ISE029	Exercício Profissional de Enfermagem	ISE007 ISC002	2.2.0	30	-	30
	ISE038	Farmacologia	ISC006 ISE020	6.6.0	90	-	90
	ISE024	Imunologia	ISC010 ISC013	2.2.0	30	-	30
	ISE006	Microbiologia	ISC010 ISC013	3.2.1	30	30	60
	ISE023	Parasitologia	ISC013	3.2.1	30	30	60
	ISE035	Patologia Humana	ISC006 ISE020 ISC010	4.2.2	30	60	90
SUBTOTAL				24	-	-	420
PER	SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CHT	CHP	CH
4º	ISE040	Epidemiologia	ISE021	4.4.0	60	-	60
	ISE041	Gestão em Saúde e em Enfermagem	ISE029	3.3.0	45	-	45
	ISE048	Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I	ISE005 ISE006 ISC016 ISE023 ISE024 ISE029 ISE035 ISE038	9.6.3	90	90	180
	ISE049	Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem II	ISE005 ISE006 ISC016 ISE023 ISE024 ISE029 ISE035 ISE038	3.0.3	-	90	90
	ISE057	Sistematização da Assistência de Enfermagem	ISE029 ISE039	2.2.0	30	-	30
SUBTOTAL				21	-	-	405



Disciplinas Obrigatórias (Periodização) – (cont).

PER	SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CHT	CHP	CH
5º	ISE056	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde do Adulto I	ISE 057 ISE041 ISE048 ISE049	6.6.0	90	-	90
	ISE058	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde do Adulto II	ISE 057 ISE041 ISE048 ISE049	5.0.5	-	150	150
	ISE054	Enfermagem no Processo de Cuidar em Doenças Transmissíveis I	ISE040 ISE041 ISE048 ISE049	4.4.0	60	-	60
	ISE055	Enfermagem no Processo de Cuidar em Doenças Transmissíveis II	ISE040 ISE041 ISE048 ISE049	1.0.1	-	30	30
	ISE059	Processamento de Artigos e superfícies Hospitalares	ISE057 ISE041 ISE048 ISE049	2.1.1	15	30	45
SUBTOTAL				18	-	-	375



Disciplinas Obrigatórias (Periodização) – (cont).

PER	SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CHT	CHP	CH
6º	ISE063	Enfermagem em Saúde Mental I	ISE038 ISC016 ISE048 ISE041 ISE049	2.2.0	30	-	30
	ISE064	Enfermagem em Saúde Mental II	ISE038 ISC016 ISE048 ISE041 ISE049	1.0.1	-	30	30
	ISE065	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente I	ISE056 ISE058 ISE059	6.6.0	90	-	90
	ISE066	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente II	ISE056 ISE058 ISE059	3.0.3	-	90	90
	ISE067	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Mulher I	ISE056 ISE058 ISE059	6.6.0	90	-	90
	ISE068	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Mulher II	ISE056 ISE058 ISE059	3.0.3	-	90	90
SUBTOTAL				21	-	-	420



Disciplinas Obrigatórias (Periodização) – (cont).

PER	SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CHT	CHP	CH
7º	ISE076	Enfermagem em Saúde Coletiva I	ISE004 ISE040 ISE065 ISE066 ISE067 ISE068	6.6.0	90	-	90
	ISE077	Enfermagem em Saúde Coletiva II	ISE004 ISE040 ISE065 ISE066 ISE067 ISE068	3.0.3	-	90	90
	ISE069	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde do Idoso	ISE067 ISE068	4.4.0	60	-	60
	ISE078	Trabalho de Conclusão de Curso I	ISC002 ISE005 ISE002	2.2.0	30	-	30
SUBTOTAL				15	-	-	270
8º	ISE099	Saúde das Populações Amazônicas	ISE004 ISE003 ISE095	3.2.1	30	30	60
	ISE089	Suporte Básico de Vida para o Enfermeiro	ISE059 ISE056 ISE058	3.2.1	30	30	60
	ISE079	Enfermagem na Atenção Integral ao Paciente na Alta Complexidade	ISE059 ISE056 ISE058	4.3.1	45	30	75
	ISE100	Vigilância em Saúde	ISE059 ISE076 ISE077	3.2.1	30	30	60
SUBTOTAL				13	-	-	255
PER	SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CHT	CHP	CH
9º	ISE101	Estágio Curricular Supervisionado I	ISE100 ISE099 ISE089	14.0.14	-	420	420
	ISE102	Trabalho de Conclusão de Curso II	ISE078	2.2.0	30	-	30
SUBTOTAL				16	-	-	450
10º	ISE103	Estágio Curricular Supervisionado II	ISE101	14.0.14	-	420	420
SUBTOTAL				14	-	-	420
TOTAL GERAL				194	-	-	3870



2.2.1.3. Disciplinas optativas

As disciplinas optativas são oferecidas como opção de enriquecimento de currículo. São de escolha livre pelo discente, independentemente do curso no qual está matriculado, cursadas para ampliação de conhecimentos. Destas, devem ser apresentadas 90 horas e 06 créditos.

SIGLA	DISCIPLINA	PR	CR	CH
ISE012	Biossegurança	--	2.2.0	30
ISE016	Bioética	--	2.2.0	30
ISE104	Enfermagem na saúde do trabalhador	--	2.2.0	30
ISE105	Fundamentos de Assistência ao Paciente	--	3.2.1	60
ISE085	Genética Básica	ISC013	2.2.0	30
ISC001	Inglês Instrumental	--	4.4.0	60
ISC005	Língua Brasileira de Sinais	--	4.4.0	60
ISE033	Metodologia da Prática de Enfermagem	--	4.4.0	60
ISE084	Microbiologia Médica	ISE006	2.2.0	30
ISE027	Saúde Ambiental	--	2.2.0	30
ISC011	Sociologia Geral	--	2.2.0	30
Total			25	390
Total (exigidas)			6	90

2.2.1.4. CONTEÚDO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS INTEGRADAS

Tendo por base o arcabouço princípio lógico da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, **Lei nº 9394/96 e posteriores alterações**, o Instituto de Saúde e Biotecnologia/ISB da Universidade Federal do Amazonas procura estabelecer condições de igualdade para acesso e permanência na instituição, preconizando o pluralismo de ideias e gestão democrática do ensino, pesquisa e extensão com vistas a formar profissionais aptos a cumprir seu papel social levando em conta o respeito à diversidade étnico-racial, a linguística, a política, a religião e a cultura dos povos.

Sendo assim, visando contemplar estas determinações, o curso de Enfermagem do ISB incorpora os diversos temas em disciplinas curriculares (conforme consta nas ementas, atividades complementares, conteúdos de disciplinas curriculares, iniciação



científica / práticas investigativas, extensão e em atividades extracurriculares). Dentre os temas/conteúdos definidos, temos:

a) Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena:

Bases Legais: (Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003; Lei Nº 11.645 de 10/03/2008; Resolução CNE/CP Nº 01 de 17 de junho de 2004; Parecer CNE/CP Nº 003 de 10/3/2004) e a resolução CNE/CP Nº 01, de 17 de junho de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, institui essa educação e seu desenvolvimento especialmente em IES que oferecem programas de formação docente inicial e continuada (Art. 1º, §1º e 2º).

Nesta perspectiva, o curso de Graduação Bacharelado de Enfermagem do ISB estabelece novas relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões; Compreende a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações brasileiras, incluindo e dando ênfase para saúde das populações amazônicas (indígenas e ribeirinhos) e afro-brasileiros (quilombolas); Implementa no ensino, na pesquisa e na extensão conteúdos referente a saúde das populações amazônicas e afro-brasileiras. Identifica as necessidades individuais e coletivas de saúde da população do Estado do Amazonas, seus condicionantes e determinantes e promove estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto as de sua comunidade, atuando como agente de transformação social.

Abordagens nesta vertente são encontradas nas disciplinas Introdução à Saúde Coletiva, Enfermagem em Saúde Coletiva I e II e Saúde das Populações Amazônicas.

b) Educação em Direitos Humanos:

Bases legais: Parecer CNE/CP Nº 8 de 6/3/2012 e Resolução CNE/CP Nº 1 de 30 de maio de 2012. O Art. 3º da **Resolução nº 1**, de 30 de maio de 2012, que



estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, assegura essa educação como forma de promoção da transformação social (vide Artigos 3º, 6º, 7º e 12). Temas abordados nas disciplinas curriculares Exercício Profissional de Enfermagem, Saúde e Sociedade, Antropologia da Saúde, Educação em Saúde.

c) Educação Ambiental:

Bases legais: Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999; Decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002 e Resolução CNE/CP Nº 2/2012, assim como, a resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação Ambiental, a define como componente importante, “essencial” da educação nacional. Dessa forma, o curso de Graduação Bacharelado de Enfermagem do ISB oferta as seguintes disciplinas que abordam a temática: disciplina obrigatória de Vigilância sanitária, Introdução à Saúde coletiva, Enfermagem em Saúde coletiva I e II e a disciplina optativa Saúde ambiental, com objetivo geral de compreender e discutir a transformação do espaço ambiental pela sociedade e seu impacto nos indicadores ambientais e entender a relação com a saúde humana.

d) Disciplina de Libras:

Bases legais: De acordo com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000, decreta a inclusão de Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de licenciatura e optativa nos demais cursos (Art. 3º, § 1º e 2º), o curso de graduação bacharelado em Enfermagem do ISB, oferece a disciplina optativa de Libras com objetivo geral de estudar a estrutura da língua de sinais nos níveis fonológicos e morfosintáticos.

e) Encaminhamentos metodológicos para os conteúdos das práticas educativas integradas

As temáticas apresentadas anteriormente, com exceção da disciplina de Libras, apresentam metodologia mista, com aulas expositivas em sala de aula ou extra-sala,



práticas de campo em comunidade ribeirinha do município de Coari, prática de campo em comunidade indígena nos municípios do Amazonas, atividades curriculares de extensão e em eventos locais como mostras, workshop e semana de enfermagem.

Aplica-se também, metodologia ativa para problematização do contexto, fazendo do acadêmico o protagonista no processo ensino – aprendizado. Neste contexto estamos de acordo com as seguintes resoluções: para Educação para as Relações Étnico-Raciais na Resolução CNE/CP N° 1, de 17 de junho de 2004, para Educação Ambiental na Resolução CNE/CP n° 2 de 15 de junho de 2012, para Educação em Direitos Humanos na Resolução CNE/CP n° 1, de 30 de maio de 2012 e Libras no Decreto n° 5.626/2005.

2.2.1.5 Quadro sinóptico da composição curricular

QUADRO SINÓPTICO DA MATRIZ CURRICULAR	CH	CR
Carga Horária Teórica e Prática	3.870	194
Disciplinas Obrigatórias	3.870	194
Disciplinas Optativas	90	6
Estágio Curricular Supervisionado – ECS	840	28
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	60	4
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais – AACC	100	-
TOTAL	4.060	200

2.2.1.6 Quadro geral da integralização do curso

Número de Períodos		Créditos por Período		Créditos Exigidos		Carga Horária Exigida	
Máximo	Mínimo	Máximo	Mínimo	Créd. Obrig.	Créd. Opt.	CH Obrig.	CH Opt.
15	10	30	13	194	6	3.870	90



2.2.1.7 Aproveitamento de estudos

O aproveitamento de estudos de componentes curriculares cursados em cursos de graduação autorizados ou reconhecidas no Brasil pelo Ministério da Educação ou oriundos de Instituições estrangeiras de Educação Superior se baseia na aplicação de três critérios básicos de acordo com a resolução nº 021/2007 - CONSEPE; Densidade – identificação da carga horária da disciplina de origem com a da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, no mínimo de setenta e cinco por cento (75%); Qualidade - identificação do conteúdo programático da disciplina de origem com a da UFAM, no mínimo de setenta e cinco por cento (75%); e Adequação - identificação dos objetivos da disciplina de origem com a da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Cabe ao Coordenador do Curso a aplicação desses critérios.



2.2.2 Ementário – Disciplinas obrigatórias

1º Período

SIGLA: ISC030	DISCIPLINA: ANATOMIA HUMANA	
CH: 90	CR: 4.2.2	PR: -
EMENTA		
Anatomia dos sistemas: esquelético, articular, muscular, nervoso, circulatório, respiratório, digestivo, urinário, genital masculino e feminino.		
OBJETIVO		
Proporcionar um estudo teórico-prático da anatomia humana, fundamentado e solidificando um conhecimento que será utilizado em sua vida profissional.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana básica . 2. ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2011. MOORE, Keith L.; DALLEY, Arthur F. Anatomia orientada para a clínica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. SOBOTTA, Johannes; WASCHKE, J.; PAULSEN, Friedrich (Org.). Atlas de anatomia humana . 23. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2012.		
BIBLIOGRÁFIA COMPLEMENTAR		
CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO. Acta Científica. Biologia e Saúde . São Paulo, SP: Centro Universitário Adventista, 2000. DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana sistêmica e segmentar . 3. ed. rev. São Paulo, SP: Atheneu, 2011. GRAY, Henry; GOSS, Charles Mayo. Anatomia . 29. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977-1988. JUNQUEIRA, Lília. Anatomia palpatória: pelve e membros inferiores . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. ROHEN, Johannes W.; YOKOCHI, Chihiro; LÜTJEN-DRECOLL, Elke; WAFABE, Nader. Anatomia humana: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional . 6.ed. Barueri, SP: Manole, 2007.		



1º Período

SIGLA: ISE021	DISCIPLINA: BIOESTATÍSTICA	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR: -
EMENTA		
Estatística Descritiva; Cálculo de Probabilidades; Principais distribuições de frequência; Distribuições amostrais; Estimação; Teste de Hipóteses. Amostragem.		
OBJETIVO		
Compreender as principais ferramentas estatísticas e suas aplicações às ciências biológicas e da saúde.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BUSSAB, Wilton de Oliveira; MORETTIN, Pedro Alberto. Estatística Básica . 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 548p. LARSON, Ron e FARBER, Betsy. Estatística Aplicada . 4. ed. Pearson Editora, São Paulo, 2010. TRIOLA, Mário F. Introdução A Estatística - Atualização da Tecnologia . 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 707p		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BOYER, Carl B. Cálculo . São Paulo: Atual, 1992-95. GLANTZ, Stanton A. Princípios de Bioestatística , 7. ed. Editora McGraw-Hill, Porto Alegre, 2014. LEVINE, David M. Estatística - Teoria e Aplicações - Usando Microsoft Excel . 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 804p. PAGANO, Marcelo; GAUVREAU, Kimberlee. Princípios de Bioestatística . São Paulo: Cengage Learning, 2003. SPIEGEL, M. Probabilidade e Estatística – Coleção Schaum Bookman . 5ed. Reimpressão, Porto Alegre, 2004.		



1º Período

SIGLA: ISC013	DISCIPLINA: BIOLOGIA CELULAR E MOLECULAR	
CH: 90	CR: 5.4.1	PR: -
EMENTA		
<p>Introdução ao estudo das células. Composição química das células: elementos químicos, água e biomoléculas. As classes de biomoléculas: estrutura e função das proteínas, ácidos nucleicos, lipídeos e carboidratos. Estrutura organizacional das células procariontes e eucariontes, células animais x células vegetais x células bacterianas. Compartimentos intracelulares: estrutura e função. Tráfego de vesículas, processos endocíticos, exocitose. Rotas secretoras e endereçamento de proteínas. Modelos de membrana, estrutura e função das membranas biológicas. Transporte através das membranas biológicas. Comunicação celular. Citoesqueleto. Ciclo celular. Núcleo: envoltório nuclear, cromatina, cromossomos. DNA: estrutura, função, replicação, transcrição, tradução.</p>		
OBJETIVO		
<p>Conhecer as bases estruturais, funcionais e organizacionais das células e de seus componentes subcelulares principais, tanto no nível celular quanto no nível molecular.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ALBERTS, B.; BRAY, D.; JOHNSON, A.; LEWIS, J. RAFF, M.; ROBERTS, K.; WALTER, P. Biologia Molecular da Célula. 5 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2010.</p> <p>DE ROBERTIS, E. M. F.; DE ROBERTIS, E. M. F.; HIB, Jose. Bases da biologia celular e molecular. 4. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2006.</p> <p>Nelson, D.L.; COX, M.M. Lehninger princípios de bioquímica. São Paulo: Sarvier, 2006.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>ALBERTS, B. et al. Fundamentos da Biologia Celular. 3ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.</p> <p>ALBERTS, B.; BRAY, D.; JOHNSON, A.; LEWIS, J. RAFF, M.; ROBERTS, K.; WALTER, P. Biologia Molecular da Célula. 4 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.</p> <p>JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular. 9ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2012.</p> <p>POLLARD, T.D.; EARNSHAW, W.C. Biologia Celular. Rio de Janeiro: Elsevier editor, 2006.</p> <p>SCHOR, Nestor. Medicina celular e molecular: v. 1 : bases moleculares da biologia, da genética e da farmacologia. São Paulo, SP: Atheneu, c2003.</p>		



1º Período

SIGLA: ISE007	DISCIPLINA: CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA ENFERMAGEM	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -
EMENTA		
<p>O Curso de Enfermagem no contexto do Amazonas; Aspectos históricos e sociais da Enfermagem do surgimento até os dias atuais; Prática profissional do enfermeiro e o modelo assistencial; Mercado de trabalho para o enfermeiro; Serviços locais de saúde. Estuda a evolução a história da Enfermagem na Europa, na América e no Brasil até os dias atuais. Estuda as entidades de classe e a história do sindicalismo na enfermagem brasileira. A disciplina fornecerá subsídios para refletir sobre a evolução científica da enfermagem.</p>		
OBJETIVO		
Posicionar o acadêmico diante do contexto histórico e social da profissão.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CARRARO, Telma Elisa. Enfermagem e assistência: resgatando Florence Nightingale. Goiânia: AB, 2001.</p> <p>GEOVANINI T.; MOREIRA A.; SCHOELLER, D. MACHADO, W.C.A. História da Enfermagem: versões e interpretações. 3. ed. Editora: Revinter, 2009.</p> <p>OGUISSO, Taka. Trajatória histórica e legal da enfermagem. 2. ed. São Paulo: Manole, 2007.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica. 10ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>CIANCIARULLU, Tamara Iwanow. Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu, 2007.</p> <p>LAPLACA, D.; HARADA, M.J.; PEDREIRA, M.L.G. Promoção da Saúde: Fundamentos e Práticas. Editora: Yendis: 2013.</p> <p>POTTER, Patrícia; PERRY, Anne Griffin. Fundamentos de Enfermagem. 8.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.</p> <p>SOARES, Moisés Souza. Ética e exercício profissional. 2. ed., rev. e ampl. Brasília: ABEAS, 2000.</p>		



1º Período

SIGLA: ISC002	DISCIPLINA: METODOLOGIA DO ESTUDO E DA PESQUISA	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -
EMENTA		
Métodos e técnicas de estudo. Tipos de conhecimento e ciência. Gênese e tipos de métodos científicos. Caracterização e tipos de pesquisa. Tipos de trabalhos científicos e normas de elaboração.		
OBJETIVO		
Proporcionar ao aluno uma visão do instrumental para estudo da metodologia do trabalho científico que possibilitem a aquisição, construção e transmissão do conhecimento.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa . 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2007. LAKATOS, E.M & MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica . 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 2007. RUIZ, J.A. Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos . 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica . 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2003. Haddad, N. Metodologia de estudos em Ciências da Saúde: Como planejar, analisar e apresentar um trabalho científico . São Paulo: Roca, 2004. Medeiros, J. B. Redação Científica: A prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas . 11ª ed. São Paulo: Atlas, 2013. MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde . 11. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2008. SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico . 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.		



1º Período

SIGLA: ISC016	DISCIPLINA: PSICOLOGIA GERAL	
CH: 45	CR: 3.3.0	PR: -
EMENTA		
Introdução à Psicologia. A Psicologia como ciência e profissão. Conceito, objetivo, origem e evolução histórica. Principais escolas psicológicas. Psicologia do desenvolvimento humano. Desenvolvimento e aprendizagem. Introdução ao estudo da personalidade, motivação e emoção. Saúde e doença mental. A psicologia e o profissional de enfermagem.		
OBJETIVO		
Proporcionar ao aluno noções básicas sobre Psicologia Geral e sua aplicabilidade na enfermagem.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BIAGGIO, Ângela M. Brasil. Psicologia do Desenvolvimento . 21 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009. 344p. BOCK, Ana Mercedes Bahia, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia . 14. ed. ampl. São Paulo: Saraiva, 2008. 368p. BRAGHIROLI, Elaine Maria. Psicologia geral . Petrópolis: Vozes, 2010. 235p.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
DATTILIO, F. M.; FREEMAN, A. (Org.). Estratégias cognitivas e comportamentais para intervenção em crises . Porto Alegre: Artmed, 2004. FOUCAULT, M. O Nascimento da clínica . São Paulo: Forense Universitária, 2011. PAPALIA, D. E. et al. Desenvolvimento Humano . 10ª.ed. São Paulo: MC Graw Hill, 2009. TATAGIBA, M. C. Vivendo e aprendendo com grupos: uma metodologia construtivista de dinâmica de grupo . 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2008. WEIL, P. TOMPAKOW, R. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal . 68ª. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011. 288p.		



1º Período

SIGLA: ISC017	DISCIPLINA: QUÍMICA ORGÂNICA	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR: -
EMENTA		
Introdução à Química Orgânica. O Átomo de Carbono. Principais funções orgânicas- Nomenclatura, Propriedades físico-químicas e reacionais. Estereoquímica.		
OBJETIVO		
Fornecer elementos para compreensão dos conceitos fundamentais em orgânica. Discutir as diversas relações entre a estrutura de compostos orgânicos, suas propriedades químicas e físicas, bem como sua reatividade; Relacionar estrutura molecular com função biológica.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BROWN, Theodore L. ; Lemay-Junior, H. Eugene; BURSTEN, Bruce E. Química - A Ciência Central . 9. ed. Editora: Pearson Education, 2005.		
SOLOMONS, T.W. Graham; FRYHLE, Craig B. Química Orgânica - Volume 1 . 10ª edição. Editora: LTC, 2012, p. 698.		
SOLOMONS, T.W. Graham; FRYHLE, Craig B. Química Orgânica - Volume 2 . 10ª edição. Editora: LTC, 2012, p. 644.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BETTELHEIM, Frederick A. ET AL. Introdução à Química Geral, Orgânica e Bioquímica . 1. edição. Editora: Cengage Learning, 2011.		
BRUCE, Paula Yurkanis. Química Orgânica . 4 ed. Editora: Pearson Prentice Hall, 2006.		
CAREY, Francis A. Química Orgânica – Vol.1 . 7ª edição. Editora: Bookman, 2011, p. 788.		
MCMURRY, John. Química Orgânica – Combo . 7. Ed. Editora: Cengage Learning, 2011.		



1º Período

SIGLA: ISE003	DISCIPLINA: SAÚDE E SOCIEDADE	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -
EMENTA		
O conceito de saúde e as políticas de saúde. Saúde como função pública: a relação entre Ciência e Estado. As determinações sociais no planejamento em saúde.		
OBJETIVO		
Discutir o conceito de saúde e suas relações com o Estado; Analisar os determinantes sociais no planejamento em saúde.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ALMDEIDA FILHO, N.. O que é saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.		
BARATA, R. B. Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.		
CZERESINA, D. Os sentidos da saúde e da doença. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 20ª. Ed. Org. e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.		
FOUCAULT, M. O Nascimento da clínica. São Paulo: Forense Universitária, 2011.		
HELMAN, C. G. Cultura, saúde e doença. Tradução Cláudia Buchweitz e Pedro M. Garcez. 4ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.		
PEREIRA, J.C. de M. A explicação sociológica na medicina social. São Paulo: editora UNESP, 2005.		
SOUZA SANTOS, B. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Editora Cortez, 2000.		



2º Período

SIGLA: ISE020	DISCIPLINA: BIOQUÍMICA	
CH: 90	CR: 6.6.0	PR: ISC017
EMENTA		
<p>Água e biomoléculas (estrutura e papel biológico dos carboidratos, lipídios, proteínas, ácidos nucleicos e de suas moléculas formadoras). Enzimas, coenzimas e cinética enzimática. Principais vias metabólicas anabólicas e catabólicas. Integração das vias metabólicas Biossinalização e casos clínicos.</p>		
OBJETIVO		
<p>Fornecer o embasamento bioquímico para a compreensão dos fenômenos que caracterizam a vida a partir do conhecimento dos compostos químicos presentes nos organismos vivos. Será dada ênfase à estrutura e propriedade das moléculas que compõem os seres vivos, como estas se organizam em macromoléculas de interesse biológico e como ocorre o fluxo de energia dentro dos sistemas vivos. Iremos mostrar como a atuação no nível molecular das reações químicas individuais afeta o organismo no nível macroscópico, passando pela a integração das células, tecidos e órgãos.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CAMPBELL, Mary K. Bioquímica. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2001. LEHNINGER, Albert Lester; NELSON, David L.; COX, Michael M. Princípios de bioquímica. São Paulo, SP: Sarvier, 2006. MARZZOCO, Anita; TORRES, Bayardo B. Bioquímica básica. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2007.</p>		
BIBLIOGRÁFIA COMPLEMENTAR		
<p>BERG, Jeremy Mark; TYMOCZKO, John L.; STRYER, Lubert. Bioquímica. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2008. BETTELHEIM, Frederick A. ET AL. Introdução à Química Geral, Orgânica e Bioquímica. 1. edição. Editora: Cengage Learning, 2011. BROWN, Theodore L. ; Lemay-Junior, H. Eugene; BURSTEN, Bruce E. Química - A Ciência Central. 9. ed. Editora: Pearson Education, 2005. BRUICE, Paula Yurkanis. Química Orgânica. 4 ed. Editora: Pearson Prentice Hall, 2006. DEVLIN, Thomas M(Coord.). Manual de bioquímica com correlações clínicas. 3º. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.</p>		



2º Período

SIGLA: ISC006	DISCIPLINA: FISILOGIA HUMANA	
CH 90	CR 5.4.1	PR: ISC030
EMENTA		
<p>Princípios fisiológicos: Introdução aos fenômenos bioelétricos e propagação de potenciais. SISTEMA MUSCULAR: Fisiologia da contração e relaxamento da musculatura esquelética. SISTEMA NERVOSO: Mecanismo do controle neural. Sistema nervoso e hipotálamo. Sono e vigília e sistema nervoso motor. SISTEMA CARDIOVASCULAR: Atividade elétrica cardíaca. Atividade mecânica cardíaca. Dinâmica e regulação do fluxo capilar. Hemodinâmica. Mecanismo de controle da pressão arterial. SISTEMA RESPIRATÓRIO: Volumes e capacidades pulmonares. Ventilação Alveolar. Mecânica da Respiração. Trocas Gasosas. Transporte de Gases. Regulação da Respiração. SISTEMA URINÁRIO: Distribuição dos líquidos corporais. Formação de urina pelos rins. Conceito de depuração. Mecanismo de concentração e diluição de urina. Regulação do volume e da composição de fluido extracelular. Volume Sanguíneo. Regulação de PH do organismo. SISTEMA ENDÓCRINO: Conceito de glândulas endócrinas, principais glândulas e hormônios. SISTEMA DIGESTÓRIO: Fisiologia do aparelho digestório, conceito sobre digestão e absorção, conceito sobre alimentos, características gerais do trato gastrointestinal.</p>		
OBJETIVO		
<p>Propiciar aos alunos conhecimento sobre as respostas fisiológicas humanas agudas ou crônicas. Compreendendo a importância dos mecanismos funcionais e orgânicos para o exercício profissional consciente e humano.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BERNE; R. M.; LEVI., M. N.; KOEPPEN, B. M.; STANTON, B. A. Fisiologia. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.</p> <p>GUYTON, A. C., HALL, J. E. Tratado de fisiologia médica, 12 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.</p> <p>LENT, R. Cem Bilhões de Neurônios: conceitos fundamentais de neurociência. – São Paulo: Editora Atheneu, 2005.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>CINGOLANI, Horacio E.; HOUSSAY, Alberto B. Fisiologia humana de Houssay. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.</p> <p>GANONG, W. F. Fisiologia Médica. 22 ed. Editora: McGraw Hill Brasil, 2006.</p> <p>HANSEN, J. T. H.; KOEPPEN, B. M. Atlas de Fisiologia Humana de Netter. Editora: Elsevier Health Sciences, 2009.</p> <p>RHOADES, R. A.; TANNER, G. A. Fisiologia Médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.p.756.</p> <p>WIDMAIER, E. P. RAFF H., STRANG K T. Vander Fisiologia Humana: os Mecanismos das Funções Corporais. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.</p>		



2º Período

SIGLA: ISC010	DISCIPLINA: HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA	
CH: 90	CR: 5.4.1	PR: ISC013
EMENTA		
A disciplina desenvolve conhecimentos básicos acerca da histogênese e embriogênese humana no que tange a panorâmica dos métodos de estudo da histofisiologia e a morfofisiologia dos tecidos e do embrião, fornecendo-lhe bases para a compreensão dos fenômenos mais complexos, tais como a diferenciação celular na formação dos tecidos básicos, a base para a organogênese e a interação com a embriogênese humana		
OBJETIVO		
Mostrar a visão básica acerca dos eventos envolvidos no processo de desenvolvimento embrionário e fetal humano, bem como acerca dos principais tecidos que formam o organismo humano.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
JUNQUEIRA&CARNEIRO. Histologia Básica . 11ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2008. MOORE, K. L.; PERSAUD, T.V.N. Embriologia clínica . 7ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. STEVENS, A. & LOWE, J. Histologia Humana . 2ed. Editora Manole, 2001.		
BIBLIOGRÁFIA COMPLEMENTAR		
BROWN, T. A. Clonagem gênica e análise de dna : uma introdução. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003. GARCIA, Sonia Maria Lauer et al. Embriologia . 3.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012. LIMA, Celso Piedemonte de. Genética : o estudo da herança e da variação biológica. 6. ed. São Paulo, SP: Ática, 2008. LINHARES, Sérgio de Vasconcellos; GEWANDSZNAJDER, Fernando. Biologia hoje : v. 3: genética, evolução e ecologia: manual do professor. 11. ed. São Paulo: Ática, 2005. ROSS, M.H. et al. Histologia: texto e atlas . 2ed. Editora Panamericana, 1993.		



2º Período

SIGLA: ISC018	DISCIPLINA: INFORMATICA BÁSICA	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -
EMENTA		
Computadores: componentes básicos, funcionalidade e operabilidade. Editores de texto, planilhas eletrônicas, apresentações, redes de computadores: conceitos e serviços.		
OBJETIVO		
Capacitar os discentes para o uso de computadores de forma competente, para produzir texto, planilhas e apresentações. Serão ainda capazes de usar serviços oferecidos pelas redes de computadores, apresentando noções básicas de Windows, Word, Excel, Power Point e internet.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ALVES, William Pereira. Informática fundamental: introdução ao processamento de dados. São Paulo: Ed. Érica, 2010.		
RATHBONE, Andy. Windows 8 para leigos. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2013.		
VELLOSO, Fernando de Castro. Informática: conceitos básicos. 9. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2014.		
BIBLIOGRÁFIA COMPLEMENTAR		
BROOKSHEAR, J. Glenn. Ciência da computação: uma visão abrangente. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013.		
CARVALHO, S.E. R. Introdução a Ciência da Computação. Rio de Janeiro: Campus, 2002.		
RATHBONE, Andy. Windows 8 Para Leigos. 3. ed. Editora: Alta Books, 2013.		
SILVA, Mário Gomes da. Informática - Terminologia - Microsoft Windows 8. Segurança - Microsoft Office Word 2010 - Microsoft Office Excel 2010 - Microsoft Office PowerPoint 2010 - Microsoft Office Access 2010. 1. ed. Editora: Érica, 2012.		
TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Ed. Érica, 2012.		



2º Período

SIGLA: ISE004	DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À SAÚDE COLETIVA	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -
EMENTA		
História das políticas de saúde no Brasil; Princípios diretivos e organizativos do Sistema Único de Saúde – SUS; Processo saúde-doença; Abordagens conceituais do campo da saúde coletiva e saúde pública; A Atenção Primária em Saúde - APS; Estratégia Saúde da Família: aspectos estruturais e organizativos. Planejamento das ações em saúde coletiva.		
OBJETIVO		
Fornecer instrumentos que possibilitem ao aluno conhecer as políticas de saúde no Brasil, identificar a estrutura e organização do SUS. Permitir que o aluno reconheça a Estratégia Saúde da Família como organizadora da Atenção Básica.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
AGUIAR, Z.N. SUS - Antecedentes, Percurso, Perspectivas e Desafios . 2.ed. São Paulo: Martinari, 2015. FIGUEIREDO, N.M.A. TONINI, T. SUS e Saúde da Família para Enfermagem: práticas para o cuidado em saúde coletiva . São Paulo: Yendis, 2011. SOUZA, M.C.M.R.; HORTA, N.C. Enfermagem em Saúde Coletiva - Teoria e Prática . Rio de Janeiro: Guanabara, 2012.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BEDIN, L.P.; PAULINO, L.V; PAULINO, I. Estratégia - Saúde da Família . São Paulo: Ícone, 2013. CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al. Tratado de Saúde Coletiva . 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2012. FIGUEIREDO, N.M.A. Ensinando a Cuidar em Saúde Pública . 2.ed. São Paulo: Yendis, 2012. SANTOS, A.S.; CUBAS, M.R. Saúde Coletiva - Linhas de Cuidado e Consulta de Enfermagem . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. OHARA, E.C.C.S.; SOUZA, R.X. (Orgs). Saúde da Família - Considerações Teóricas e aplicabilidades . 3.ed. São Paulo: Martinari, 2014.		



2º Período

SIGLA: ISC002	DISCIPLINA: PORTUGUÊS INSTRUMENTAL	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR: -
EMENTA		
Leituras, análise e produção textual. Habilidade básica de produção textual: objetividade, clareza, concisão, precisão. Tipos de textos. O relatório, resenha, resumo, linguagem e estrutura, componentes discursivos, apresentação. Objetivos de Leitura. Tipologias textuais. Estudos e práticas da norma culta e escrita: ortografia, acentuação, concordância, regência e colocação pronominal.		
OBJETIVO		
Aperfeiçoar aspectos da fala e escrita padrão para que o estudante possa comunicar melhor situações formais; Desenvolver a capacidade de leitura de textos visando a sua compreensão e produção de novos textos		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CEGALLA, Domingos Paschoal. <i>Novíssima Gramática da Língua Portuguesa</i> . 48ª ed. ver. Editora: Companhia Editora Nacional, 2009. MARTINS, Dileta Silveira; ZIBERKNOP, L. P. Português Instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT . 29. ed. Editora: Atlas, 2010. PAIVA, Marcelo. <i>Redação Discursiva e Oficial</i> . 3ª ed. Brasília: ALUMNUS, 2015.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ANDRADE, M. M.; MEDEIROS, J. B. Comunicação em Língua Portuguesa. Normas Para Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso . 5 ed. Editora: Atlas, 2009. AZEREDO, José Carlos de. Dicionário Houaiss de conjugação de verbos . Editora: Publifolha, 2012. CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo . 6. ed. Editora: Lexikon, 2013. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: o dicionário de língua portuguesa . 8. ed. Editora: Positivo, 2010. MEDEIROS, João Bosco. Português Instrumental: Contém Técnicas de Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso . 10. ed. Editora: Atlas, 2014.		



2º Período

SIGLA: ISE005	DISCIPLINA: PROCESSOS EDUCACIONAIS APLICADOS À SAÚDE	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -
EMENTA		
Contextualização histórico-social da educação. Tendências pedagógicas. As relações da didática e as tendências pedagógicas. Níveis de planejamento educacional e suas instâncias. Planejamento de Ensino: Plano de disciplina; Plano de unidade e Plano de aula. Elementos constitutivos do Plano de Aula. O processo ensino aprendizagem. Conhecimento e método: O ato de ler. Tipos de leitura. O ato de escrever. Resumos. Resenhas. Relatório de pesquisa. O ato de comunicar. Estratégias de ensino.		
OBJETIVO		
Instrumentalizar o aluno para o ato de estudar		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação . 1.ed. São Paulo: Brasilienses, 1981. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante . 8ª ed. São Paulo: Brasilienses, 1990. HADDAD, Nagib. Metodologia de estudo em Ciências da Saúde: Como planejar, analisar e apresentar um trabalho científico . São Paulo: Roca, 2004.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
AMAZONAS. Legislação de ensino : informativo nº 1. Manaus, Am: Governo do Estado, 1997. DEMO, Pedro. Metodologia em ciências sociais . 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1995. KULCSAR, Rosa; SIPAVINICIUS, Nympha Aparecida Alvarenga. A instituição escolar de ensino superior e a integração entre a teoria e a prática pedagógica . São Paulo, SP, 1991. LAKATOS, E.M & MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica . 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 2007. ROCHA, Semiramis Melani Melo. O ensino de pós-graduação em enfermagem no Brasil . São Paulo, SP: Cortez, 1989.		



3º Período

SIGLA: ISE095	DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA DA SAÚDE	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISE003
EMENTA		
Fundamentos da antropologia. Antropologia social e cultural. Antropologia da saúde. Dimensões socioculturais das práticas relativas à saúde. O conceito antropológico de doença. A construção cultural do corpo. Sistemas de saúde. Pesquisa etnográfica.		
OBJETIVO		
Investigação sobre o corpo humano, a saúde e a doença em grupos sociais diferenciados, as esferas tradicionais leigas e profissionais dos sistemas de ação para a saúde.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
FOUCAULT, M. Microfísica do poder . Rio de Janeiro: Graal, 1992. LAPLATINE, F. Antropologia da doença . 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. OLIVEIRA, D. C.; CAMPOS, P. H. F. Representações sociais, uma teoria sem fronteiras . Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2005.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. (ORGS.) Saúde e doença: um olhar antropológico . Rio de Janeiro: editora fiocruz, 1994. CZERESINA, D. Os sentidos da saúde e da doença . Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013. FILHO, N. de A. O que é saúde? Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013. QUEIROZ, M. S. Saúde e doença: um enfoque antropológico . Bauru, SP: EDUSC, 2003. VÍCTORA, C. G. <i>et al.</i> Antropologia Ética: o debate atual no Brasil . Niterói: EDUFF, 2004.		



3º Período

SIGLA: ISE039	DISCIPLINA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISC002; ISE005
EMENTA		
Educação, comunicação e participação. O Projeto Educativo. Elaboração e execução do projeto.		
OBJETIVO		
Instrumentalizar os alunos para o desenvolvimento de práticas educativas em saúde individuais e coletivas que promovam a autonomia e contribuam ao processo de construção da cidadania.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ARROYO, M. G. A atualidade da educação popular. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v.11, n.19, p.129-137, jan./jun. 2002. BERTUSSI, D. Caminhos para a educação permanente. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004. LEITE, Maria Madalena Januário; PRADO, Cláudia; PERES, Heloisa Helena Ciqueto. Educação em saúde: desafios para uma prática inovadora. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2010.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BRASIL. Ministério da Saúde BRASIL. Atlas de saúde do Brasil 2004. Brasília, DF: 2004. BRASIL. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Escola Nacional de Saúde Pública, 1999. ENSAIO: avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Cesgranrio, 1993. PUGA, Zeneida. Educação em saúde na adolescência. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 2002. BRASIL; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Escolas promotoras de saúde: experiências no Brasil. Brasília, DF: Ministério da Saúde: Organização Pan-Americana da Saúde, 2007.		



3º Período

SIGLA: ISE029	DISCIPLINA: EXERCÍCIO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISE007; ISC002
EMENTA		
Legislação profissional da Enfermagem. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Ética e Bioética na enfermagem. Órgãos de classe da enfermagem. Responsabilidade Civil e profissional da enfermagem. Infrações e penalidades ético-legais do exercício profissional de enfermagem.		
OBJETIVO		
Conhecer e compreender a dimensão ético-legal das atividades do enfermeiro no âmbito da pesquisa, dos processos de ensino-aprendizagem e da prática profissional.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ENGELHARDT, H. Tristram. Fundamentos da bioética . 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.		
ÉTICA e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde . Barueri, SP: Manole, 2006.		
OGUISSO, Taka; SCHMIDT, Maria José. O Exercício da Enfermagem: uma abordagem ético-legal . 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BRAGA, Cristiane Giffoni; SILVA, José Vitor da. Teorias de Enfermagem . Editora: Iátria , 2011.		
CARVALHO, Anayde Corrêa. Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976 . Documentário. 2ª ed. Brasília: ABEn Nacional, 2008.		
DINIZ, D.; COSTA, S. Ensaio: bioética . Brasília: Letras brasileira, 2006.		
GELAIN, Ivo. A ética, a bioética e os profissionais de enfermagem . 4ª ed. São Paulo: EPU, 2010.		
OLIVEIRA, Fátima. Bioética: uma face da cidadania . 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.		



3º Período

SIGLA: ISE038	DISCIPLINA: FARMACOLOGIA GERAL	
CH: 90	CR: 6.6.0	PR: ISC006; ISE020
EMENTA		
Conceitos e princípios gerais de farmacologia. Aspectos farmacodinâmicos e farmacocinéticos de drogas. Interação entre drogas e nutrientes. Via de administração de medicamentos. Formas farmacêuticas. Cálculos de administração de medicamentos. Droga-receptor, sinergismo e antagonismo de drogas. Parassimpatomiméticos e simpatolíticos, mediadores químicos da inflamação, antiinflamatórios esteroidais e não esteroidais. Antibióticos. Anestésicos gerais e locais. Reações adversas a medicamentos, prescrição médica.		
OBJETIVOS		
Compreensão dos fundamentos científicos necessários ao uso clínico racional de drogas empregadas no diagnóstico, prevenção e no tratamento de patologia.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
GILMAN, Alfred Goodman,; GOODMAN, Louis Sanford. Goodman & Gilman: as bases farmacológicas da terapêutica . 11. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010 KATZUNG, Bertram G. ((et al.)). Farmacologia básica e clínica . 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010. RANG, H. P. Rang & Dale. Farmacologia . 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2008.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BRASIL Ministério da Saúde. Relação nacional de medicamentos essenciais: RENAME . 4. ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2007. CLAYTON, Bruce D.; STOCK, Yvonne N. Farmacologia na prática de enfermagem . Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. FARMACOLOGIA ilustrada . Porto Alegre: Artmed, 2013. SILVA, Penildon. Farmacologia . 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2006. YAGIELA, John A.; NEIDLE, Enid Anne; DOWD, Frank J. Farmacologia e terapêutica para dentistas . Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2000.		



3º Período

SIGLA: ISE024	DISCIPLINA: IMUNOLOGIA	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISC010; ISC013
EMENTA		
Propriedades gerais das respostas imunes. Imunidade inata. Inflamação e migração celular. Imunidade adquirida. Complexo principal de histocompatibilidade. Imunidade e Rh. Imunidade hormonal. Sistema completo. Sistema ABO e Rh. Imunologia dos transplantes. Reações de hipersensibilidades. Tolerância imunológicas e autoimunidade. Imunodeficiência.		
OBJETIVO		
Proporcionar o aprendizado sobre as células e órgãos envolvidos no Sistema Imunológico, assim como o conhecimento sobre os mecanismos relacionados.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ABBAS, Abul K.; LICHTMAN, Andrew H.; PILLAI, Shiv. Imunologia celular e molecular . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2008. x, 564 p.		
ROITT, Ivan M.; BROSTOFF, Jonathan; MALE, David. Imunologia . 6. ed. São Paulo: Manole, 2003. 423 p.		
ROITT, Ivan M.; DELVES, Peter J. Fundamentos de imunologia . 12. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan; 2013.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BIER, Otto G.; SILVA, Wilmar Dias da. Imunologia básica e aplicada . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2003. 388 p.		
CHAVES, Emília Soares. O papel imunológico e social do leite materno na prevenção de doenças infecciosas e alérgicas na infância . Rev. RENE, Fortaleza, v. 7, n. 3, p. 91-97, set./dez. 2006.		
KONEMAN, Elmer W. Koneman diagnóstico microbiológico: texto e atlas colorido . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2008. xxxv, 1565 p., [138] p.		
S Sarafana, R Coelho, A Neves, JC Trindade . Aspectos da imunologia da gravidez. - Acta Med Port , 2007.		
GALBIATTI, A.L.S et al. Status secretor inferido da fenotipagem eritrocitária do sistema lewis comparado à genotipagem fut2 , vol. 5, número 1, 27/11/09.		



3º Período

SIGLA: ISE006	DISCIPLINA: MICROBIOLOGIA	
CH: 60	CR: 3.2.1	PR: ISC010; ISC013
EMENTA		
Principais microrganismos (bactérias, vírus e fungos) de interesse clínico para o homem, com ênfase na saúde humana (mecanismos de transmissão, patogenia e prevenção das doenças infecciosas).		
OBJETIVOS		
Fornecer ao aluno informações básicas da biologia dos microrganismos, proporcionando condições para o entendimento de aspectos relacionados com a caracterização, nutrição, crescimento dos grupos principais de microrganismos e organismos superiores principalmente com o homem e com os organismos que ele consome.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
PELCZAR, Michael Joseph; CHAN, Eddie Chin Sun; KRIEG, Noel R. Microbiologia: conceitos e aplicações . 2. ed. São Paulo: Makron Books do Brasil: Pearson Education do Brasil, 1997-2010. TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berbell R.; CASE, Christine L. Microbiologia . 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. TRABULSI, Luiz Rachid; ALTERTHUM, Flavio (Ed.). Microbiologia . 5. ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2008.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BURTON, Gwendolyn R. W., (Gwendolyn R. Wilson); ENGELKIRK, Paul G. Microbiologia para as ciências da saúde . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2005. HOFLING, José Francisco; GONÇALVES, Reginaldo Bruno. Microscopia de luz em microbiologia: morfologia bacteriana e fúngica . Porto Alegre, RS: Artmed, 2008. MURRAY, Patrick R.; PFALLER, Michael A.; ROSENTHAL, Ken S.. Microbiologia médica . Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. SCHAECHTER, Moselio et al. (Ed.). Microbiologia: mecanismos das doenças infecciosas . 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2002. VERONESI: tratado de infectologia. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Atheneu, 2010.		



3º Período

SIGLA: ISE023	DISCIPLINA: PARASITOLOGIA	
CH: 60	CR: 3.2.1	PR: ISC013
EMENTA		
Principais parasitoses humanas. Características morfológicas, biológicas e epidemiológicas de parasitos. Sistemática em parasitologia. Estudo teórico e prático dos principais grupos de protozoários, helmintos e artrópodes transmissores e causadores de doenças ao homem. Métodos diagnósticos e terapêuticos das parasitoses.		
OBJETIVO		
Proporcionar a identificação morfológica dos principais patógenos de origem parasitária, assim como o conhecimento de sua biologia e dos métodos de diagnósticos parasitológico.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
AMATO NETO, Vicente et al. (Org.). Parasitologia: uma abordagem clínica . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2008. CIMERMAN, Benjamin; CIMERMAN, Sérgio. Cimerman: parasitologia humana e seus fundamentos gerais . 2. ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2001. NEVES, David Pereira. Parasitologia humana . 11. ed. São Paulo: Atheneu, 2010.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
MURRAY, Patrick R.; PFALLER, Michael A.; ROSENTHAL, Ken S.. Microbiologia médica . Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. NEVES, David Pereira. Parasitologia dinâmica . 2. ed. São Paulo, SP: Atheneu, c2006. PESSÔA, Samuel Barnsley. Parasitologia médica/ Samuel Barnsley Pessôa . 7.ed./rev. aum. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1969. 943p. REY, Luís. Parasitologia: parasitos e doenças parasitárias do homem nas Américas e na África . 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2001. SCHAECHTER, Moselio et al. (Ed.). Microbiologia: mecanismos das doenças infecciosas . 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2002.		



3º Período

SIGLA: ISE035	DISCIPLINA: PATOLOGIA HUMANA	
CH: 90	CR: 4.2.2	PR: ISC006; ISE020; ISC010
EMENTA		
Generalidades sobre Patologia: conceito de doença. Os grandes processos mórbidos (alterações celulares e extracelulares, distúrbios vasculares, processo inflamatório, distúrbios do crescimento e da diferenciação). Prática de microscopia dos processos patológicos.		
OBJETIVO		
Conhecer os processos patológicos gerais - lesão e morte celular, neoplasias, distúrbios do crescimento e diferenciação celular, inflamação, distúrbios hemodinâmicos, imunopatologia - para ter embasamento sobre as bases patológicas das doenças.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
HANSEL, Donna E.; DINTZIS, Renee Z. Fundamentos de patologia . Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2007. KING, Thomas Charles. Patologia . Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. MONTENEGRO MR, FRANCO M. Patologia. Processos Gerais . 4 ed. São Paulo: Ed Atheneu, 2004		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BRASILEIRO FILHO, Geraldo. Bogliolo patologia geral . 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2009. COTRAN, Ramzi S.; KUMAR, Vinay; ROBBINS, Stanley L.; COLLINS, Tucker. Robbins patologia estrutural e funcional . 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2000. HANSEL DE, DIINTZIS RZ. Fundamentos de Rubin. Patologia . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. MITCHELL, Richard N.; ABBAS, Abul K.; FAUSTO, Nelson; ASTER, Jon C. Robbins e Cotran: fundamentos de patologia . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012. RUBIN patologia: bases clinicopatológicas da medicina . Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2006.		



4º Período

SIGLA: ISE040	DISCIPLINA: EPIDEMIOLOGIA	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR: ISE021
EMENTA		
Principais marcos teóricos da epidemiologia. Instrumental básico para o estudo dos agravos à saúde das populações humanas, analisando a distribuição, a frequência e os fatores determinantes dos problemas de saúde, danos e eventos associados à saúde coletiva.		
OBJETIVO		
Introduzir conceitos básicos da epidemiologia descritiva e analítica, fundamentais à compreensão dos procedimentos necessários à investigação epidemiológica.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Sobre o risco: para compreender a epidemiologia. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. MEDRONHO, R. A. Epidemiologia. 2. Ed. São Paulo: Atheneu, 2008. ROUQUAYROL, Maria Zélia; GURGEL, Marcelo. Epidemiologia e Saúde. 7 ed. Editora: Medbook, 2013.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ALMEIDA FILHO, Naomar de; BARRETO, Mauricio L . Epidemiologia e Saúde: Fundamentos, Métodos e Aplicações. 1. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. BONITA, R; BEAGLEHOLE, R.; KJELLSTRÖM, Tord; BEAGLEHOLE, R. Epidemiologia básica. 2. ed. São Paulo, SP: Santos Ed., 2011. DE PAOLA, DOMINGAS. Mecanismos básicos de doenças. 1. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1977. JEKEL, James F.; KATZ, David L.; ELMORE, Joann G. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. 2. ed. Porto Alegre: ArTmed, 2005. PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c1995.		



4º Período

SIGLA: ISE041	DISCIPLINA: GESTÃO EM SAÚDE E EM ENFERMAGEM	
CH: 45	CR: 3.3.0	PR: ISE029
EMENTA		
Teorias de administração. O trabalho da Enfermagem e o processo administrativo-gerencial. Dinâmica organizacional de unidade hospitalar e da unidade básica de saúde. Gestão de recursos materiais na enfermagem. Gestão de recursos humanos de enfermagem. Avaliação de serviços de saúde e de enfermagem. Sistemas de informações em saúde.		
OBJETIVO		
Aplicação dos conhecimentos teóricos da Administração no planejamento, organização e funcionamento dos serviços de enfermagem.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
KURCGANT, Paulina. Gerenciamento em enfermagem . 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. MARQUIS, Bessie L.; HUSTON, Carol J. Administração e liderança em enfermagem: teoria e aplicação . 6.ed. São Paulo: Artmed: 2010. NISHIO, Elizabeth Akemi; FRANCO, Maria Teresa Gomes. Modelo de Gestão em Enfermagem - Qualidade Assistencial e Segurança do Paciente . Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
CHIAVENATO, Idalberto. Administração nos novos tempos - os novos horizontes em administração . 3. Ed. Barueri, SP: Manole, 2014. DOVERA, Themis Maria Dresch da Silveira; SILVA, João Paulo Zimmermann. Administração Aplicada na Enfermagem . GO: AB editora, 2011. MALAGUTTI, William; CAETANO, Karen Cardoso. Gestão do Serviço de Enfermagem no Mundo Globalizado . Rio de Janeiro: Rúbio, 2009. SALU, Ênio Jorge. Administração Hospitalar no Brasil . Barueri, SP: Manole, 2012. TAJRA, Sanmya Feitosa. Gestão Estratégica na Saúde . 4 ed. Editora: Iátria, 2010.		



4º Período

SIGLA: ISE048	DISCIPLINA: SEMIOLOGIA E SEMIOTECNICA DE ENFERMAGEM I	
CH: 180	CR: 9.6.3	PR: ISE005; ISE006; ISC016; ISE023; ISE024; ISE029; ISE035; ISE038
EMENTA:		
Instrumentalização do (a) aluno (a) em relação aos métodos propedêuticos e sua aplicação prática, utilizando o procedimento teórico-práticos de enfermagem necessários ao julgamento clínico e tomada de decisão no processo de cuidar do adulto. Considerações éticas no cuidado. Avaliação física por sistemas e segmentos. Exames complementares.		
OBJETIVO		
Desenvolver habilidades cognitivas, psicomotora e afetiva para o atendimento das necessidades biopsicossociais do indivíduo, família e comunidade, operacionalizando a Sistematização da Assistência de Enfermagem.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
PORTO, Celmo Celeno; PORTO, Arnaldo Lemos (Ed.). Exame clínico: Porto & Porto . 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2012 POTTER, Patricia Ann.; PERRY, Anne Griffin. Fundamentos de Enfermagem . 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2005. SWARTZ, Mark H. Tratado de Semiologia Médica: história e exame clínico . Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ALFARO-LEFEVRE, Rosalinda. Aplicação do processo de enfermagem: promoção do cuidado colaborativo . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de Enfermagem: Aplicação à prática clínica . 11ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2009. FISCHBACH, Frances; DUNNING III, Marshall Barnett. Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos . Oitava Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. JARVIS, Carolyn. Exame Físico e Avaliação de Saúde . Rio de Janeiro; 3ª Ed.; Guanabara Koogan, 2002. OWEN, Epstein, PERKIN, G.D. Exame Clínico . Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.		



4º Período

SIGLA: ISE049	DISCIPLINA: SEMIOLOGIA E SEMIOTECNICA DE ENFERMAGEM II	
CH: 90	CR: 3.0.3	PR: ISE005; ISE006; ISC016; ISE023; ISE024; ISE029; ISE035; ISE038
EMENTA:		
Aplicação prática utilizando o procedimento teórico-práticos de enfermagem necessários ao julgamento clínico e tomada de decisão no processo de cuidar do adulto. Considerações éticas no cuidado. Avaliação física por sistemas e segmentos. Exames complementares.		
OBJETIVO		
Aplicar habilidades cognitivas, psicomotora e afetiva para o atendimento das necessidades biopsicossociais do indivíduo, família e comunidade, operacionalizando a Sistematização da Assistência de Enfermagem.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
PORTO, Celmo Celeno; PORTO, Arnaldo Lemos (Ed.). Exame clínico: Porto & Porto . 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2012 POTTER, Patricia Ann.; PERRY, Anne Griffin. Fundamentos de Enfermagem . 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2005. SWARTZ, Mark H. Tratado de Semiologia Médica: história e exame clínico . Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ALFARO-LEFEVRE, Rosalinda. Aplicação do processo de enfermagem: promoção do cuidado colaborativo . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de Enfermagem: Aplicação à prática clínica . 11ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2009. FISCHBACH, Frances; DUNNING III, Marshall Barnett. Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos . Oitava Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. JARVIS, Carolyn. Exame Físico e Avaliação de Saúde . Rio de Janeiro; 3ª Ed.; Guanabara Koogan, 2002. OWEN, Epstein, PERKIN, G.D. Exame Clínico . Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.		



4º Período

SIGLA: ISE057	DISCIPLINA: SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISE029; ISE039
EMENTA		
Base legal e teórica para sistematização da assistência de enfermagem. Instrumentos básicos da enfermagem; Processo de enfermagem; Classificação internacional para a prática de enfermagem. Taxonomia: NANDA.		
OBJETIVO		
Conhecer integralmente as teorias de enfermagem, para compreensão do processo de enfermagem, com vista a aplicabilidade da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) como ferramenta indispensável no trabalho do enfermeiro.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica. 10ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. CIANCIARULLU, Tamara Iwanow. Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu, 2007. LEWIS, Sharon Mantik et al. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica: avaliação e assistência dos problemas clínicos. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2013.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
COFEN, Conselho Federal de enfermagem. Resolução COFEN nº 358/2009. Disponível em: < http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-3582009_4384.html >. Acesso em: 11 abr. 2015. GEORGE, Julia B. Teorias de Enfermagem: os fundamentos à prática profissional. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. HORTA, Wanda de Aguiar. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU, 1979. MARION Johnson e Cols. Ligações entre NANDA, NOC E NIC. Diagnósticos, Resultados e Intervenções. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. NORTH AMERICAN NURSING ASSOCIATION. Diagnósticos de Enfermagem da NANDA: definições e Classificações. 2009. Porto Alegre. Artmed, 2010.		



5º Período

SIGLA: ISE 056	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO ADULTO I	
CH: 90	CR: 6.6.0	PR: ISE 057; ISE041; ISE048; ISE049
EMENTA		
<p>Estudo teórico aplicado ao fenômeno da fisiopatologia dos órgãos, relacionados ao atendimento das necessidades de saúde do indivíduo no seu contexto sociocultural, aplicando os princípios da metodologia da assistência de enfermagem, numa visão holística frente a situações clínicas geradas por afecções (agudas, crônicas e malignas) dos diversos sistemas orgânicos em nível de promoção, prevenção e recuperação da saúde. Humanização da assistência de enfermagem no pré, trans e pós-operatório; princípios de esterilização e assepsia perioperatória. Estrutura, organização e gerenciamento do centro cirúrgico.</p>		
OBJETIVO		
<p>Capacitar o acadêmico para o cuidado de enfermagem em situações clínicas e cirúrgicas e oferecer a ele base técnico-científica no desenvolvimento das intervenções sistematizadas de enfermagem.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>DIRKSEN, Shannon Ruff; HEITKEMPER, Margaret McLean; CAMERA, Ian M; LEWIS, Sharon L; BUCHER, Linda. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica Avaliação e Assistência dos problemas clínicos. 8 ed. Elsevier: Rio de Janeiro, 2013.</p> <p>FIGUEIREDO, Nébia et al. Tratado de Cuidados de Enfermagem Médico-Cirúrgico - 2 Volumes. São Paulo: Roca, 2012.</p> <p>SMELTZER, S.C; BARE, B. G. Brunner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Guanabara Koogan. 10ª Ed. V01, 02. Rio de Janeiro, 2005.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>CARPENITO, L. J. Manual de Diagnósticos de Enfermagem. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.</p> <p>FISCHBACH, Frances; DUNNING III, Marshall Barnett. Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos. Oitava Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.</p> <p>JARVIS, Carolyn. Exame Físico e Avaliação de Saúde. Rio de Janeiro; 3ª Ed.; Guanabara Koogan, 2002.</p> <p>Robbins e Cotran. Fundamentos de patologia. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012.</p> <p>SANTOS, Nívea Cristina Moreira. Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem. São Paulo: Iátria, 2003.</p>		



5º Período

SIGLA: ISE 058	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO ADULTO II	
CH: 150	CR: 5.0.5	PR: ISE 057; ISE041; ISE048; ISE049
EMENTA		
Estudo prático ao fenômeno fisiopatológico relacionado ao atendimento das necessidades do indivíduo adulto, aplicando a sistematização da assistência de enfermagem (SAE), no âmbito da área da clínica médica, pré, trans e pós-operatório.		
OBJETIVO		
Capacitar o acadêmico para a prática do cuidado de enfermagem em situações clínicas e cirúrgicas e oferecer a ele base técnico-científica no desenvolvimento das intervenções sistematizadas de enfermagem.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
DIRKSEN, Shannon Ruff; HEITKEMPER, Margaret McLean; CAMERA, Ian M; LEWIS, Sharon L; BUCHER, Linda. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica Avaliação e Assistência dos problemas clínicos . 8 ed. Elsevier: Rio de Janeiro, 2013. FIGUEIREDO, Nébia et al. Tratado de Cuidados de Enfermagem Médico-Cirúrgico - 2 Volumes . São Paulo: Roca, 2012. SMELTZER, S.C; BARE, B. G. Brunner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico-cirúrgica . Guanabara Koogan. 10ª Ed. V01, 02. Rio de Janeiro, 2005.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
CARPENITO, L. J. Manual de Diagnósticos de Enfermagem . 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. FISCHBACH, Frances; DUNNING III, Marshall Barnett. Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos . Oitava Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. JARVIS, Carolyn. Exame Físico e Avaliação de Saúde . Rio de Janeiro; 3ª Ed.; Guanabara Koogan, 2002. Robbins e Cotran. Fundamentos de patologia . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012. SANTOS, Nívea Cristina Moreira. Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem . São Paulo: Iátria, 2003.		



5º Período

SIGLA: ISE054	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NO PROCESSO DE CUIDAR EM DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS I	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR: ISE040; ISE041; ISE048; ISE049
EMENTA		
Fundamentos técnicos - científicos da assistência de enfermagem ao indivíduo, família ou comunidade, susceptível ou portador de doenças transmissíveis e infectocontagiosas de importância epidemiológica no país, com ênfase naquelas mais prevalentes no Amazonas.		
OBJETIVO		
Proporcionar ao aluno situações de ensino-aprendizagem que o habilite conhecer o processo de enfermagem no cuidado ao indivíduo, família ou comunidade com transtornos infecciosos e transmissíveis, destacando as principais características envolvidas no processo saúde-doença.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BELDA JR., Walter. Doenças sexualmente transmissíveis . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. BRASIL Ministério da Saúde. Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso . 8. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010. VERONESI: Tratado de infectologia . 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Atheneu, 2010.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
AMATO NETO, Vicente; BALDY, Jose Luis da Silveira (editor). Doenças transmissíveis . 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978. BRASIL Ministério da Saúde. Guia para o controle da hanseníase . Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002. FARHAT, Calil Kairalla. Infectologia pediátrica . São Paulo: Atheneu, 1993. RACHID, Marcia; SCHECHTER, Mauro. Manual de HIV/AIDS . Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2008. SCHAECHTER, Moselio et al. (Ed.). Microbiologia: mecanismos das doenças infecciosas . 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2002.		



5º Período

SIGLA: ISE055	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NO PROCESSO DE CUIDAR EM DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS II	
CH: 30	CR: 1.0.1	PR: ISE040; ISE041; ISE048; ISE049
EMENTA		
Prática da assistência de enfermagem ao indivíduo, família ou comunidade, susceptível ou portador de doenças transmissíveis e infecto contagiosas de importância epidemiológica no país, com ênfase naquelas mais prevalentes no Amazonas.		
OBJETIVO		
Aplicar o processo de enfermagem no cuidado ao indivíduo, família ou comunidade com transtornos infecciosos e transmissíveis, destacando as principais características envolvidas no processo saúde-doença.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BELDA JR., Walter. Doenças sexualmente transmissíveis . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. BRASIL Ministério da Saúde. Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso . 8. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010. VERONESI: Tratado de infectologia . 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Atheneu, 2010.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
AMATO NETO, Vicente; BALDY, Jose Luis da Silveira (editor). Doenças transmissíveis . 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978 BRASIL Ministério da Saúde. Guia para o controle da hanseníase . Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002. FARHAT, Calil Kairalla. Infectologia pediátrica . São Paulo: Atheneu, 1993. RACHID, Marcia; SCHECHTER, Mauro. Manual de HIV/AIDS . Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2008. SCHAECHTER, Moselio et al. (Ed.). Microbiologia: mecanismos das doenças infecciosas . 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2002.		



5º Período

SIGLA: ISE059	DISCIPLINA: PROCESSAMENTO DE ARTIGOS E SUPERFÍCIES HOSPITALARES	
CH: 45	CR: 2.1.1	PR: ISE057; ISE041; ISE048; ISE049
EMENTA		
<p>Sistema no âmbito hospitalar relacionado ao serviço da Central de Material de Esterilização C.M. E, com definições á artigos e superfícies hospitalares e sua prática regulamentadora de acordo com os critérios estabelecidos, utilizando os procedimentos teórico-práticos de enfermagem e necessidades estrutural, organizacional, na prevenção do controle das infecções por materiais cirúrgicos e de todas as áreas assistenciais dentro do serviço hospitalar dando qualidade aos procedimentos invasivos e inalatórios com considerações éticas no cuidado.</p>		
OBJETIVO		
<p>Expôr a importância e a relevância do serviço da enfermagem na atuação, supervisão, coordenação no âmbito da C.M. E relacionados a artigos e superfícies hospitalares, facilitando a objetividade da assistência e segurança do serviço hospitalar, através de temas temáticos e práticos contextualizando grandes literaturas, artigos científicos e normativas atuais em melhoria do aprendizado na aplicação de deveres e direitos da atuação do enfermeiro no serviço da C.M.E.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>COUTO, Renato Camargos; PEDROSA, Tânia Maria Grillo. Guia prático de controle de infecção hospitalar: epidemiologia, controle e tratamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.</p> <p>LACERDA, Rúbia Aparecida (Coord.). Controle de infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias. São Paulo, SP: Atheneu, 2003.</p> <p>POSSARI, João Francisco. Centro de material e esterilização: planejamento, organização e gestão. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Látria, 2010.</p>		
BIBLIOGRÁFIA COMPLEMENTAR		
<p>CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. <i>Diagnósticos de Enfermagem: Aplicação à prática clínica</i>. 11ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.</p> <p>CARRARO, Telma. <i>Metodologias para assistência de enfermagem</i>. Goiânia, AB, 2001.</p> <p>Práticas recomendadas SOBEC. 6ª ed. São Paulo, SP: SOBEC- Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização; São Paulo: Manole, 2013.</p> <p>SANTOS, Nívea Cristina Moreira. Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem. São Paulo: Iátria, 2003.</p> <p>SMELTZER, S.C; BARE, B. G. Brunner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Guanabara Koogan. 10ª Ed. V01, 02. Rio de Janeiro, 2005.</p>		



6º Período

SIGLA: ISE063	DISCIPLINA: ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL I	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISE038; ISC016; ISE048; ISE041; ISE049
EMENTA		
Relacionamento profissional e ações de saúde mental no processo de cuidar em enfermagem. Conceitos, princípios e instrumentos básicos para o cuidar no campo da saúde mental e da área de enfermagem em Saúde Mental.		
OBJETIVO		
Integrar o aluno de graduação em enfermagem no contexto histórico, social e legal da saúde mental, proporcionando conhecimentos a partir de situações de ensino e aprendizagem, que permitem compreender e desenvolver o cuidado em saúde mental.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. TOWNSEND, Mary C.; CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2002. VIDEBECK, Sheila L. Enfermagem em saúde mental e psiquiatria. Porto Alegre: Artmed, 2012.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas: Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005. ENFERMAGEM psiquiátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2006. HALES, Robert E.; YUDOFSHY, Stuart C.; GABBARD, Glen O. Tratado de Psiquiatria Clínica. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. SADOCK, Benjamim James; SADOCK, Virginia Alcott. Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e psiquiatria clínica. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro de; HORTA, Natália de Cássia (Org.). Enfermagem em saúde coletiva: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.		



6º Período

SIGLA: ISE064	DISCIPLINA: ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL II	
CH: 30	CR: 1.0.1	PR: ISE038; ISC016; ISE048; ISE041; ISE049
EMENTA		
A enfermagem na terapêutica psiquiátrica a portadores de transtornos mentais e seus familiares, por meio da utilização da comunicação e do relacionamento terapêutico.		
OBJETIVO		
Aplicar o processo de enfermagem no cuidado ao indivíduo e/ou família com transtorno mental, destacando as principais características envolvidas no processo saúde doença.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. TOWNSEND, Mary C.; CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2002. VIDEBECK, Sheila L. Enfermagem em saúde mental e psiquiatria. Porto Alegre: Artmed, 2012.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas: Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005. ENFERMAGEM psiquiátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2006. HALES, Robert E.; YUDOFSHY, Stuart C.; GABBARD, Glen O. Tratado de Psiquiatria Clínica. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. SADOCK, Benjamim James; SADOCK, Virginia Alcott. Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e psiquiatria clínica. 9 ed. Porto Alegre: Artemed, 2007. SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro de; HORTA, Natália de Cássia (Org.). Enfermagem em saúde coletiva: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.		



6º Período

SIGLA: ISE 065	DISCIPLINA:: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE I	
CH: 90	CR: 6.6.0	PR: ISE056; ISE058; ISE059
EMENTA		
Assistência de enfermagem à criança recém-nascida. Estudo do crescimento e desenvolvimento da criança e os fundamentos de assistência de enfermagem à criança sadia e hospitalizada, os processos patológicos na pediatria, nas diversas faixas etárias em nosso meio, considerando a sistematização de enfermagem pediátrica. Assistência à Criança no Aspecto Social e Familiar.		
OBJETIVO		
Capacitar o aluno no conhecimento teórico científico, bem como práticas laboratoriais, para realizar o cuidado centrado na criança e família, fundamentado em conhecimento científico, desenvolvimento atitude ética, que respeita individualidade e integridade do ser humano.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BOWDEN, V.R.; GREENBERG, C.S. Procedimentos de Enfermagem Pediátrica . 3ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. TAMEZ, R.N.; SILVA, M.J.P. Enfermagem na UTI neonatal: assistência ao recém-nascido de alto risco . 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. WHALEY & WONG. Enfermagem Pediátrica. Elementos essenciais à intervenção efetiva . 5 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S.A., 1999.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BORGES, A.V.L.; FUJIMORI, E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica . Barueri: Manole, 2009. MARCONDES, E. Pediatria Básica. Pediatria geral e neonatal . 9 ed. São Paulo: SARVIER, 2003. SABATES, A.L.; ALMEIDA, F.A. Enfermagem pediátrica: a criança, o adolescente e sua família no hospital . Barueri, SP: Manole, 2007. SANTOS, N.C.M. Assistência de enfermagem materno-infantil . São Paulo: Iatria, 2004. SOCIEDADE DE PEDIATRIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Arquivos Brasileiros de Pediatria . Rio de Janeiro, RJ: Científica Nacional, 1993.		



6º Período

SIGLA: ISE 066	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE II	
CH: 90	CR: 3.0.3	PR: ISE056; ISE058; ISE059
EMENTA		
Assistência de enfermagem à criança recém-nascida, considerando seus direitos-aspectos éticos, morais, políticos em relação com sua saúde, programas de atenção; a semiologia pediátrica e a atuação do enfermeiro; o crescimento e desenvolvimento infantil formas e procedimentos para o seu acompanhamento; a neonatologia – supervisão do recém-nascido e intervenções e recursos para manutenção de sua saúde; a administração de medicamentos em pediatria; a sistematização da assistência de enfermagem em pediatria; a hospitalização pediátrica; os agravos e riscos à saúde da criança e as disfunções em pediatria.		
OBJETIVO		
Implementar o cuidado centrado na criança e família, fundamentado em conhecimento científico, desenvolvendo atitude ética, que respeita individualidade e integridade do ser humano, tendo como norteadores na realização de suas práticas os códigos éticos normativos da profissão.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BOWDEN, V.R.; GREENBERG, C.S. Procedimentos de Enfermagem Pediátrica . 3ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. TAMEZ, R.N.; SILVA, M.J.P. Enfermagem na UTI neonatal: assistência ao recém-nascido de alto risco . 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. WHALEY & WONG. Enfermagem Pediátrica. Elementos essenciais à intervenção efetiva . 5 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S.A., 1999.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BORGES, A.V.L.; FUJIMORI, E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica . Barueri: Manole, 2009. MARCONDES, E. Pediatria Básica. Pediatria geral e neonatal . 9 ed. São Paulo: SARVIER, 2003. SABATES, A.L.; ALMEIDA, F.A. Enfermagem pediátrica: a criança, o adolescente e sua família no hospital . Barueri, SP: Manole, 2007. SANTOS, N.C.M. Assistência de enfermagem materno-infantil . São Paulo: Iatria, 2004.		



6º Período

SIGLA: ISE067	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER I	
CH: 90	CR: 6.6.0	PR: ISE056; ISE058; ISE059
EMENTA		
Situação de saúde da mulher no contexto político-sócio-cultural e os programas oficiais vigentes, Aspectos anátomo-fisiopatológicos e psicológicos da mulher durante a gravidez, trabalho de parto e puerpério; fundamentação e implementação das ações básicas de saúde da gestante, parturiente e puérpera e a participação da enfermagem no processo assistencial. Preparar o acadêmico para a assistência de enfermagem durante o climatério.		
OBJETIVO		
Proporcionar ao aluno situações de ensino/aprendizagem de enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Mulher.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CARVALHO, Geraldo Mota de. Enfermagem em Ginecologia . 1 edição revisada e ampliada. São Paulo. EPU, 2004. LEVENO, Kenneth J. et al. Manual de Obstetrícia de Williams . 21. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. MONTENEGRO, Carlos Antônio Barbosa; REZENDE FILHO, Jorge de. Obstetrícia Fundamental . 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BARROS, Sônia Maria Oliveira de. et al. Enfermagem Obstétrica Ginecológica: Guia para a prática assistencial . São Paulo: Roca Ltda, 2002. BRASIL. Cadernos de atenção básica estratégia saúde da família . Brasília, 2000. BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção ao pré-natal de baixo risco . Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Séria A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, nº 32). CARPENITO, L. J. Manual de Diagnósticos de Enfermagem . 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. SMELTZER, S.C; BARE, B. G. Brunner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico-cirúrgica . Guanabara Koogan. 10ª Ed. V01, 02. Rio de Janeiro, 2005.		



6º Período

SIGLA: ISE068	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER II	
CH: 90	CR: 3.0.3	R: ISE056; ISE058; ISE059
EMENTA		
Compreensão da dinâmica das práticas e políticas de saúde relacionadas à mulher. Prepara o aluno para prestar uma assistência sistematizada e humanizada à mulher nas diferentes etapas do seu desenvolvimento, com postura ética e humanitária, utilizando os princípios técnico-científicos apreendidos e integrando o conhecimento de pesquisa ao cuidado da mulher no seu contexto familiar e social.		
OBJETIVO		
Proporcionar ao aluno situações de ensino/aprendizagem de enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Mulher.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CARVALHO, Geraldo Mota de. Enfermagem em Ginecologia . 1 edição revisada e ampliada. São Paulo. EPU, 2004. LEVENO, Kenneth J. et al. Manual de Obstetrícia de Williams . 21. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. MONTENEGRO, Carlos Antônio Barbosa; REZENDE FILHO, Jorge de. Obstetrícia Fundamental . 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.		
BIBLIOGRÁFIA COMPLEMENTAR		
BARROS, Sônia Maria Oliveira de. et al. Enfermagem Obstétrica Ginecológica: Guia para a prática assistencial . São Paulo: Roca Ltda, 2002. BRASIL. Cadernos de atenção básica estratégia saúde da família . Brasília, 2000. BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção ao pré-natal de baixo risco . Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Séria A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, nº 32). CARPENITO, L. J. Manual de Diagnósticos de Enfermagem . 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. SMELTZER, S.C; BARE, B. G. Brunner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico-cirúrgica . Guanabara Koogan. 10ª Ed. V01, 02. Rio de Janeiro, 2005.		



7º Período

SIGLA: ISE076	DISCIPLINA: ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA I	
CH: 90	CR: 6.6.0	PR: ISE004; ISE040; ISE065; ISE066; ISE067; ISE068
EMENTA		
SUS; Pacto pela saúde; Controle social; Estratégia saúde da família; Ações programáticas em saúde estabelecida pelo Ministério da Saúde; Sistematização da assistência de enfermagem em saúde coletiva; Classificação Internacional para as práticas de enfermagem em saúde coletiva (CIPESC); Tópicos de saúde ambiental.		
OBJETIVO		
Oferecer um referencial teórico/prático que permita a compreensão e desenvolvimento de uma análise crítica que possibilite ao aluno intervir no indivíduo, família e coletividade a partir de um planejamento sistematizado, com vista a promover o direito à saúde na promoção, prevenção e recuperação da saúde.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al. Tratado de Saúde Coletiva . 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2012. SANTOS, Álvaro da Silva; CUBAS, Marcia Regina. Saúde Coletiva - Linhas de Cuidado e Consulta de Enfermagem . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro de; HORTA, Natália de Cássia. Enfermagem Em Saúde Coletiva - Teoria e Prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
MILLÃO, Luzia Fernandes; FIGUEIREDO, Maria Renita Burg. Enfermagem em Saúde Coletiva - Volume 1 . Editora: Difusão, 2012. PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA-FILHO, Naomar de. Saúde Coletiva - Teoria e Prática . Editora: MedBook, 2013. ROCHA, Aristides Almeida; CESAR, Chester Luiz Galvão; RIBEIRO, Helena. Saúde Pública: Bases Conceituais . 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2013. ROCHA, Juan Stuardo Yazlle. Manual de Saúde Pública e Saúde Coletiva No Brasil . São Paulo: Atheneu, 2012. SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Saúde Pública: Autoavaliação e Revisão . 4 ed. São Paulo: Atheneu, 2012.		



7º Período

SIGLA: ISE077	DISCIPLINA: ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA II	
CH: 90	CR: 3.0.3	PR: ISE004; ISE040; ISE065; ISE066; ISE067; ISE068
EMENTA		
Sistematização da assistência de enfermagem em saúde coletiva; Classificação Internacional para as práticas de enfermagem em saúde coletiva (CIPESC); Tópicos de saúde ambiental. SUS; Pacto pela saúde; Controle social; Estratégia saúde da família; Ações programáticas em saúde estabelecida pelo Ministério da Saúde.		
OBJETIVO		
Aplicar a teoria através das atividades práticas que permita a compreensão e desenvolvimento de uma análise crítica, possibilitando ao aluno intervir no indivíduo, família e coletividade a partir de um planejamento sistematizado, com vista a promover o direito à saúde na promoção, prevenção e recuperação da saúde		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al. Tratado de Saúde Coletiva . 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2012. SANTOS, Álvaro da Silva; CUBAS, Marcia Regina. Saúde Coletiva - Linhas de Cuidado e Consulta de Enfermagem . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro de; HORTA, Natália de Cássia. Enfermagem Em Saúde Coletiva - Teoria e Prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
MILLÃO, Luzia Fernandes; FIGUEIREDO, Maria Renita Burg. Enfermagem em Saúde Coletiva - Volume 1 . Editora: Difusão, 2012. PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA-FILHO, Naomar de. Saúde Coletiva - Teoria e Prática . Editora: MedBook, 2013. ROCHA, Aristides Almeida; CESAR, Chester Luiz Galvão; RIBEIRO, Helena. Saúde Pública: Bases Conceituais . 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2013. ROCHA, Juan Stuardo Yazlle. Manual de Saúde Pública e Saúde Coletiva No Brasil . São Paulo: Atheneu, 2012. SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Saúde Pública: Autoavaliação e Revisão . 4 ed. São Paulo: Atheneu, 2012.		



7º Período

SIGLA: ISE069	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL NA SAÚDE DO IDOSO	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR: ISE067; ISE068
EMENTA		
Conceitos de gerontologia e geriatria. Perfil epidemiológico do idoso no Brasil e no mundo. Processo saúde-doença e o envelhecimento. Qualidade de vida na terceira idade. Papel do idoso na família e na sociedade. Cuidados de enfermagem ao idoso sadio e enfermo.		
OBJETIVO		
Compreender o processo de envelhecimento de acordo com sua etiologia fisiológica e/ou patológica, enfocando sempre o processo de cuidar em enfermagem neste ciclo de vida.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
GERIATRIA e gerontologia. Rio de Janeiro, RJ: Reichmann & Autores Editores, 2005. PAPALÉO N. M. Tratado de Gerontologia. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2007. ROACH S. S. Introdução à Enfermagem Gerontológica. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2003.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BRASILEIRO, M. Enfermagem saúde do Idoso. Goiana: AB, 2005. CANTERA, I. R.; DOMINGO, P. L. Guias práticos de enfermagem Geriatria. Mcgraw Hill Interamericana do Brasil: Rio de Janeiro, 2000. DIOGO, M.J.D.; DUARTE, Y.A.O. Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico. São Paulo: Atheneu, 2005. SMELTZER, S. C., BARE, B. G. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica, 10ª ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 2005. REITAS, E. V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.		



7º Período

SIGLA: ISE075	DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISC002; ISE005; ISE002
Fases e elementos do Projeto de pesquisa. Normas técnicas para elaboração de projeto de pesquisa, Tipos de estudos. Referencial bibliográfico. Formas de coleta de dados, análise, discussão e divulgação dos resultados.		
OBJETIVO		
Propiciar a demonstração do grau de habilitação adquirido durante o curso, o aprofundamento temático, o estímulo à produção científica, à consulta de bibliografia especializada e o aprimoramento da capacidade de interpretação e crítica, que oportunize ao aluno a vivência do processo de elaboração e execução de uma pesquisa geradora de novos conhecimentos.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa . 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2007.		
LAKATOS, E.M & MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica . 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 2007.		
RUIZ, J.A. Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos . 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
GONÇALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2003.		
Haddad, N. Metodologia de estudos em Ciências da Saúde: Como planejar, analisar e apresentar um trabalho científico . São Paulo: Roca, 2004.		
Medeiros, J. B. Redação Científica: A prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas . 11ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.		
MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde . 11. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2008.		
SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico . 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.		



8º Período

SIGLA: ISE079	DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL AO PACIENTE DE ALTA COMPLEXIDADE	
CH: 75	CR: 4.3.1	PR: ISE059; ISE056; ISE058
EMENTA		
Aspectos Gerenciais de Enfermagem em Alta Complexidade. Assistência de Enfermagem ao Paciente de Alta Complexidade ao Paciente com Acometimentos Respiratórios, Cardiovasculares, Gastrointestinais, Neurológicos, Metabólicos/Sistemáticos, Renal e Urinária.		
OBJETIVO		
Possibilitar o desenvolvimento de conhecimentos para o gerenciamento e aplicação do processo de enfermagem na assistência ao paciente adulto em situações de urgência/emergência e em unidade de terapia intensiva, por meio do reconhecimento de sinais/sintomas e das atuações na prevenção dos danos e complicações resultantes dos desvios das funções do organismo.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
GUIMARÃES, Hélio Penna; LOPES, Renato Delascio; LOPES, Antonio Carlos. Tratado de medicina de urgência e emergência: pronto-socorro e UTI. São Paulo: Atheneu, 2010. KNOBEL, Elias. Condutas no paciente grave. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2010. URDEN, Linda Diann; STACY, Kathleen M.; LOUGH, Mary E. Cuidados intensivos em enfermagem. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2013.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BAIRD, Marianne Saunorus; BETHEL, Susan. Manual de Enfermagem no Cuidado Crítico: intervenções de enfermagem e condutas colaborativas. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. BRUNO, Paulo; OLDENBURG, Cyntia. Enfermagem em Pronto-Socorro. 9 reimpr. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010. CINTRA, Eliane Araújo; NISHIDE, Vera Médice; NUNES, Wilma Aparecida. Assistência de Enfermagem ao Paciente Gravemente Enfermo. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2011. FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; VIEIRA, Álvaro Alberto de Bittencourt. Emergência: atendimento e cuidados de enfermagem. 4 ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2011. PADILHA, Katia Grillo - VATTIMO, Maria de Fátima Fernandes - SILVA, Sandra Cristine da - KIMURA, Miako - WATANABE, Mirian. Enfermagem em UTI: Cuidando do Paciente Crítico. 2 ed. Manole, 2016.		



8º Período

SIGLA: ISE099	DISCIPLINA: SAÚDE DAS POPULAÇÕES AMAZÔNICAS	
CH: 60	CR: 3.2.1	PR: ISE004; ISE003; ISE095
MENTA		
<p>Populações Amazônicas. Etnias que compõem os povos indígenas da Amazônia. Conceitos básicos para compreensão da cultura e das práticas de saúde e cura dos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos da Amazônia. Morbimortalidade e transição epidemiológica. Modelo de atenção à saúde. Políticas públicas de saúde. Práticas sanitárias dos profissionais de saúde. Gestão de sistemas locais de saúde. Cuidado antropológico de Enfermagem na saúde dos povos amazônicos.</p>		
OBJETIVO		
<p>Promover nos alunos a compreensão e reflexão acerca dos processos de saúde e doença e seus fatores condicionantes, considerando as especificidades antropológicas, socioculturais, econômicas e ambientais dos povos amazônicos.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BARROS, Armando Martins de; CARVALHO, Fábio Almeida de; FONSECA, Isabel Maria (Org.). Escritos sobre educação e saúde indígenas. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2012.</p> <p>CARDOSO, Thiago Mota. O Saber biodiverso: práticas e conhecimentos na agricultura indígena do baixo rio Negro. Manaus, AM: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2010.</p> <p>TIERNEY, Patrick. Trevas no Eldorado: como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia e violentaram a cultura ianomâmi. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>BARROSO, SC. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: a dinâmica sociopolítica para acesso a bens e serviços. Manaus: EDUA, 2015.</p> <p>CHAVES, MPSR, Santiago JL. Inovação, desenvolvimento e sustentabilidade na Amazônia. Manaus: EDUA, 2014.</p> <p>FRAXE, TJP, Pereira HS, Witkoski AC (Org.). Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA; 2007.</p> <p>GARNELO L, PONTES AL (Org). Saúde Indígena: uma introdução ao tema. Brasília: MEC-SECADI, 2012.</p> <p>LUCIANO GS. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação - LACED/Museu Nacional, 2006.</p>		



8º Período

SIGLA: ISE089	DISCIPLINA: SUPORTE BÁSICO DE VIDA PARA O ENFERMEIRO	
CH: 60	CR: 3.2.1	PR: ISE059; ISE056; ISE058
Epidemiologia das urgências e emergências. Modalidades, competência e atribuições no atendimento às urgências e emergências. Aspectos éticos e legais. Suporte básico de vida. Cinemática do trauma. Assistência de enfermagem nas emergências traumáticas e clínicas.		
EMENTA		
Desenvolver habilidades para a aplicação do processo de enfermagem na assistência ao paciente adulto frente às situações de urgência e emergência.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
NAEMT. National Association of Emergency Medical Technicians. PHTLS – Atendimento Pré-Hospitalar ao Traumatizado . Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. SANTOS, Marcio Neres dos; SOARES, Odon Melo (Org.). Urgência e emergência na prática de enfermagem . Porto Alegre: Moriá, 2014. SOUSA, Lucila Medeiros Minichello de. Suporte básico à vida . São Paulo, SP: 2014.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica . 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. CUELLAR ERAZO, Guillermo A.; PIRES, Marco Tulio Baccarini. Manual de urgências em pronto socorro . 3.ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1990. BERGERON, J. David; BIZJAK, Glória; KRAUSE, George W.; LE BAUDOUR, Chris. Primeiros socorros . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007. GUIMARÃES, Hélio Penna; LOPES, Renato Delascio; LOPES, Antonio Carlos. Tratado de medicina de urgência e emergência: pronto-socorro e UTI . São Paulo: Atheneu, 2010. PRIMEIROS socorros: fundamentos e práticas na comunidade, no esporte e ecoturismo. São Paulo: Atheneu, 2005.		



8º Período

SIGLA: ISE100	DISCIPLINA: VIGILÂNCIA EM SAÚDE	
CH: 60	CR: 3.2.1	PR: ISE059; ISE076; ISE077
EMENTA		
Conceitos de epidemiologia e sua aplicação em Vigilância em Saúde. A vigilância como instrumento em saúde coletiva. Sistemas de vigilância em saúde. Níveis de intervenção em saúde coletiva (epidemiológico, sanitário e ambiental). Modelos assistenciais e Vigilância da Saúde no SUS. Vigilância Epidemiológica: investigação de surtos e epidemias. Vigilância sanitária: ações e intervenções; Vigilância ambiental: avaliação de impacto e riscos em saúde ambiental. Sistemas de Informação e de Vigilância em Saúde.		
OBJETIVO		
Capacitar os graduandos sobre os princípios básicos do Sistema Nacional de Vigilância em Saúde, visando prover conhecimentos necessários ao julgamento e a implementação qualitativa da vigilância em saúde.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BONITA, R Et al. Epidemiologia básica . 2. ed. São Paulo, SP: Santos Ed., 2011. 213p. CORRÊA, Maria Juliana Moura; Pinheiro, Tarcísio Márcio Magalhães; Merlo, Álvaro Roberto Crespo. Vigilância Em Saúde do Trabalhador No Sistema Único de Saúde - Teorias e Práticas . Editora: Coopmed, 2013. JEKEL, James F.; KATZ, David L.; ELMORE, Joann G. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva . 2 ed. Porto Alegre: ArTmed, 2005.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ALMEIDA-MURADIAN, Ligia Bicudo de; PENTEADO, Marilene De Vuono Camargo. Vigilância sanitária: tópicos sobre legislação e análise de alimentos . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2007. BRASIL Ministério da Saúde FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). Guia de vigilância epidemiológica . 6. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006-2007. CORRÊA, Maria Juliana Moura; PINHEIRO, Tarcísio Márcio Magalhães; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Org.). Vigilância em saúde do trabalhador no sistema único de saúde: teorias e práticas . Belo Horizonte: COOPMED, 2013. GERMANO, Pedro Manuel Leal; GERMANO, Maria Izabel Simões. Higiene e vigilância sanitária de alimentos: qualidade das matérias-primas, doenças transmitidas por alimentos, treinamento de recursos humanos . 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2008. VAUGHAN, J.P.; MORROW, R.H. Epidemiologia para municípios: manual para gerenciamento dos distritos sanitários . São Paulo, SP: Hucitec, 1992.		



9º Período

SIGLA: ISE101	DISCIPLINA: ESTAGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I	
CH: 420	CR: 14.0.14	PR: ISE100; ISE099; ISE089
EMENTA		
<p>Estágio Supervisionado a ser cumprido por alunos do Curso de Bacharelado em Enfermagem em uma das áreas de atuação profissional do enfermeiro. Participar ativamente da administração de enfermagem e a organização dos serviços da rede pública de saúde das Unidades Hospitalares (maternidades, hospitais gerais e especializados, clínicas).</p>		
OBJETIVO		
<p>Capacitar o aluno para o desempenho profissional de modo independente e global, aplicando os conhecimentos teórico-práticos de enfermagem em situações concretas de trabalho; Participando no processo administrativo da assistência e do gerenciamento na unidade de internação em clínica médica, cirúrgica, ginecológica e obstétrica e saúde pública.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BOWDEN, V.R.; GREENBERG, C.S. Procedimentos de Enfermagem Pediátrica. 3ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. CARPENITO, L. J. Manual de Diagnósticos de Enfermagem. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. LEWIS, Sharon Mantik et al. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica: avaliação e assistência dos problemas clínicos. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2013. MONTENEGRO, Carlos Antônio Barbosa; REZENDE FILHO, Jorge de. Obstetrícia Fundamental. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>GONÇALVES, A. M. P. TANUURE, M. C. Sistematização da Assistência de Enfermagem- Guia Prático. Ed : Guanabara Koogan, 2000. GUYTON, A. C; HALL, J. E. Tratado de Fisiologia Médica. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. MITCHELL, Richard N.; ABBAS, Abul K.; FAUSTO, Nelson; ASTER, Jon C. Robbins e Cotran: fundamentos de patologia . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012. MONTENEGRO, Carlos Antônio Barbosa; REZENDE FILHO, Jorge de. Obstetrícia Fundamental. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. PORTO, Celmo C. Exame Clínico. 6ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. POSSARI, João Francisco. Centro de Material e Esterilização – planejamento e Gestão. 3ª ed., São Paulo: Iátria, 2007. SABATÉS, A.L.; ALMEIDA, F.A. Enfermagem pediátrica: a criança, o adolescente e sua família no hospital. Barueri, SP: Manole, 2007. SWARTZ, Mark H. Tratado de semiologia médica. 5ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.</p>		



9º Período

SIGLA: ISE102	DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISE078
EMENTA		
Elaboração, execução e apresentação do trabalho de conclusão de curso.		
OBJETIVO		
Desenvolver e apresentar o trabalho de conclusão de curso.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa . 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2007.		
LAKATOS, E.M & MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica . 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 2007.		
RUIZ, J.A. Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos . 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
GONÇALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2003.		
Haddad, N. Metodologia de estudos em Ciências da Saúde: Como planejar, analisar e apresentar um trabalho científico . São Paulo: Roca, 2004.		
Medeiros, J. B. Redação Científica: A prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas . 11ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.		
MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde . 11. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2008.		
SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico . 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.		



10º Período

SIGLA: ISE102	DISCIPLINA:: ESTAGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II	
CH: 420	CR: 14.0.14	PR: ISE101
EMENTA		
<p>Estágio Supervisionado a ser cumprido por alunos do Curso de Bacharelado em Enfermagem em uma das áreas de atuação profissional do Enfermeiro. Participar ativamente da administração de enfermagem e a organização dos serviços da rede pública de saúde das: Unidades Básicas de Saúde (UBS), Unidade Básica Distrital de Saúde, Vigilância à saúde – vigilância sanitária, epidemiológicas e ambiental, e dos programas assistenciais preconizados pelo Ministério da Saúde – criança, adolescente, mulher, adulto, idoso, doenças crônicas degenerativas, infectocontagiosas e família. Prestar assistência de enfermagem nos programas da saúde da família desenvolvidos pelo serviço público municipal.</p>		
OBJETIVO		
<p>Capacitar o aluno para o desempenho profissional de modo independente e global, ampliando e adequando os conhecimentos técnico-científicos na prática profissional, através de sua inserção em situação concreta de trabalho. Proporcionar a participação do aluno no processo administrativo dos serviços de saúde, garantindo à qualidade da assistência de enfermagem prestada a população, favorecendo o desenvolvimento da competência técnico-científica, humanística e atitude crítica, considerando o perfil epidemiológico-sanitário e a situação socioeconômica política e cultural da população.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BOWDEN, V.R.; GREENBERG, C.S. Procedimentos de Enfermagem Pediátrica. 3ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.</p> <p>CARPENITO, L. J. Manual de Diagnósticos de Enfermagem. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.</p> <p>LEWIS, Sharon Mantik et al. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica: avaliação e assistência dos problemas clínicos. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2013.</p> <p>MONTENEGRO, Carlos Antônio Barbosa; REZENDE FILHO, Jorge de. Obstetrícia Fundamental. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>BARROS, Sônia Maria Oliveira de. et al. Enfermagem Obstétrica Ginecológica: Guia para a prática assistencial. São Paulo: Roca Ltda., 2002.</p> <p>BORGES, A.L.V.; FUJIMORI, E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole, 2009.</p> <p>BRASIL. Cadernos de atenção básica estratégia saúde da família. Brasília, 2000.</p> <p>COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2008.</p> <p>MALTA DC, MORAIS NETO OL, SILVA JUNIOR JB. Apresentação do plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis no Brasil, 2011 a 2022. Epidemiol Serv Saude . 2011; 20(4):425-38.</p> <p>SMELTZER, S.C; BARE, B. G. Brunner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Guanabara Koogan. 10ª Ed. V01, 02. Rio de Janeiro, 2005.</p>		



2.2.3 Ementário – Disciplinas Optativas

SIGLA: ISE016		DISCIPLINA: BIOÉTICA	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -	
EMENTA			
Evolução conceitual de Bioética. Temas emergentes e persistentes da Bioética.			
OBJETIVO			
Favorecer uma construção, em conjunto ao aluno, de um perfil encaminhado, para reflexão ética sobre agir do profissional nas diferentes dimensões dos serviços de saúde, e no confronto humano entre vida e morte, saúde e doença, à luz do “ethos” das profissões de saúde.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
ENGELHARDT, H. Tristram. Fundamentos da bioética . 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. ÉTICA e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde . Barueri, SP: Manole, 2006. OGUISSO, Taka; SCHMIDT, Maria José. O Exercício da Enfermagem: uma abordagem ético-legal . 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
BRAGA, Cristiane Giffoni; SILVA, José Vitor da. Teorias de Enfermagem. Editora: Iátria , 2011. CARVALHO, Anayde Corrêa. Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976 . Documentário. 2ª ed. Brasília: ABEn Nacional, 2008. DINIZ, D.; COSTA, S. Ensaio: bioética . Brasília: Letras brasileira, 2006. GELAIN, Ivo. A ética, a bioética e os profissionais de enfermagem . 4ª ed. São Paulo: EPU, 2010. OLIVEIRA, Fátima. Bioética: uma face da cidadania . 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISE012		DISCIPLINA: BIOSSEGURANÇA	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -	
EMENTA			
Conceito e princípios de biossegurança. Barreiras de contenção na biossegurança. Níveis de biossegurança. Estrutura e organização do laboratório. Mapa de risco e riscos físicos. Roteiro de inspeção de segurança.			
OBJETIVO			
Proporcionar ao aluno a visão de que a biossegurança refere-se a aplicação do conhecimento, técnicas e equipamentos com a finalidade de prevenir a exposição do trabalhador, laboratório e ambiente a agentes potencialmente infecciosos ou biorriscos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
CORINGA, Josias do Espírito Santo. Biossegurança . Curitiba: Livro Técnico, 2010. HINRICHSEN, Sylvia Lemos. Biossegurança e controle de infecções: risco sanitário hospitalar . Rio de Janeiro: Medsi, 2004. MASTROENI, Marco Fábio. Biossegurança aplicada a laboratórios e serviços de saúde . 2. ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2006.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
CARRARO, Telma. <i>Metodologias para assistência de enfermagem</i> . Goiânia, AB, 2001. LACERDA, Rúbia Aparecida (Coord.). Controle de infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias . São Paulo, SP: Atheneu, 2003. MARTINS, Adriana Sotero et al. Biossegurança no contexto da saúde . São Paulo, SP: Iátria, 2013. HIRATA, Mário Hiroyuki; HIRATA, Rosário Dominguez Crespo; MANCINI FILHO, Jorge, (Ed.). Manual de biossegurança . 2.ed. rev. ampl. Barueri, SP: Manole, 2012. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Manual de segurança biológica em laboratório . 3. ed. Genebra, Suíça: OMS, 2004.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISE104		DISCIPLINA:: ENFERMAGEM NA SAÚDE DO TRABALHADOR	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -	
EMENTA			
Higiene e segurança do trabalho. Homem/atividade/meio. Conceitos fundamentais em enfermagem do trabalho. Riscos Ocupacionais. CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). Ergonomia. EPI (Equipamentos de Proteção Individual). Acidente de Trabalho. Aspectos humanos, sociais e econômicos. Algumas questões atuais dos trabalhos da saúde.			
OBJETIVO			
Instrumentalizar o aluno para que o mesmo seja capaz de relacionar aspectos específicos da saúde do trabalhador, conhecer as funções da equipe de enfermagem, e ao final, reconhecer como um desafio possível a saúde do trabalhador.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
CARVALHO, Geraldo Mota de; BRASIL, Betina Gerken et al. Enfermagem do trabalho . São Paulo, SP: E.P.U. 2001. CORRÊA, Maria Juliana Moura; PINHEIRO, Tarcísio Márcio Magalhães; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Org.). Vigilância em saúde do trabalhador no sistema único de saúde: teorias e práticas . Belo Horizonte: COOPMED, 2013. SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro de; HORTA, Natália de Cássia (Org.). Enfermagem em saúde coletiva: teoria e prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
BRASIL Ministério da Saúde. Lista de doenças relacionadas ao trabalho: Portaria nº 1.339/GM, de 18 de novembro de 1999 . 2. ed. Brasília: 2005. SOARES, Cassia Baldini; CAMPOS, Celia Maria Sivalli (Org.). Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem . Barueri, SP: Manole, c2013. SANTOS, Álvaro da Silva; CUBAS, Marcia Regina. Saúde coletiva: linhas de cuidado e consulta de enfermagem . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012. CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Tratado de saúde coletiva . 2. ed. São Paulo, SP: Hucitec; Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2009. CARVALHO, Geraldo Mota. Enfermagem do Trabalho . Ed. Pedagógica e Universitária LT. 2009.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISE105		DISCIPLINA:: FUNDAMENTOS DE ASSISTÊNCIA AO PACIENTE	
CH: 60	CR: 3.2.1	PR: -	
EMENTA			
Características Definidoras para a elaboração do Diagnóstico de Enfermagem. Precauções Padrão na assistência de enfermagem. Conteúdos básicos da Semiologia e semiotécnica de Enfermagem. Registro e documentação de Enfermagem.			
OBJETIVO			
Refletir sobre aspectos gerais que envolvem as questões éticas relacionadas ao cuidado de Enfermagem. Realizar coleta de dados através da observação, entrevista e exame físico como primeira etapa da Metodologia Científica Aplicada à Ciência de Enfermagem. Realizar o exame físico geral e o exame físico específico do indivíduo sadio e as anotações dos cuidados.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
CIANCIARULLO, Tamara Iwanow et al. (Org.). Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo, SP: Atheneu, 1996-2007. POTTER, Patricia Ann.; PERRY, Anne Griffin. Fundamentos de enfermagem. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2006. SMELTZER, S. C., BARE, B. G. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica , 10 ^a ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 2005.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
ALFARO-LEFEVRE, Rosalinda. Aplicação do processo de enfermagem: promoção do cuidado colaborativo. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. JOHNSON, Marion. Ligações NANDA NOC-NIC: condições clínicas: suporte ao raciocínio e assistência de qualidade. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012. NETTINA, Sandra M. Prática de enfermagem. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2007. METODOLOGIAS para assistência de enfermagem: teorizações, modelos e subsídios para a prática. Goiânia, GO: AB ed., 2001.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISE085		DISCIPLINA: GENÉTICA BÁSICA	
CR: 2.2.0	CH: 30	PR: ISC013	
EMENTA			
História da genética. Estrutura, organização e função do DNA e RNA. Mecanismos de alteração e de regulação gênica. Estudo das bases genéticas do aparecimento e transmissão das diferentes características humanas, bem como das principais doenças e síndromes genéticas. Variação genética em indivíduos e em populações. Genética de distúrbios de interesse para o profissional da Enfermagem. Ética em Genética.			
OBJETIVO			
Compreender, identificar e interpretar os processos genéticos normais e patológicos, objetivando a aplicação dos mesmos no campo da Enfermagem.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
BORGES-OSÓRIO, Maria Regina; ROBINSON, Wanyce Miriam. Genética humana . 2. ed. Porto Alegre: Artmed, c2001. JORDE, Lynn B. Genética médica . Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. SNUSTAD, D. Peter; SIMMONS, Michael J. Fundamentos de genética . Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2008. THOMPSON, James S.; THOMPSON, Margaret W. Genética médica . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, c2008.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
MILLÃN, Armando. Os melhores problemas de genética: clássica e molecular . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, c2007. PASTERNAK, Jack J. Uma introdução à genética molecular humana: mecanismo das doenças hereditárias . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2007. READ, Andrew; DONNAI, Dian. Genética clínica: uma nova abordagem . São Paulo: Artmed, 2008. SALLES, Cecília Almeida. Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação . 3. ed. rev. São Paulo: EDUC, 2008. YOUNG, Ian D. Genética médica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2007. 259 p. ISBN 85-277-1235-0			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISC001		DISCIPLINA: : INGLÊS INSTRUMENTAL	
CR: 4.4.0	CH: 60	PR: -	
EMENTA			
Estudo do discurso de textos autênticos de interesse geral e específico: noções e funções do texto. Estratégias de leitura. Análise do sistema linguístico-gramatical da língua inglesa. Estudo de informações contidas em gráfico, quadros estatísticos e diagramas.			
OBJETIVO			
Aperfeiçoar a capacidade dos estudantes em ler textos didáticos e técnicos em língua inglesa, especialmente textos de enfermagem.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
GRELLET, f. <i>Developing Reading Skills</i> . Cambridge: Cambridge University Press, 1996. HUTCHINSON, T & WATERS, A. <i>English for Specific Purposes</i> . Cambridge: Cambridge University Press, 1998. SOKOLIK, M.E. <i>Rethinking America 3: an advanced cultural reader</i> . Boston: Heinle & Heinle, 1999.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
FERRO, Jefferson. Around the world : introdução à literatura em língua inglesa. 3. Ed. Curitiba: IBPEX, 2010. MINETT, Dominic Charles. Legal english: english for intenational lawyers . São Paulo: Disal, 2005. MUNHOZ, Rosangela. Inglês intrumental : estratégias de leitura – módulo I. São Paulo, Texto novo, 2000. OXFORD. Dicionário Oxford escolar : para estudantes brasileiros de inglês. 2. Ed. São Paulo; Oxford do Brasil, 2010. SWAN, Michel & WALTER, Catherine. <i>How English Works a grammar practice book</i> . Oxford: Oxford University Press, 1997.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISC005		DISCIPLINA:: LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR:	
EMENTA			
História de educação do surdo. Abordagens metodológicas. Introdução à língua de sinais. Estrutura gramatical, expressão corporal. Dramatização e música do seu papel para a comunidades surda. Legislação. Política de educação inclusiva.			
OBJETIVO			
Estudar a estrutura da língua de sinais nos níveis fonológicos e morfossintáticos.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte (Ed.). Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em Libras . 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2004-2005. v. ISBN 9788531408267 (v. 1).			
QUADROS, Ronice Müller de; PROGRAMA NACIONAL DE APÓIO À EDUCAÇÃO DE SURDOS (BRASIL). O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa . Brasília: MEC, 2003. 94 p.			
SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima BRASIL. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica . Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2004. 2 v.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
ALBRES, Neiva de Aquino. NEVES, Sylvia Lia Grespan. De sinal em sinal: comunicação em Libras para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares . São Paulo: FENEIS, 2008.			
ALBRES, Neiva de Aquino. Surdos & Inclusão educacional . Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010.			
BRASIL. Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000 .			
FELIPE, Tania A. MONTEIRO, Myrna S. Libras em contexto: curso básico: livro do aluno . 5 ed. Brasília: MEC/SEESP, 2006.			
GESSER. Audrei. Libras?: que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda . São Paulo: Parábola Editorial, 2009.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISC033		DISCIPLINA: METODOLOGIA NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM	
CH: 60	CR: 4.4.0	PR: -	
EMENTA			
Metodologia da assistência. Histórico de enfermagem. Diagnóstico de enfermagem. Metodologia do cuidado. Processo de enfermagem. Processo de cuidado. Consulta de enfermagem. Sistematização da assistência de enfermagem.			
OBJETIVO			
Oferecer ao discente respaldo, segurança e direcionamento para o desempenho das atividades assistenciais de enfermagem por meio de uma análise dialética para o exercício do diagnóstico, prescrição e avaliação do resultado da assistência de enfermagem.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
CRUZ, Andréa Porto da ((Org.)). Curso didático de enfermagem . 7. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2011. METODOLOGIAS para assistência de enfermagem: teorizações, modelos e subsídios para a prática. Goiânia, GO: AB ed., 2001. NETTINA, Sandra M. Prática de enfermagem . 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2007.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
ALFARO-LEFEVRE, Rosalinda. Aplicação do processo de enfermagem: promoção do cuidado colaborativo . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica . 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. ENSINANDO a cuidar de clientes em situações clínicas e cirúrgicas . São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2003. HORTA, Wanda de Aguiar. Processo de enfermagem . São Paulo: EDUSP, 1979. JOHNSON, Marion. Ligações NANDA NOC-NIC: condições clínicas: suporte ao raciocínio e assistência de qualidade . Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISE084		DISCIPLINA: MICROBIOLOGIA MÉDICA	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: ISE006	
EMENTA			
Processamento de amostras biológicas em microbiologia: coleta, transporte e conservação. Técnicas microscópicas aplicadas à microbiologia. Bacteriologia clínica: infecções pulmonares, orofaringe, trato gastrointestinal, urogenital, pele e anexos, sangue.			
OBJETIVO			
Habilitar o aluno a fazer diagnóstico laboratorial de infecções bacteriana e fúngicas em espécimes clínicas, isolando e identificando dos principais grupos bacterianos e fúngicas relacionados com as infecções humanas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berbell R.; CASE, Christine L. Microbiologia . 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.			
TRABULSI, Luiz Rachid; ALTERTHUM, Flavio (Ed.). Microbiologia . 5. ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2008.			
VERONESI: Tratado de infectologia . 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Atheneu, 2010.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
BROOKS, George F.; JAWETZ, Ernest; ADELBERG, Edward A.; MELNICK, Joseph L. Jawetz, Melnick & Adelberg Microbiologia médica . 21. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2000.			
BURTON, Gwendolyn R. W., (Gwendolyn R. Wilson); ENGELKIRK, Paul G. Microbiologia para as ciências da saúde . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2005.			
KONEMAN, Elmer W. Koneman diagnóstico microbiológico: texto e atlas colorido . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2008.			
MICROBIOLOGIA . 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.			
SCHAECHTER, Moselio et al. (Ed.). Microbiologia: mecanismos das doenças infecciosas . 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, c2002.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISE027		DISCIPLINA: SAÚDE AMBIENTAL	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -	
EMENTA			
Ecologia e Política Mundial; população e meio ambiente; saneamento do meio ambiente; destino do lixo e dos dejetos; medidas de controles dos vetores e roedores e a relação destes fatores no processo saúde doença.			
OBJETIVO			
Compreender e discutir a transformação do espaço ambiental pela sociedade e seu impacto nos indicadores ambientais e entender a relação com a saúde humana.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Departamento de Apoio à Descentralização. Diretrizes operacionais: pactos pela vida, em defesa do SUS e de gestão. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.			
DESENVOLVIMENTO e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003.			
GUATTARI, Félix. As três ecologias . 17. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
ALCANTARA, Lúcio. Desenvolvimento sustentável . Brasília: 2000.			
MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários a educação do futuro . São Paulo: Cortez, 2001.			
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE. Acetone . Geneva: World Health Organization, 1998.			
ROSNAY, Joel de. O Homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio . Petrópolis: Vozes, 1997.			
ROUQUAYROL, Maria Zélia, ALMEIDA FILHO, Naomar. Epidemiologia e saúde . Rio de Janeiro: Medsi, 2003.			



Disciplina Optativa

SIGLA: ISC011		DISCIPLINA: SOCIOLOGIA GERAL	
CH: 30	CR: 2.2.0	PR: -	
EMENTA			
A Sociologia no campo das Ciências Sociais. Procedimentos Metodológicos. Principais teóricos, fundadores, mudanças estruturais – sociedade industrial; cultura e sociedade.			
OBJETIVO			
Entender a relação homem/sociedade; Conhecer o contexto social do surgimento da Sociologia; Estudar os principais teóricos da Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber; Propiciar ao aluno a análise de temas como modernidade, cultura e globalização; Compreender as implicações sociais que contribuíram para a formação da sociedade contemporânea, a partir da análise de seus principais intérpretes.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
BERGER, P. L. T. A construção social da realidade . 12ª. Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995.			
GUARESCHI, P. Sociologia crítica – alternativas de mudanças . 55ª. Ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.			
OLIVEIRA, P. S. Introdução à Sociologia . 24ª. Ed. São Paulo: Ed. Ática, 2003			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade . 12ª. Reimpressão. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 1995.			
CASTELLS, M. A sociedade em rede . Vol. II, 3ª. Ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.			
CASTELLS, M. O poder da identidade . Vol. III, 3ª. Ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001.			
GIDDENS, A. As consequências da Modernidade . 5ª. Reimpressão. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.			
PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In SAWAIA, B. (Org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social . Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997 (67-86).			



2.3 Organização Didático-Pedagógica

2.3.1. Princípios orientadores do processo de ensino e aprendizagem e da avaliação

A avaliação da aprendizagem é um processo dinâmico e contínuo de repensar a prática pedagógica, constituindo-se em uma ferramenta construtiva de melhorias e inovações, identificadora de possibilidades, orientação, escolhas e tomada de decisões, conhecimento agregado, atitudes, habilidades e competências adquiridas no decorrer do processo de formação do aluno.

O Curso de Enfermagem está centrado em um conjunto de métodos que proporcionam aos alunos o enriquecimento como cidadãos ativos no processo de ensino e aprendizagem. Este projeto pedagógico deverá buscar a formação integral e adequada do aluno por meio da integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência.

2.3.2. Procedimentos de Acompanhamento e de Avaliação dos Processos de Ensino-Aprendizagem

a) Avaliação da aprendizagem

A metodologia da avaliação da aprendizagem definida no currículo do Curso de Enfermagem pressupõe a articulação dos professores no planejamento e no encaminhamento das atividades, estabelecendo critérios, formas e instrumentos de avaliação da aprendizagem dos alunos. O aluno poderá requerer a verificação da nota de exercícios escolares, quanto lhe parecer existir lapso no cômputo de notas atribuídas às provas ou exercícios. Estes procedimentos tomarão por base os critérios de avaliação vigentes na UFAM, para os Cursos de Graduação e também nas Normas Complementares estabelecidas pela Resolução 032/2017 – CONSEPE.

b) A recuperação da aprendizagem

A recuperação da aprendizagem consiste em realizar estudos dirigidos, acompanhando os discentes no decorrer do semestre, buscando reforços



juntamente com os monitores das disciplinas e realizando exercícios contínuos. Além disso, existem as discussões em grupos relacionados aos temas propostos no conteúdo programático de cada disciplina, gerando discussões que objetivem em revisar os conteúdos para as avaliações existentes.

2.3.2.1. Sistema de avaliação do processo de ensino e aprendizagem

O Curso de Graduação em Enfermagem se utiliza o sistema de avaliação regulamentado no Regimento da UFAM, para avaliar o desempenho acadêmico. A apuração do rendimento escolar é feita por componente curricular, abrangendo o aproveitamento, que deverá redundar em média igual ou superior a 5,0 (cinco) e a frequência, que deverá ser igual ou superior a 75%. O aluno, com frequência inferior a 75%, será considerado automaticamente reprovado.

$$MEE = \frac{EE_1 + EE_2 + \dots + EE_n}{N}$$

$$MF = \frac{(MEE \times 2) + PF}{3}$$

Onde: EE_1, EE_2, \dots, EE_n = Exercícios Escolares Parciais

N = Número de Exercícios Escolares Parciais

MEE = Média dos Exercícios Escolares Parciais

PF = Prova Final

MF = Média Final

É vedado expressamente abonar faltas ou compensá-las por tarefas especiais, exceto nos casos previstos em lei. Aprovado em todos os componentes curriculares, o aluno é promovido para o semestre seguinte, sendo considerado periodizado; Reprovado em disciplina que seja pré - requisito para o próximo semestre o aluno fica retido, ou desperiodiza, devendo matricular-se no semestre seguinte, somente naquelas em que a disciplina que ficou reprovado, não seja pré-requisito. O aluno só poderá cursar



novamente a disciplina em que ficou reprovado no semestre em que for oferecida novamente, quando continuará seu curso normalmente.

A avaliação do aluno é feita em todos componentes curriculares com Prática Curricular Supervisionada, abrangendo o aproveitamento e a frequência, que deverá ser igual ou superior a 75%, no total da carga horária da disciplina. A avaliação do desempenho do aluno é realizada continuamente, considerando-se aspectos pré-determinados pelos docentes em cada componente curricular, contidos em instrumento de avaliação. O aproveitamento do aluno na Prática Curricular Supervisionado é expresso por nota de eficiência, na escala de 0 (zero) a 10 (dez).

2.3.2.2. Sistema de avaliação do projeto do curso

O projeto pedagógico do curso será revisado, avaliado e atualizado pelo Núcleo Docente Estruturante do Curso de Enfermagem com as seguintes atribuições:

- ✓ Contribuir para a consolidação do perfil do egresso dos cursos de graduação;
- ✓ Zelar pela observância da aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação;
- ✓ Observar, contribuir e acompanhar a implantação, o desenvolvimento, avaliação e reestruturação do projeto pedagógico;
- ✓ Propor formas de incentivo ao desenvolvimento da pesquisa e da extensão articuladas às necessidades da graduação e à área de conhecimento do curso;
- ✓ Realizar a avaliação do PPC a cada 02 anos, incluindo a participação de egressos do curso.

2.3.3. *O processo de construção do conhecimento em sala de aula*

O curso de graduação em Enfermagem será desenvolvido através de procedimentos teóricos metodológicos necessários ao processo de ensino-aprendizagem, entendendo como processo interativo e multidimensional, no qual a aprendizagem é entendida como a construção do conhecimento e, o comportamento como formação pessoal e global.



A diferente metodologia do ensino desenvolvida durante o curso tem como base a utilização de estratégias de intervenção, de modo a favorecer a eficácia das práticas pedagógicas. A organização do trabalho dos alunos implica observação das especificidades individuais, contextuais e seu desenvolvimento em grupo. O tempo, o espaço, os recursos e os materiais promovem o sucesso deste processo. No gerenciamento destes aspectos, a avaliação progressiva e compartilhada é um aspecto relevante, pois regula a prática pedagógica.

O Instituto Saúde e Biotecnologia em Coari, localizado no Estado do Amazonas, se firma num local que constrói ativamente uma identidade não só em seus aspectos administrativo e acadêmico, mas também em nova dimensão da prática científica.

2.3.4. *Atividades acadêmico científico-culturais (AACC)*

As *Atividades Acadêmico Científico-Culturais (AACC)* deverão ser incrementadas durante todo o Curso de Graduação em Enfermagem e as Instituições de Ensino Superior deverão criar mecanismos de aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas Independentes presenciais e/ou à distância.

A formação complementar propicia uma adequação do saber específico a outro que complemente. As atividades complementares são mecanismos de aproveitamento de saberes adquiridos pelo discente em atividades de iniciação científica iniciação à docência, extensão, participação em eventos ou programas científicos e/ou culturais.

Os acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem do ISB devem realizar uma carga mínima de 100 horas As AACC, a qual está de acordo com a Resolução nº18/2007- CEG/CONCEPE da Universidade Federal do Amazonas, que regulamenta as Atividades Complementares dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Amazonas, e descrita na **Normatização das Atividades Acadêmico Científico-Culturais (AACC)** (Apêndice 3.5).



2.3.5. Atividades de pesquisa, produção científica e extensão

Os alunos poderão durante a graduação participar de atividades de pesquisa e extensão, através dos programas desenvolvidos dentro da UFAM, com apoio de agências de fomento locais e nacionais. Dentre as atividades podemos destacar a participação do discente em projetos de iniciação científica, projetos de pesquisa institucionalizado, onde o discente obtém conhecimentos quanto às técnicas de elaboração de projetos de pesquisa, bem como desenvolve habilidades técnicas para execução do mesmo resultando na produção de artigos científicos, resumos e outras modalidades de produção científica.

As atividades de extensão (PACES, PIBEX, Ligas acadêmicas e outras) promovem uma melhor interação do discente com a comunidade, além de permitir ao discente a aquisição e troca de conhecimentos para um melhor preparo profissional e formação acadêmica. Da carga horária total do curso destina-se 10% para atividades de extensão distribuídas nas disciplinas conforme quadro a seguir:

SIGLA	DISCIPLINA	CH para Pesquisa e Extensão
ISE004	INTRODUÇÃO À SAÚDE COLETIVA	6 h
ISE039	EDUCAÇÃO EM SAÚDE	6 h
ISE049	SEMILOGIA E SEMIOTÉCNICA DE ENFERMAGEM II	18 h
ISE058	ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO ADULTO II	30 h
ISE055	ENFERMAGEM NO PROCESSO DE CUIDAR EM DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS	6 h
ISE064	ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL II	6 h
ISE066	ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE II	18 h
ISE068	ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER II	18 h
ISE077	ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA II	18 h
ISE089	SUPORTE BÁSICO DE VIDA PARA O ENFERMEIRO	6 h
ISE100	VIGILÂNCIA EM SAÚDE	6 h
ISE101	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I	84 h
ISE103	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II	84 h
TOTAL		306 h



Para a realização das atividades de pesquisa e extensão serão destinadas 306h nas referidas disciplinas acima citadas, tais como Amostras Acadêmicas sobre os temas em estudo nas referidas disciplinas e a realização de Educação em Saúde e Continuada em ambiente hospitalar, escolas e comunidade em geral. Além disso, os acadêmicos deverão realizar 100h de Atividades Acadêmicas Científico-Culturais, totalizando o mínimo de 406h.

2.3.6. *Estágio Curricular Supervisionado*

A formação do Enfermeiro prevê **840 (oitocentos e quarenta)** horas de Estágio Curricular Supervisionado, sendo **Estágio Curricular Supervisionado I com 420 (quatrocentas e vinte)** horas e **Estágio Curricular Supervisionado II com 420 (quatrocentas e vinte)** horas, obrigatórios, desenvolvidos em diferentes cenários da prática profissional, articulados à Rede de serviços do Sistema Único de Saúde – SUS. Vale ressaltar, que esta atividade é obrigatória, e possui uma **Normatização do Estágio Curricular Supervisionado – ECS** descrito no Apêndice 3.3.

O estágio curricular supervisionado é dividido em I e II, com carga horária de 420 horas cada. O estágio curricular I ocorre a supervisão direta docente, na rede de assistência hospitalar, dividido 210 horas no Hospital Regional de Coari (setores: Pediatria, ALCON, Saúde da Mulher- pré-parto, parto, pós-parto) e as outras 210 horas na rede de assistência hospitalar conveniada a UFAM na cidade de Manaus (setores: clínica médica e cirúrgica).

O estágio curricular supervisionado II, também, consiste em 420 horas, no qual ocorre nas Unidades Básicas de Saúde, visando a atenção primária, no município de Coari e ou em municípios que estejam conveniados com a UFAM, contando com a participação de Enfermeiros colaboradores dos serviços de saúde e supervisão indireta dos docentes da UFAM, através de convênios assinados por ambas as partes, o concedente (secretaria de saúde ou prefeitura do município) e a instituição de ensino (UFAM). O qual busca alcançar os seguintes objetivos:

- Proporcionar à aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas básicas e específicas;



- Promover ao acadêmico/estagiário vivências de aprendizagem social, profissional e cultural através da participação em práticas profissionais supervisionadas;
- Ampliar e adequar os conhecimentos técnico-científicos na prática profissional, através de sua inserção em situação concreta de trabalho;
- Favorecer o desenvolvimento da competência técnico-científica, humanística e atitude crítica, considerando o perfil epidemiológico-sanitário e a situação sócio-econômica-política e cultural da população.

Cada estagiário cumprirá um plano de estágio, sob acompanhamento de seu professor orientador e enfermeiro-colaborador que contemplará o registro das atividades desenvolvidas e um relatório de auto avaliação e avaliação que possa contribuir como *feedback* com o serviço utilizado para campo de estágio, sendo que a relação aluno/professor na orientação será de no máximo 08 alunos. No ambiente hospitalar sendo observadas as proporções de acordo com a complexidade da assistência de enfermagem.

O estágio será desenvolvido em todos os níveis de atenção à saúde (primário, secundário e terciário), com inclusão compulsória da saúde indígena. É objeto deste PROJETO PEDAGÓGICO a integração ensino/serviço por meio de articulação formal conveniada por meio de instrumentos jurídicos, inclusive de seguro-saúde e, informal envolvendo os profissionais dos serviços e as atividades de ensino preconizadas pelo curso. Ressalta-se que nenhum dos estágios curriculares supervisionados criará vínculo empregatício entre docentes ou discentes da UFAM/Coari com a instituição conveniada, mesmo com recebimento de bolsa pelo discente.

A proposta das disciplinas Estágio Curricular Supervisionado I e Estágio Curricular Supervisionado II promove a experiência do saber ser enfermeiro nas múltiplas dimensões: “cuidar”, “gerenciar”, “educar” e “investigar”. Assim, os Estágios Curriculares Supervisionados I e II contemplam as seguintes práticas: assistencial, gerencial, educativa e de investigação científica.



2.3.7 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) constitui uma atividade obrigatória para a integralização do Curso de Enfermagem, o qual será realizado pelo discente sob a orientação de professor pertencente ao corpo docente do ISB/UFAM e autorizado pelo coordenador da disciplina.

O TCC do curso de Enfermagem representa atividade de síntese e integração do conhecimento e poderá ser desenvolvido por meio das experiências vivenciadas em atividades institucionalizadas da UFAM ou por meio de trabalho de pesquisa independente.

O acompanhamento da elaboração e defesa do TCC será realizado através das disciplinas TCC I e TCC II. Na disciplina de TCC I, o discente deverá apresentar em forma oral e escrita o pré-projeto do TCC. Na disciplina de TCC II, o discente além de apresentar o TCC escrito deverá também defendê-lo para a banca examinadora formada por três membros, sendo: o 1º membro: orientador; 2º membro: docente/pesquisador de nível superior; e o 3º membro docente/pesquisador de nível superior ou profissional de nível superior da área específica ou afins do TCC.

O TCC poderá ser realizado de forma individual ou em dupla e entregue no formato de monografia ou manuscrito (artigo científico), sendo o primeiro apresentado nas normas da ABNT e o segundo de acordo com a revista recomendada pelo professor orientador. As pesquisas que envolverem seres vivos deverão estar obrigatoriamente em acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As regras de elaboração e conclusão do TCC estão estabelecidas na **Normatização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC** (Apêndice 3.4).

2.3.8 Atividades práticas de ensino para áreas da saúde

As disciplinas com abordagem teórica e prática diferenciam-se com as especificidades de cada uma. Todas as aulas teóricas são realizadas em sala de aula seguindo o método didático proposto pelo docente no plano de ensino apresentado aos discentes no primeiro dia de aula para discussão e posterior aprovação em colegiado de curso.



As aulas práticas de disciplinas de base, que ocorrem até o 3º período, são realizadas em laboratório com a possibilidade de atender até 40 alunos ao mesmo. No entanto, as disciplinas específicas do curso de enfermagem, que ocorrem a partir do 4º período, exigem maior atenção dos docentes durante a sua realização, necessitando a divisão de grupos menores de até 07 (sete) alunos para a realização das aulas práticas nos laboratórios de enfermagem pertencentes à unidade de ensino, nos hospitais e em Unidades Básicas de Saúde conveniadas com a instituição de ensino UFAM/Coari, sempre com a supervisão docente e de Técnicos Administrativos em Educação que contribuem com o curso.

Além de contar com a contribuição e participação de acadêmicos Monitores em várias disciplinas que tenham prática laboratorial.

2.3.9 Integração do curso com o sistema local e regional de saúde (SUS)

O curso de graduação de Enfermagem do ISB possui integração com sistema de saúde local, como Hospital Regional de Coari e as Unidades Básicas de Saúde existentes no município, bem como a comunidade ribeirinha que é assistida por estas unidades também. Nossas atividades são pautadas nas diretrizes do SUS, cujas ações de saúde devem ser desenvolvidas de acordo com as diretrizes previstas no artigo 198 da Constituição Federal, como universalidade de acesso; integralidade de assistência; preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; igualdade da assistência à saúde; direito à informação divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e a sua utilização pelo usuário; utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades; participação da comunidade; descentralização político-administrativa; integração dos das ações da saúde, meio ambiente e saneamento básico; conjugação dos recursos financeiros, tecnológicos, materiais e humanos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na prestação de serviços de assistência à saúde da população; capacidade de resolução dos serviços de assistência; e organização para evitar duplicidade de meios para fins idênticos.



2.3.10. *Serviços de apoio ao discente*

A assistência estudantil no âmbito da UFAM inclui as ações do Programa Nacional de Assistência Estudantil- PNAES, instituído pela Portaria Normativa Nº 39, de 12 de dezembro de 2007, e de acordo com o Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, compreendem-se como ações de assistência estudantil iniciativas desenvolvidas nas seguintes áreas: moradia estudantil, alimentação, transporte, assistência à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico. A cada ano é publicado o edital para seleção de discentes para a modalidade de auxílio de Assistência Estudantil oferecido pela Ufam, de acordo com os critérios e condições estabelecidos.

O Programa Bolsa trabalho - PBT foi instituído por meio da Portaria Nº 387 de 26 fevereiro de 2007 e, alterado e consolidado pela Portaria Nº 598/2010 com a finalidade de proporcionar auxílio financeiro, prioritariamente, aos (as) discentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, e estimular a participação do estudante na dinâmica da administração universitária por meio de projetos oriundos de setores acadêmicos e administrativos da UFAM. De acordo com a Portaria GR Nº 0424/2018, o reitor da Ufam resolve suspender de 01/08/17 a 31/12/18, novas adesões ao PBT e determinar à Pró-reitoria de Gestão de Pessoas juntamente com a Pró-reitoria de Ensino de Graduação que iniciem estudos com vistas à implementação de futuro programa de estágio de nível superior no âmbito da Universidade Federal do Amazonas.

No âmbito nacional, há o Programa Bolsa Permanência, criado através da Portaria nº 389 de 9 de maio de 2013, destinado a concessão de bolsas de permanência **a estudantes de graduação de instituições federais de ensino superior**. De acordo com o ofício-circular nº 2/2016/DIPES/SESU/SESU-MEC do dia 11 de maio de 2016, ficam suspensas novas inscrições para o Programa Bolsa Permanência, informa que o sistema SIGPET ficará disponível para inscrições de discentes **indígenas e quilombolas** até o dia 30/09/2016. Após essa data, os estudantes indígenas e quilombolas somente poderão se inscrever no Programa nos períodos pré-estabelecidos para o ano de 2017.

a) **PIAP**

O Programa Institucional de Bolsas de Apoio Pedagógico-PIAP desenvolve ações de caráter permanente com vistas a oferecer apoio a professores e



estudantes dos cursos de graduação da UFAM. Tem como objetivos desenvolver ações de apoio pedagógico que favoreçam a permanência e a conclusão de cursos por estudantes da UFAM, proporcionando-lhes suporte didático para que superem suas necessidades básicas de aprendizagem.

b) PET

O Programa de Educação Tutorial-PET destina-se a apoiar grupos de alunos que demonstrem potencial, interesse e habilidades destacadas em cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior (IES). O apoio pode ser concedido ao estudante bolsista até a conclusão da sua graduação e ao professor tutor por três anos, podendo ser prorrogável por iguais períodos, conforme parecer da Comissão de Avaliação do PET.

c) PIBID

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência foi criado com a finalidade de valorizar o magistério e apoiar estudantes de licenciatura. Tem como objetivo; incentivar a formação de professores, valorizar o magistério, promover a melhoria da qualidade da educação básica, elevar a qualidade das ações acadêmicas e proporcionar aos futuros professores experiências em ações metodológicas e práticas docentes.

d) PROMES

O programa de mobilidade estudantil permite que os alunos realizem, temporariamente, disciplinas de seu curso de graduação em outra instituição federal de ensino superior.

e) PRIMES

O Programa Interinstitucional e Intercampi de Mobilidade Estudantil-PRIMES têm por objetivo operacionalizar a mobilidade de estudantes de graduação da UFAM e de outras Instituições de Ensino Superior - IES (exceto Instituições Federais de Ensino Superior Brasileira - IFES, que possuem resolução própria) e a mobilidade de estudantes de graduação da UFAM entre seus *campi*.

f) JOVENS TALENTOS



O Programa Jovens Talentos para a Ciência tem por objetivo a concessão de bolsas de estudos de iniciação científica a estudantes que ingressaram no primeiro semestre letivo nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia. As bolsas terão duração de 12 meses, improrrogáveis. A expectativa é de que os bolsistas desse Programa estejam aptos após um ano a passarem para bolsas de Iniciação Científica, PIBID, PETs, Programa Ciência sem Fronteiras ou outros de iniciativa da instituição.

g) PECTEC

O Programa de apoio à participação de discentes de graduação em eventos científicos, tecnológicos e culturais - PECTEC, objetiva incentivar os discentes de graduação da UFAM a participarem de eventos científicos, facilitando, assim, sua integração com outras IES brasileiras e incentivando a produção científica.

h) BOLSA TRABALHO

Com a finalidade de proporcionar auxílio financeiro aos alunos regularmente matriculados em curso de graduação dessa Universidade, principalmente aqueles em situação socioeconômica vulnerável.

i) PROGRAMA BOLSA PERMANENCIA

O Programa tem a finalidade de proporcionar auxílio financeiro aos alunos em situação socioeconômica vulneráveis regularmente matriculados em cursos de graduação das Unidades Acadêmicas de Benjamin Constant, Coari, Humaitá, Itacoatiara e Parintins.

Outros Serviços e Programas de Apoio ao Discente

a) PRÁTICA DE CAMPO

A prática de campo é uma ação pedagógica que permite ao aluno vivenciar a prática de diversas disciplinas e com isso reforçar os conhecimentos teóricos trabalhados em sala de aula, visando promover uma aprendizagem significativa desenvolvendo conhecimentos, habilidades e atitudes.

b) MONITORIA

O Programa de Monitoria tem por objetivo iniciar discentes dos cursos de



graduação nas diversas tarefas que compõem a docência de nível superior. Não constitui, no entanto, um programa de substituição do docente titular na sala de aula. As tarefas referidas poderão incluir a orientação acadêmica, a elaboração, aplicação e correção de exercícios escolares, a participação em experiências laboratoriais, entre outras.

c) PIBIC

Com a finalidade de proporcionar treinamento de iniciação científica aos alunos de graduação com vocação para pesquisa, visando sua futura inserção na pós-graduação, a UFAM oferece bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, e também bolsas da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

d) PACE

O Programa Atividade Curriculares de Extensão – ACEs da Universidade Federal do Amazonas permite que os alunos realizem ações pedagógicas na comunidade contribuindo para a formação deste futuro profissional.

2.3.11. Administração Acadêmica do Curso

Perfil do Coordenador de Curso

A Coordenação de Curso será exercida por um professor, com o seguinte perfil: no mínimo com título de especialista, capacidade de gerenciar a proposta curricular, acompanhando o processo de planejamento didático-pedagógico, propor soluções para os problemas relacionados ao curso e aos alunos; supervisionar atividades acadêmicas, científicas e culturais desenvolvidas por alunos e professores, assim como cumprir atribuições contidas no Regimento da UFAM. Cumpre regime de trabalho do (a) coordenador (a) do curso: Dedicção Exclusiva e Carga horária de coordenação de curso de 20 horas semanais.



De acordo com a Resolução nº 09/2009 – CONSADI, em seu Capítulo VI- Da Coordenação dos Cursos e dos Programas de Pós-Graduação, são atribuições do coordenador do curso:

Art. 15 – Ao Coordenador do Curso de Graduação, além das atribuições inerentes à sua condição, caberá especialmente:

- I. Convocar e presidir as reuniões do Colegiado de Curso;
- II. Representar, por deliberação do Colegiado, à Coordenação Acadêmica ou ao Conselho Diretor, em caso de não execução do programa das disciplinas e descumprimento de normas disciplinares ou didáticas do curso que lhe seja afeto;
- III. Elaborar e adotar medidas para aprovação da oferta semestral de disciplina com os respectivos professores responsáveis, ementas número de vagas, pré-requisitos, créditos, carga horária em sala de aula, em concordância com a Coordenação Acadêmica.
- IV. Registrar a oferta semestral de disciplinas no Sistema de Controle Acadêmico vigente.

Quadro de pessoal Docente

Professores com graduação na área do conhecimento que irão trabalhar, tendo especialização, mestrado ou doutorado correlato, podendo atuar, conforme previsto nas normas regimentais, em tempo integral de 40 horas semanais mais dedicação exclusiva ou parcial em regime de 20 horas semanais.

Quadro de Titulação de docentes que ministram disciplinas específicas de enfermagem no curso

Nº	Nome	Qualificação	Regime de Trabalho	Tempo médio de permanência*
01	Abel Muri Gama Santiago	Enfermagem. Doutorado	DE	07 anos



Nº	Nome	Qualificação	Regime de Trabalho	Tempo médio de permanência*
02	Deyvylan Araújo Reis	Enfermagem. Doutorado	DE	10 anos
03	Firmina Hermelinda Saldanha Albuquerque	Enfermagem. Especialista	DE	04 anos
04	Grace Anne Andrade da Cunha	Enfermagem. Mestrado	DE	09 anos
05	Hyana Kamila Ferreira de Oliveira	Enfermagem. Graduação	DE	04 anos
06	Josiane Montanho Mariño	Enfermagem. Mestrado	DE	09 anos
07	Juliana Oliveira de Lira	Enfermagem. Mestrado	DE	10 anos
08	Priscilla Mendes Cordeiro	Enfermagem. Doutorado	DE	07anos
09	Suzana dos Santos Nunes	Enfermagem. Especialização	DE	06 anos
10	Valdenora Patrícia Rodrigues Macedo	Enfermagem. Mestrado	DE	10 anos

Considerando o Dimensionamento de Pessoal Efetivo de Enfermeiros e a entrada de 40 alunos anualmente, uma vez que as práticas hospitalares e UBS são realizadas por supervisão direta com até 07 alunos, a carga horária do curso no primeiro semestre sobe de 1215 h para aproximadamente 4815h de ensino, e no segundo semestre, a carga horária passa de 1215h para 4020h.

Sendo assim, o colegiado de Enfermagem necessita de pelo menos 22 docentes no quadro permanente para suprir a carga horária de 15h semanais por docente em ensino, totalizando aproximadamente 225h por período. Permitindo ao docente a realização de ensino, pesquisa e extensão dentro do limite de 40 horas DE semanais do regime de trabalho e possibilidade de liberação para capacitação sem sobrecarga de trabalho aos demais docentes.



Quadro de Titulação de docentes que ministram aulas de outras disciplinas no curso

Nº	Nome	Qualificação	Regime de Trabalho
01	Adriano Pereira Guilherme	Física. Mestrado	DE
02	Brenner Kássio Ferreira de Oliveira	Enfermagem. Graduação	DE
03	Edilson Pinto Barbosa	Informática. Doutorado	DE
04	Eldilecia Sousa de Oliveira	Educação. Graduação	40h
05	Eliana Rodrigues Tiago	Psicologia. Mestrado	DE
06	Joao Paulo Dantas da Costa	Sociologia. Graduação	40
07	Karoline Santana de Freitas	Nutrição. Graduação	40h
08	Liliane Sena Pinheiro	Biologia. Doutorado	DE
09	Maria Aparecida Silva Furtado	Letras. Doutorado	DE
10	Marinaldo Pacífico Cavalcanti Neto	Fisiologia. Doutorado	DE
11	Olavo Pinhatti Colatreli	Imunologia. Mestrado	DE
12	Patrícia dos Santos Guimarães	Enfermagem. Especialização	DE
13	Suellen Cristina Barbosa Nunes	Anatomia Humana. Mestrado	DE
14	Tânia Valéria de Oliveira Custódio	Sociologia/ Filosofia. Mestrado	DE
15	Umberto Crisafulli	Bioquímica. Doutorado	DE
16	Vera Lucia Imbiriba Bentes	Química. Doutorado	DE
17	Waleska Gravena	Genética. Doutorado	DE



Quadro de pessoal técnico-administrativo

Os técnicos administrativos que atendem o curso de Enfermagem estão distribuídos conforme o quadro a seguir:

Quadro do Corpo Técnico-Administrativo do curso

Nº	Nome	Qualificação	Regime de Trabalho
01	Elveline Barbosa da Silva	Téc. Lab. Área Enf.	40 horas/semanais
02	Naiza Peres de Lima	Téc. Lab. Área Enf.	40 horas/semanais

2.3.12. Formas de participação do colegiado do curso e do núcleo docente estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante é constituído pelo por professores efetivos do Instituto de Saúde e Biotecnologia, sendo 02 de professores com formação acadêmica em disciplinas de base do curso de enfermagem e 06 com bacharel em enfermagem, que têm as seguintes atribuições, de acordo com a Resolução nº 062/2011 – CONSEPE – Da criação do Núcleo Docente Estruturante, em que versa seu “Art. 3º: São atribuições do Núcleo Docente Estruturante:

- I. Contribuir para a consolidação do perfil do egresso dos cursos de graduação;
- II. Zelar pela observância da aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação;
- III. Observar, contribuir e acompanhar a implantação, o desenvolvimento, avaliação e reestruturação do projeto pedagógico;
- IV. Propor formas de incentivo ao desenvolvimento da pesquisa e da extensão articulada às necessidades da graduação e à área de conhecimento do curso.



2.4. Infraestrutura

O Instituto disponibiliza recursos audiovisuais (Datashow, notebook, televisão com DVD) que são alocados conforme a necessidade. Todas as salas estão equipadas com condicionadores de ar e iluminação por lâmpada fluorescente.

2.4.1. Instalações e equipamentos

Instalações administrativas – espaços destinados para o atendimento dos acadêmicos e docentes, organização acadêmico-administrativa, com vista ao controle e planejamento pedagógico.

Instalações para docentes – salas destinadas ao atendimento das necessidades dos professores, sendo: sala de professores e sala de reuniões, equipadas com mesas e cadeiras, mesa de reunião, armários para a guarda de material didático, computadores e impressoras.

Instalação para Coordenação de Curso – No interior da sala da coordenação acadêmica, há salas destinadas para o funcionamento da coordenação de curso, equipadas com mesa, cadeiras, e armários para arquivo.

Auditório – espaço com 150 lugares, para conferências, cursos, simpósios e outros eventos científico-culturais.

2.4.2. Espaço físico disponível e uso da área física do campus

O Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) está localizado na cidade de Coari (AM) e possui uma área urbana de 1.089 m², tendo em sua estrutura cinco blocos, sendo três (03) de dois andares cada, no qual dois destes blocos estão destinados para atividades de ensino (sala de aula e laboratório) e outro para área administrativa. Os outros dois (02) blocos de um andar são blocos antigos do ISB, no qual estão funcionando alguns serviços e laboratórios.

BLOCO 01: O bloco da área administrativa no primeiro andar tem uma biblioteca, auditório, Hall, guichê para venda de ticket para refeições, cozinha e lanchonete onde funciona concomitantemente o restaurante universitário (RU) e



banheiro feminino e masculino de uso dos discentes. Já o segundo andar é dividido em salas dos professores, coordenadores de curso, acadêmico e administrativo, direção, sala de licitação e contrato, banheiro feminino e masculino de uso dos servidores e uma sala destinada ao almoxarifado e outra de depósito de produtos de limpeza.

BLOCO 02: O primeiro andar tem na sua estrutura laboratórios (um de biologia molecular e genética, um de zoologia e botânica, um de matemática e física, um de química orgânica, um de química inorgânica, um de preparo e dois de microscopia, reprografia e banheiros feminino e masculino.

Os laboratórios estão sendo equipados e serão compartilhados com os demais cursos para a realização das atividades de ensino, extensão e pesquisa. No segundo piso está localizado o Laboratório de Informática, salas de aulas, sala do PIAP, banheiros feminino e masculino e uma sala destinada ao armazenamento de produtos de limpeza da RUDARY.

BLOCO 03: Este tem no primeiro andar quatro salas destinadas à coordenação de Nutrição, Comissão de Inclusão e Acessibilidade Núcleo de Coari, duas salas destinadas à Fisioterapia, os três laboratórios de Enfermagem (Semiologia e Semiotécnica, Saúde da mulher e Saúde da criança), Laboratório e ambulatório de Fisioterapia e Fisioterapia Pediátrica, Laboratório de Nutrição, Laboratório de técnica de Dietética, Laboratório de Ciência de Alimentos e banheiros feminino e masculino. No segundo andar há salas de aula, sala de servidores técnico-administrativos, Laboratório de Ensino de Ciências Humanas, banheiros feminino e masculino e uma sala destinada ao armazenamento de produtos de limpeza da empresa terceirizada.

Há três blocos antigos de um piso cada. O primeiro bloco localizado próximo ao Restaurante Universitário: sala do Psicólogo, sala do Serviço Social, Laboratório de Botânica, DRE, sala de pós-graduação, Laboratório de Cultura de Tecidos Vegetais e Banco de Germoplasma e duas salas sem identificação. O segundo bloco localizado ao lado do bloco três possui: setor de materiais SEMAT, Arquivo Central do ISB, sala de pesquisa do grupo NESC-SOL e duas salas sem identificação. O último bloco localizado atrás do bloco três possui: Laboratório de Anatomia, sala ADAP, Laboratório de Fisioterapia, sala de produtos químicos e duas salas de servidores.



2.4.3. Salas de aula

As salas de aulas, coordenação administrativa, coordenação acadêmica, direção e salas de professores são climatizadas, com iluminação natural e artificial e com mobiliário. Nos blocos da área de ensino estão disponíveis alguns recursos de multimídia (data show) utilizada pelos docentes nas suas aulas.

Salas de aula - espaço físico para até 50 alunos.

2.4.4. Biblioteca

Os alunos do curso tem acesso à biblioteca do ISB, cujo acervo pode ser consultado pelo sistema Pergamum na página da própria universidade. O horário do atendimento da biblioteca do ISB é das 8:00 às 18:00 horas de segunda a sexta-feira. Os alunos tem acesso ao acervo e podem fazer empréstimos domiciliares. A disposição do é pelo “Código Decimal Universal (CDU)”. O serviço de reprografia é terceirizado.

Além disso, os alunos também tem acesso ao banco de dados da biblioteca virtual e a pesquisas na internet, incluindo portais de base de dados que permitem obter títulos, resumos e outras informações de grande número de periódicos. Os títulos bibliográficos direcionados ao curso de Enfermagem são escassos ou desatualizados, sendo, portanto, prioridade a obtenção das referências relacionadas à área. Para minimizar esta necessidade, a UFAM adquiriu e dispõe de Bases de Dados e Periódicos para Enfermagem, que disponibiliza bibliografias em formato pdf para *donwollad*, como apoio ao ensino (Apêndice 3.6).

2.4.5. Laboratórios

A formação dos graduandos em Enfermagem do ISB dispões de aulas práticas laboratoriais em várias disciplinas do Conteúdo Curricular deste PPC, incluindo disciplinas Ciências Biológicas e da Saúde, Fundamentos de Enfermagem e Assistência de Enfermagem, conforme demonstra Os laboratórios de Enfermagem são compostos de três ambientes, sendo o primeiro para a realização de apoio ao ensino (monitoria ou aulas extras), à pesquisa e extensão, o qual dispõe de dois computadores com acesso à internet, quadro branco, cadeiras, maquetes e banners construídos pelos acadêmicos



durante as aulas práticas. O segundo laboratório está equipado com alguns equipamentos e simuladores destinados às aulas práticas laboratoriais de Semiologia e Semiotécnica em Enfermagem. O terceiro laboratório é destinado às aulas práticas laboratoriais específicas para disciplinas de Saúde de Mulher e Saúde da Criança. Os materiais permanentes e de consumo do laboratório de Enfermagem do ISB- UFAM encontram-se descritos no apêndice 3.7.

Para a realização das aulas prática laboratoriais, é necessário dividir as turmas em grupos de até 20 alunos, para que seja possível oportunizar e orientar a prática individual dos acadêmicos. Além de podermos contar com a participação de acadêmicos monitores, que auxiliam na realização desta. Vale ressaltar, que os laboratórios são utilizados prioritariamente para aulas práticas, podendo também ser utilizados para pesquisas, e nos quais os alunos de graduação desenvolvem estágios, treinamentos, iniciação científica e outras atividades.

- ✓ **Laboratórios de habilidades:** é um espaço dedicado ao desenvolvimento de habilidades e competências para o estudante de Enfermagem, atuando no suporte ao processo ensino-aprendizagem teórico-prático, empenhado por docentes e discentes do curso de graduação em Enfermagem. Contribui nas disciplinas obrigatórias e nas atividades extra-curriculares, viabilizando o desenvolvimento de habilidades específicas de forma a capacitar o estudante para a realização de procedimentos junto ao cliente.
- ✓ **Unidades hospitalares e complexo assistencial conveniados:** O Hospital regional de Coari (Coari), Hospital Universitário Getúlio Vargas e Hospital Universitário Francisca Mendes, bem como outros hospitais em Manaus que tenha convênio com a UFAM, são os ambientes hospitalares que estão disponíveis para aulas práticas e estágio do curso de Enfermagem do ISB.
- ✓ **Biotérios, Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Comitê de Ética na Utilização de Animais (CEUA):** São locais existente na UFAM, contudo fora da sede Coari, no qual todos podemos ter acesso e utilização.



3. APÊNDICES DO PPC

3.1. Base legal da estrutura curricular

a) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991>

b) Plano Nacional de Educação – PNE. **Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014**

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm

c) Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES.

Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm

d) Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação (curso: **Enfermagem**)

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991>

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces033_07.pdf

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2128-pces339-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192

e) Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

Resolução CNE/CEB Nº 4 de 13 de julho de 2010;

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf

f) Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena.

Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

Lei Nº 11.645 de 10/03/2008;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm



Resolução CNE/CP N° 01 de 17 de junho de 2004;

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>

Parecer CNE/CP N° 003 de 10/3/2004.

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf

g) Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos.

Parecer CNE/CP N° 8 de 6/3/2012;

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10389-pcp008-12-pdf&category_slug=marco-2012-pdf&Itemid=30192

Resolução CNE/CP N° 1 de 30 de maio de 2012.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10889-rcp001-12&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192

h) Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Lei N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm

i) Titulação do corpo docente

Art. 66 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991>

j) Núcleo Docente Estruturante – NDE.

Resolução CONAES N° 1, de 17/06/2010

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6885-resolucao1-2010-conae&category_slug=outubro-2010-pdf&Itemid=30192

l) Carga horária mínima em horas – para Bacharelados e Licenciaturas.

Área de Saúde, Bacharelado, Presencial:

Resolução CNE/CES N° 04/2009.

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004_09.pdf

Graduação, Bacharelado, Presencial:

Resolução CNE/CES N° 02/2007;



http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

Resolução CNE/CP N° 1/2011.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7711-rcp001-11-pdf&Itemid=30192

Licenciaturas:

Resolução CNE/CP N° 2/2015;

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf&category_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192

Pedagogia:

Resolução CNE/CP N° 1/2006.

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf

m) Tempo de integralização.

Área de Saúde, Bacharelado, Presencial:

Resolução CNE/CES N° 04/2009.

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004_09.pdf

Graduação, Bacharelado, Presencial:

Resolução CNE/CES N° 02/2007.

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

Licenciaturas:

Resolução CNE/CP N° 2/2015;

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf&category_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192

n) Condições de acessibilidade para pessoas com deficiência e ou mobilidade reduzida.

Constituição da República Federativa do Brasil (1988/35 ed.);

ABNT NBR 9050:2004;

Lei N° 10.098, de 19 de dezembro de 2000;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm

Decreto N° 5.296/2004, de 2 de dezembro de 2004;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm

Decreto N° 6.949, de 25 de agosto de 2009;



http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm

Decreto Nº 7.611, de 17 de novembro de 2011;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm

Portaria Nº 3.284, de 7 de novembro de 2003.

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port3284.pdf>

o) Disciplina de Libras.

Decreto Nº 5.626/2005, de 22 de dezembro de 2005.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

p) Prevalência de avaliação presencial para EaD (Dec. Nº 5.622/2005 art. 4 inciso II, § 2).

Decreto Nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm

q) Informações acadêmicas.

Portaria Normativa Nº 40, de 12/12/2007;

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1676

[3-port-norm-040-2007-seres&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1676)

Portaria Normativa Nº 23, de 01/12/2010.

r) Políticas de educação ambiental.

Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm

Decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm

Resolução CNE/CP Nº 2/2012.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1098

[8-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1098)

s) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia - ISB/Coari



Resolução CNE/CP N° 1/2002;

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rep01_02.pdf

Resolução CNE/CP N° 2/2002.

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>



3.2. Normatização do Estágio Curricular Supervisionado – ECS

A. Pré-matrícula:

Com objetivo de definir o número adequado de alunos nos campos de estágio será realizado obrigatoriamente a pré-matrícula para o Estágio Curricular Supervisionado, observando os pré-requisitos estabelecidos no currículo em vigor.

B. Distribuição dos alunos em módulos:

Baseado no número de alunos que cumpriram os pré-requisitos estabelecidos no currículo em vigor, a coordenação do estágio elaborará um cronograma definindo os diversos campos de estágio a serem conveniados.

C. Celebração de Convênios:

Os locais de estágios deverão ser cadastrados pela Coordenação Geral de Estágio. A oficialização do convênio dar-se-á entre as partes conveniadas, conforme o Decreto nº 87.497 de 18/08/1982, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior.

Art. 5º - Para a caracterização e definição do estágio, é necessária, entre a instituição de ensino e pessoas jurídicas de direito público e privado, a existência de instrumento jurídico, periodicamente reexaminado, onde estarão abordadas todas as condições de realização daquele estágio, inclusive transferência e recursos à instituição de ensino, quando for o caso.

D. Termo de Compromisso:

Após a definição da metodologia de estágio e do plano de trabalho dos estagiários, o coordenador do estágio procederá, juntamente com as outras instâncias envolvidas, a assinatura do Termo de Compromisso do Estágio. Nele deverão estar contidos os objetivos do estágio e as competências das partes (Serviço de Saúde, Estagiário e Instituição de Saúde).



Dar-se-á de forma semidireta pelo professor-orientador do curso de Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB e de forma direta pelo Supervisor-técnico da Instituição responsável pelo estagiário, que fará o acompanhamento sistemático durante todo o período letivo. O Professor-orientador do estágio será indicado pelo Coordenador do Curso ao qual está vinculada a disciplina, mediante solicitação do Coordenador do Estágio.

Atribuições

A) São atribuições do Colegiado do Curso:

- I. Propor e participar de intercâmbio e troca de experiências entre os diferentes cursos de graduação da área de saúde da Universidade Federal do Amazonas;
- II. Contribuir com a divulgação das experiências de Estágio Curricular Obrigatório por meio de publicações e seminários;
- III. Apreciar propostas de celebração e renovação de convênios para a realização de Estágio Curricular Obrigatório;
- IV. Sugerir alteração, no todo ou em parte, do presente Regulamento, sempre que necessário;
- V. Participar das reuniões de estágios sempre que convocado pelo Coordenador de Curso;
- VI. Emitir parecer quando do não cumprimento deste Regulamento por parte dos envolvidos e em qualquer situação que demande posicionamento do Colegiado.

B) São atribuições do Coordenador de Curso:

- I. Designar carga horária ao Coordenador de Estágio de Curso e Professores Orientadores de estágio de acordo com o regime de trabalho da Universidade Federal do Amazonas e encaminhá-la ao Diretor Geral para análise e posterior aprovação;
- II. Indicar um Professor do Curso de Enfermagem para a Coordenação de Estágio Curricular Obrigatório;
- III. Participar das reuniões de estágio sempre que solicitada sua presença no sentido de tomar conhecimento do desempenho dos acadêmicos - estagiários e auxiliar no encaminhamento de casos omissos a este Regulamento; e



- IV. Resolver, em grau de recurso, problemas que possam advir de situações de estágio, independentemente de sua natureza, junto à Coordenação Geral de Estágio.

C) São atribuições do Coordenador de Estágio:

- I. Solicitar ao Coordenador de Curso os professores-orientadores para trabalhar com Estágio Curricular Obrigatório de acordo com as necessidades previstas no início de cada período letivo;
- II. Prever, com a devida antecedência, ao início de cada período letivo, as condições necessárias de infraestrutura do campo de estágio para a realização das atividades de Estágio Curricular Obrigatório;
- III. Selecionar e contatar os campos de estágio para análise das condições de infraestrutura com vistas à formalização de convênios, termos de compromisso e/ou acordos de cooperação pelo Coordenador de Estágio;
- IV. Encaminhar os acadêmico-estagiários aos campos concedente de estágio;
- V. Fixar um calendário de atividades de estágio com vistas a assegurar sua execução no 9º e 10º períodos, encaminhando-o ao Colegiado do Curso, bem como disponibilizá-lo ao acadêmico estagiário;
- VI. Promover e presidir reuniões com os professores-orientadores, responsáveis pelos campos de estágio e acadêmicos-estagiários sempre que necessário;
- VII. Propor, quando necessário, alteração deste Regulamento, submetendo-o à aprovação do Colegiado do Curso;
- VIII. Avaliar as atividades de Estágio Curricular Obrigatório realizadas, no âmbito da instituição e nas unidades concedentes junto ao Colegiado do Curso;
- IX. Apresentar, ao final de cada período letivo, relatório das atividades de estágio ao Colegiado do Curso;
- X. Manter contato permanente com todos os envolvidos nas atividades de estágio: acadêmico estagiário; professor-supervisor e responsável da unidade concedente;
- XI. Manter a documentação impressa referentes ao Estágio Curricular obrigatório regularmente atualizada;



- XII. Tomar decisões necessárias quando do afastamento temporário do professor supervisor; acadêmico-estagiário, no início de cada atividade de estágio, este Regulamento;
- XIII. Divulgar de forma ampla as experiências de estágio, a partir de seminários, publicações e outros meios, julgados apropriados pelo Colegiado de Curso;
- XIV. Encaminhar ao Coordenador do Curso de Enfermagem, ao final de cada período letivo, relatório geral de estágios;
- XV. Participar de reuniões organizadas pelo Coordenador do Curso de Enfermagem sempre que convocado;
- XVI. Fazer visitas periódicas nos campos de estágio;
- XVII. Resolver, em primeira instância problemas que possam advir de situações de estágio, independentemente de sua natureza.

D) São atribuições/obrigações dos professores-orientadores:

- I. Orientar, acompanhar, supervisionar e avaliar as atividades realizadas pelos acadêmicos estagiários sob sua responsabilidade, individualmente, durante todo o período de duração do estágio, incluindo a sistematização dos relatórios e/ou trabalhos;
- II. Cumprir os horários e cronogramas organizados pelo Coordenador do Estágio;
- III. Contribuir com as unidades concedentes de estágio visando à melhoria da assistência na área de saúde;
- IV. Comunicar ao Coordenador de Estágio de Curso toda e qualquer intercorrências que venha prejudicar ou interferir no andamento de seu trabalho;
- V. Comparecer às reuniões organizadas pelo Coordenador de Estágio do Curso e/ou Coordenação de Curso sempre que convocado;
- VI. Receber e organizar todos os instrumentos avaliativos de estágio (relatórios) dos alunos sob sua supervisão;
- VII. Utilizar crachá de identificação profissional e uniforme compatível com o campo, sempre que se apresentar ou acompanhar os acadêmicos - estagiários em situações de estágio;



- VIII. Organizar os instrumentos de controle de frequência e notas dos estagiários sob sua responsabilidade, registrando-as no portal do professor da UFAM;
- IX. Receber e organizar os relatórios de estágio dos acadêmicos-estagiários sob sua supervisão;
- X. Zelar pelos equipamentos e materiais utilizados em atividades de estágio quer seja no âmbito da instituição ou da unidade concedente;
- XI. Cumprir e fazer cumprir integralmente todas as atividades relativas à sua função bem como, este Regulamento;
- XII. Organizar semana referente a questões administrativas pedagógica do Estágio Curricular II.

E) São atribuições do acadêmico-estagiário:

- I. Cumprir as disposições deste Regulamento;
- II. Cumprir integralmente o plano de atividades de estágio e recomendações propostas pelo professor-supervisor;
- III. Respeitar as normas vigentes na unidade concedente;
- IV. Manter conduta ética em relação a dados e informações obtidas nas unidades concedentes;
- V. Zelar pelos materiais e equipamentos pertencentes à unidade concedente de estágio, bem como pelos da instituição formadora;
- VI. Elaborar e entregar trabalhos e/ou relatórios que lhe forem solicitados relativos às atividades de estágio dentro dos prazos estabelecidos;
- VII. Comunicar ao professor-supervisor toda e quaisquer intercorrências referentes aos Estágios Curriculares Obrigatórios;
- VIII. Participar de atividades avaliativas de outra natureza sempre que solicitada sua Participação como Educação em Saúde ou Educação Continuada;
- IX. Comparecer às reuniões, previamente marcadas, para receber informações e orientações a fim de esclarecer dúvidas sobre a organização administrativa e pedagógica dos estágios;
- X. Assinar termo de compromisso referente ao Estágio Curricular Obrigatório;



- XI. Desenvolver pesquisas bibliográficas, estudos de caso e leituras complementares que se fizerem necessárias para o aperfeiçoamento de sua prática;
- XII. Permanecer no local de estágio no tempo estipulado, para o cumprimento das atividades propostas conforme cronograma pré-estabelecido pela Coordenação de Estágio do Curso;
- XIII. Esclarecer dúvidas de caráter administrativo e pedagógico em relação ao estágio junto ao Coordenador de Estágio do Curso evitando reclamações a terceiros;
- XIV. Não tomar qualquer decisão em relação a pacientes ou a atividades de estágio, sem consultar e ter a aprovação do professor-supervisor responsável;
- XV. Comparecer pontualmente aos locais de estágio;
- XVI. Comunicar com antecedência situações ou imprevistos de faltas nas atividades de estágio ou justificar em tempo hábil as faltas ocorridas por motivo de doença infectocontagiosa ou qualquer doença justificada com CID e atestado médico;
- XVII. Portar diariamente, sua identificação (crachá e ou carteirinha da UFAM), material e impressos necessários à execução de seu trabalho.

Dos direitos do acadêmico estagiário

São direitos dos acadêmicos - estagiários:

- I. Receber orientações das atividades de Estágio Curricular Obrigatório por parte do Coordenador de Estágio do Curso e do professor- orientador durante todo o processo de estágio;
- II. Receber orientações às suas solicitações em relação aos documentos legais que regem o estágio;
- III. Receber, do professor-orientador os resultados das avaliações e do seu desempenho nas atividades de estágio.

Das proibições ao acadêmico-estagiário durante o estágio

Durante as atividades de estágio é proibido ao acadêmico-estagiário:



- I. Cobrar honorários ou sugerir troca de favores em função do atendimento de Estágio Curricular Obrigatório;
- II. Comercializar qualquer produto ou tipo de serviço nos locais de estágio;
- III. Utilizar telefones celulares ou aparelhos sonoros no período de realização das atividades de estágio;
- IV. Expor os pacientes e ou funcionários do local de estágio, como registros de fotos e ou em redes sociais sem autorização do mesmo de acordo com a Resolução COFEN n 0554/2017, que estabelece os critérios norteadores das práticas de uso e de comportamento dos profissionais de enfermagem, nos meios de comunicação de massa, na mídia impressa, em peças publicitárias, de mobiliário urbano e nas mídias sociais.



3.3. Normatização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

CAPITULO I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º - O presente regulamento tem o intuito de apresentar o processo de orientação, elaboração, apresentação e julgamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas ISB/UFAM.

Art. 2º - A inclusão do Trabalho de Conclusão de Curso nos cursos de Graduação em Enfermagem tem amparo legal na Resolução CNE/CES nº 3 de 07/11/2001, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.

Art. 3º - As atividades de orientação, elaboração, apresentação e avaliação do TCC são partes integrantes das disciplinas TCC I e TCC II, sendo disciplinas obrigatórias para a integralização do Curso de Enfermagem.

Art. 4º - O TCC deverá ser elaborado e desenvolvido pelo discente do Curso de Enfermagem do ISB/UFAM, em área de interesse do curso, sob orientação de um professor pertencente ao corpo docente do ISB/UFAM.

Art. 5º - Para fins de Aproveitamento de Estudo, poderá ser considerado equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso, as atividades institucionais da UFAM (PIBIC, PET, Monitoria, Programas e Projetos de Extensão e Pesquisa, Estágios não Obrigatórios) se convertido em artigo e publicado em veículo de comunicação da área que apresente corpo editorial, conforme o artigo 10 da Resolução nº 021/2007- CONSEPE.

Parágrafo único: Para fins de Aproveitamento de Estudo, poderá ser considerado equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso, artigo publicado em veículo de comunicação que apresente corpo editorial, desde que seja da área de interesse do curso e realizado durante a graduação.



Art. 6º - O TCC contemplará estudo de caso, relato de experiência e pesquisas científicas.

Art. 7º - A linha de pesquisa do TCC deverá estar voltada para a área de enfermagem ou áreas correlatas.

Art. 8º - Os objetivos do Trabalho de Conclusão do Curso:

I - Oportunizar ao aluno do Curso de Enfermagem revisão, aprofundamento, sistematização e integração de conteúdos estudados durante o Curso;

II - Propiciar ao aluno domínio de conhecimentos sobre produção científica;

III - Contribuir para o aperfeiçoamento técnico-científico, profissional e cultural do aluno, tendo em vista o seu compromisso ético, político e humano com a sociedade;

IV – Estimular o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno;

V – Incentivar o aluno para o avanço da produção e disseminação científica.

CAPÍTULO II

PROJETO DO TCC

Art. 9º - O projeto deverá ser elaborado pelo discente no decorrer da disciplina de TCC I.

Art. 10º - Cabe ao discente escolher o Professor Orientador devendo, para esse efeito, realizar o convite e solicitar registro por escrito de sua concordância, por meio do preenchimento da Carta de Aceite de orientação pelo orientador e pelo orientando, levando em consideração os prazos estabelecidos neste regulamento para a entrega do TCC.

Art. 11 – Ao final da disciplina de TCC I, o discente deverá entregar ao coordenador da disciplina o pré-projeto do TCC de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT.



Art. 12 - Na situação em que o discente não encontre nenhum Professor que se disponha a assumir a sua orientação, o mesmo deverá procurar o Coordenador de TCC do Curso de Enfermagem, a fim de que este lhe sugira um Orientador.

Parágrafo único: Na sugestão de Professores Orientadores, o Coordenador de TCC deverá levar em consideração, sempre que possível, a distribuição de acordo com as áreas de interesse dos Professores, bem como a distribuição equitativa de discentes entre eles.

Art. 13 - As definições de orientação (orientador e o seu respectivo orientando) serão homologadas no Colegiado de Enfermagem.

CAPÍTULO III

NORMAS TÉCNICAS

Art. 14 - O TCC quando entregue no formato de monografia, deverá seguir as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Art. 15 - O TCC quando entregue no formato de manuscrito (artigo científico), deverá seguir as normas estabelecidas pela revista recomendada pelo orientador, as quais constarão em anexo ao manuscrito.

CAPÍTULO IV

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO FINAL

Art. 16 - Antes do início da fase de execução, quando envolver seres humanos, o projeto de pesquisa deve ser submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Art. 17 - Qualquer alteração no projeto original do TCC, a qualquer tempo, deverá ser submetida à aprovação do orientador e coordenador de TCC.

Art. 18 - A redação final do TCC aprovado pelo orientador deverá ser entregue aos membros da Banca Examinadora em via impressa e encadernada.



Parágrafo único: A entrega do TCC escrito aos membros da Banca Examinadora será realizada pelo discente, com autorização do orientador e ciência do coordenador de TCC do Curso de Enfermagem.

Art. 19 - Para o discente ser aprovado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, a versão final corrigida do TCC aprovado pela Banca Examinadora, deverá ser entregue ao professor da disciplina, até cinco dias úteis antes da data de lançamento de nota final, conforme calendário acadêmico do ISB/UFAM.

Parágrafo único: A versão final do TCC deverá conter todas as alterações e correções acordadas pela Banca Examinadora. Esta versão deverá ser entregue pelo professor orientador em via digital para o coordenador de TCC do Curso de Enfermagem.

CAPITULO V

AUTORIA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 20 - Para fins de responsabilidade o pesquisador responsável será o professor orientador;

Art. 21 – Os autores do TCC serão o professor orientador, orientando e o coorientador (se houver).

CAPITULO VI

BANCA EXAMINADORA

Art. 22 - Após a aprovação da monografia pelo orientador, o mesmo comunicará o Coordenador do TCC do Curso de Enfermagem a data, hora e local para a defesa do TCC de seu orientando.

Art. 23 - A banca examinadora deve ser constituída por três membros, sendo: o 1º membro: orientador; 2º membro: docente/pesquisador de nível superior; e o 3º membro docente/pesquisador de nível superior ou profissional de nível superior da área específica ou afins do TCC. Desde que não haja ônus para o ISB.

Art. 24 - São deveres da banca examinadora:



- I. Receber os trabalhos, com no mínimo 15 dias de antecedência da defesa pública, para leitura e análise.
- II. Reunir-se em momento anterior à sessão de defesa pública (se necessário), para discutir falhas identificadas que comprometam aspectos fundamentais do TCC.
- III. Comunicar ao orientador do TCC, caso a reformulação do trabalho implique em mudança na data da defesa pública.
- IV. Atribuir nota para o trabalho escrito e a defesa pública do TCC, em formulário estabelecido pelo Coordenador de TCC do Curso de Enfermagem.
- V. Assinar a folha de trabalhos aprovados e a ata da sessão de defesa pública.

Art. 25 - O Professor Orientador, em conjunto com os membros da Banca Examinadora, fará o registro, em ata, da nota final do TCC que será obtida por meio da média aritmética de cada um dos valores atribuídos pelos membros da mesma.

Art. 26 - A ata, com a nota final do TCC, atribuída pela Banca Examinadora, deverá ser assinada pelo Professor Orientador e pelos membros da Banca Examinadora.

Art. 27 - Não caberá recurso para a decisão final da Banca Examinadora.

CAPITULO VII

DEFESA DO TCC

Art. 28 - A apresentação e defesa do TCC é pública e deverá ser divulgada a data, local e hora da defesa, em espaços do ISB/UFAM destinados a este fim (exemplo: quadro de avisos).

Parágrafo único: Será de responsabilidade do orientador e do orientando, informar o coordenador do TCC por escrito e com a devida antecedência a data, local e hora da apresentação e defesa do TCC.

Art. 29 - Na apresentação oral do TCC, o discente irá dispor de no mínimo 20 minutos e no máximo 30 minutos.



§ 1º Cada membro da banca examinadora irá dispor de dez minutos para fazer sua arguição e comentários.

§ 2º O aluno poderá usar mais dez minutos, após a arguição de todos os membros da banca para responder as questões.

Art. 30 - A banca examinadora, no seu julgamento, deve levar em consideração o texto escrito, a exposição oral e a defesa do aluno, durante a arguição e os esclarecimentos finais.

Art. 31 - Os membros da banca examinadora devem atribuir conceitos ao TCC, de acordo com os seguintes valores:

I- Aprovado: para aceitação do TCC, que abrange notas iguais ou superiores a cinco;

II - Aprovado com ressalvas: que abrange notas iguais ou superiores a cinco, com correções obrigatórias.

III- Não aprovado: quando o TCC não merecer a aceitação da banca, correspondendo notas inferiores a cinco;

Art. 32 - A banca examinadora por maioria pode sugerir ao aluno a reformulação integral ou parcial do TCC, adiando seu julgamento para a análise do texto reformulado.

Parágrafo único: O aluno poderá utilizar no máximo quinze dias letivos para reformulação do TCC.

CAPÍTULO VIII

AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 33 – Atendida a frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) no conjunto de atividades que se compõem a disciplina de TCCII e, havendo aprovação nas mesmas. Será considerado aprovado no TCCII o aluno que obtiver a nota final de valor mínimo de 5,0 (cinco) pontos.



Art. 34 - O aluno considerado reprovado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, na conformidade do disposto no Regimento do UFAM, poderá matricular-se novamente na disciplina, admitindo-se a mudança de tema.

Parágrafo único: Em casos especiais, sob apreciação do Coordenador do TCC, poderá ocorrer a mudança do Professor Orientador.

Art. 35 - Os casos de abandono, ou que ultrapassem o prazo do semestre em curso, serão considerados como reprovação e o trabalho poderá ter continuidade no semestre seguinte, mediante nova matrícula.

Art. 36 - A avaliação do rendimento escolar do aluno no TCC será realizada nas disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Art. 37 - Na disciplina de TCC I, o discente será avaliado pelo professor responsável pela disciplina, considerando o conteúdo de trajetória metodológica do desenvolvimento do pré-projeto e bem como a colaboração do professor orientador mediante a entrega e avaliação do pré-projeto.

Parágrafo primeiro: O pré-projeto será avaliado pelo professor da disciplina TCC I pela questão técnica metodologia e área de conhecimento da Enfermagem os professores orientadores, ambos serão atribuídas notas aritméticas de zero a dez.

Parágrafo segundo: O discente que não entregar o projeto de TCC e não realizar a apresentação oral do mesmo será reprovado na disciplina TCC I.

Art. 38 – A avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II deverá seguir os critérios abaixo:

- I. Cada etapa da avaliação terá uma nota, de zero a dez, acompanhada de um parecer descritivo;
- II. As notas, acompanhadas dos respectivos pareceres, devem ser entregues nos prazos estabelecidos, ao Coordenador do TCC, assinados pelo Professor Orientador e pelo aluno orientado;



III. Entrega da versão final do TCC e avaliação pelo Professor Orientador, incluindo conteúdo, assiduidade às orientações, comprometimento, cumprimento de normas e prazos;

IV. Avaliação, da parte escrita e oral do TCC, pela Banca Examinadora.

CAPITULO IX

COORDENAÇÃO DAS ATIVIDADES DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 39 - A coordenação da atividade inerente ao Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem é função do coordenador do Trabalho de Conclusão do Curso, o qual deverá ser o professor responsável da disciplina de TCC II.

Parágrafo único: O Colegiado do Curso de Enfermagem ou o coordenador do Curso de Enfermagem deverá nomear um docente efetivo para exercer a Coordenação do TCC.

Art. 40 - É atribuição do Coordenador do TCC:

I - Convocar reuniões com Professores - orientadores;

II - Convocar reuniões com alunos matriculados nas disciplinas de TCC II;

III - Articular-se com o professor da disciplina de TCC I, contribuindo para a orientação dos alunos desde a fase inicial de elaboração do pré-projeto;

IV - Publicar as áreas temáticas nas quais os discentes de enfermagem podem optar para desenvolver seu TCC e as áreas temáticas dos possíveis professores-orientadores;

V - Prover para que todos os discentes tenham um professor orientador durante todo o processo de desenvolvimento do TCC;

VI - Determinar, os critérios que devem compor na avaliação do TCC, ouvidas as sugestões do Colegiado de Enfermagem, dos Professores - orientadores e dos alunos orientados, respeitando os parâmetros previstos neste regulamento e no Regimento da UFAM. As reformulações nos critérios de avaliação serão introduzidas a partir do semestre seguinte a sua análise e publicação;



VII - Elaborar formulários necessários para os professores-orientadores registrarem as atividades desenvolvidas e a frequência do discente às atividades de orientação;

VIII - Participar da elaboração ou alterações do presente regulamento junto com o Núcleo Docente Estruturante e o Colegiado do Curso;

IX - Solicitar e divulgar portaria expedida pela Direção do IBS, com a composição dos membros das Bancas Examinadoras que deverão avaliar os trabalhos de conclusão de curso, considerando os temas e os Projetos inscritos pelos alunos;

X - Divulgar para os orientadores e orientandos o cronograma com os prazos das atividades a serem desenvolvidas no TCC II;

XI - Divulgar a data, local e hora da defesa dos Trabalhos de Conclusão de Curso;

XII- Apreciar as solicitações formalizadas e fundamentas pelos discentes, a respeito da alteração do Projeto e/ou da substituição do Professor Orientador;

XIII- Avaliar e decidir a respeito de solicitações, devidamente fundamentadas pelo Professor orientador, objetivando a colaboração de Coorientador para o desenvolvimento das atividades referentes ao trabalho sob sua responsabilidade. Somente haverá a formalização do coorientador após: Assinatura, pelo coorientador a ser incluído, de termo de concordância de coorientação, reconhecendo que sua participação na pesquisa não configura vínculo empregatício nem prestação de serviços à UFAM e, concordando que o trabalho será publicado, sejam quais forem os resultados;

XIV - Analisar em grau de recursos, as decisões do professor orientador do TCC;

XV - Solucionar casos especiais, e se necessário, encaminhá-los para decisão do Colegiado de Enfermagem.

CAPITULO X

DA ORIENTAÇÃO DO TCC



Art. 41 - A orientação do TCC será realizada obrigatoriamente pelo Professor Orientador. O deverá pertencer ao corpo docente do ISB/UFAM e autorizado pelo coordenador da disciplina.

Art. 42 - O professor orientador deverá orientar até 05 (cinco) alunos, sendo computadas 02 (duas) horas semanais de orientação por aluno, conforme a Resolução nº 012/1991 - CONSUNI.

CAPÍTULO XI

DAS ATRIBUIÇÕES DOS ORIENTADORES

Art. 43 – Compete ao Professor Orientador:

I - Orientar os acadêmicos na escolha do tema e na elaboração e execução desse trabalho sob forma de monografia ou manuscrito (artigo científico);

II - Participar de reuniões, convocadas pelo coordenador do TCC, para análise do processo desse Trabalho, assim como avaliação dos acadêmicos e do processo abrangente de formação profissional;

III - Avaliar e analisar os pré-projetos dos alunos, a relevância e a viabilidade do tema proposto pelo (s) aluno (s) para o TCC e propor sugestões;

IV - Cumprir o horário que for combinado com seu (s) orientando (s) para desenvolver o trabalho de orientação dos alunos;

V - Realizar um cronograma de atendimentos de seu (s) orientando (s) e encaminhá-lo ao Coordenador dos TCC's;

VI - Solicitar ao aluno para providenciar e encaminhar as documentações necessárias ao andamento de todas as fases do TCC;

VII - Assinar documentações necessárias ao andamento do TCC;

VIII - Informar aos alunos quanto às referências e demais fontes de consulta e pesquisa, com vistas à elaboração do TCC;



IX - Acompanhar e orientar os alunos no início da fase de execução da pesquisa, análise dos dados, interpretação e discussão de dados, na preparação da versão final e correções solicitadas pela Banca Examinadora do TCC.

X - Orientar os alunos a obedecer às datas de entrega das cópias finais do TCC e demais documentos necessários para a conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II;

XI - Marcar dia, local e hora para a defesa pública do Trabalho de Conclusão, mediante a apresentação previa da monografia ou manuscrito (artigo científico) para a banca examinadora;

XII - Realizar orientações ao aluno quanto ao desenvolvimento do trabalho de Conclusão do Curso;

XIII - Orientar os alunos na entrega da cópia final do Projeto do TCC aprovado e demais documentos necessários para a conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II;

XIV - Avaliar e registrar as atividades desenvolvidas e a frequência do discente, em formulários próprios, e a cada sessão de atendimento e orientação do TCC;

XV - Informar, ao Coordenador de TCC, as faltas do orientando às orientações caso ocorram;

XVI - Faltas não justificadas ou justificáveis em encontros presenciais agendados (consecutivos ou não), o professor terá o direito de reprovar o discente na disciplina, desde que o número de faltas seja superior a 25% do total da carga horária da disciplina.

XVII - Atribuir nota e avaliar o rendimento escolar dos alunos nas atividades pertinentes ao TCC, na forma prevista neste Regulamento e nas disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

XVIII - Fazer e encaminhar ao Coordenador do TCC, os registros de andamento das atividades relativas aos TCC sob sua orientação, sempre que solicitado;

XIX- Participar, quando convocado, das Bancas Examinadoras dos TCC's;



XX - Orientar os alunos a obedecer às datas de entrega das cópias finais do TCC e demais documentos necessários para a conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II;

XI - Exercer as demais atribuições que lhe sejam dadas pelo Coordenador de Curso e/ou pelo Coordenador do TCC;

XII - Cumprir e fazer cumprir este Regulamento e todos os prazos estabelecidos.

Art. 44 - É permitido ao professor orientador desistir da orientação.

§ 1º Da solicitação de desistência de orientação deverão constar exposição de motivos e ciência do aluno;

§ 2º A solicitação de desistência de orientação será encaminhada à Coordenação de TCC que dará ciência ao Colegiado do discente interessado, no máximo, até 90 dias antes da defesa da monografia.

CAPÍTULO XII

DIREITOS E DEVERES DO ALUNO

Art. 45 - São direitos do discente:

- I. Liberdade de escolha da área e do assunto da pesquisa para o projeto do trabalho de Conclusão de Curso, condicionado à possibilidade orientação, pertinente a uma das áreas dos cursos;
- II. Ser assistido por um professor orientador e, quando necessários, por um co-orientador;
- III. Solicitar a troca de professor-orientador;

§ 1º. A solicitação da troca de professor orientador deverá constar a exposição de motivos e ciência do Professor-orientador a ser substituído;

§ 2º. A solicitação deverá ser encaminhada à coordenação do TCC e será efetivada após a aprovação do Colegiado de Curso;

§ 3º. A solicitação de troca de orientador deverá ser encaminhada à Coordenação do TCC, no máximo, até 90 dias antes da defesa da monografia.



Art. 46 – Deveres do discente:

- I - Matricular-se na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I e II;
- II - Manter contato semanal no mínimo de 02 horas com seu professor-orientador, para discussão do trabalho acadêmico em desenvolvimento;
- III - Cumprir o calendário das fases de desenvolvimento do TCC, divulgado pelo professor da disciplina e o Coordenador do TCC;
- IV - Elaborar o pré-projeto e a versão final do TCC de acordo com as orientações de seu orientador e o disposto no presente regulamento;
- V - Comparecer no dia, local e hora determinada pelo orientador para apresentar e defender a versão final do TCC, perante a banca examinadora;
- VI - Manter contato com o Coordenador de TCC, informando sobre o andamento de seu trabalho, bem como, para obter informações que facilitem seus estudos;
- VII - Entregar relatórios escritos ao professor orientador sempre que solicitado;
- VIII - Justificar ao professor orientador a(s) falta(s) às orientações caso ocorram;
- IX- Submeter sua monografia a um professor de Língua Portuguesa, para as devidas correções, antes da defesa em banca, ficando as despesas, se ocorrer, por conta do aluno;
- X - Entregar ao Coordenador de TCC em até 10 (dez) dias, após a defesa duas versões finais da monografia, com as sugestões e correções da banca de avaliação, sendo uma, devidamente encadernada, em capa dura preta, com gravação em dourado do nome da Universidade, do Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB, Curso, Título, Nome do Autor, local e data da aprovação, para ser encaminhada a Biblioteca e a outra em CD-ROM para arquivo do Curso.



CAPÍTULO XIII

DAS PESQUISAS QUE ENVOLVEM SERES HUMANOS E/OU ANIMAIS

Art. 47 - As pesquisas que envolvem seres humanos e/ou animais devem ser submetidas ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) ou outro Comitê de Ética do local onde será desenvolvida a pesquisa para análise e posterior encaminhamento ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

§ 1º Os procedimentos para o encaminhamento dos protocolos de pesquisa devem obedecer às normatizações do Comitê de Ética em questão.

§ 2º Estas pesquisas somente poderão ser desenvolvidas com o parecer favorável do Comitê de Ética da UFAM ou do parecer de aprovação para projetos de pesquisa que forem desenvolvidos em instituições que possuam um Comitê de Ética em Pesquisa instalado.

§ 3º A não apresentação do parecer favorável à execução do projeto do Comitê de Ética em questão leva à reprovação compulsória do discente na disciplina TCC II.

CAPÍTULO XIV

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 48 - O aluno que não entregar a monografia ou que não se apresentar para a sua defesa oral, sem motivo justificado, a critério do Coordenador do TCC e professor orientador, será automaticamente reprovado, podendo apresentar a monografia somente no semestre letivo seguinte, de acordo com o calendário aprovado.

Art. 49 - Os prazos devem ser cumpridos, conforme cronograma estabelecido para cada período letivo, contidos nos planos de ensino das disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Art. 50 - Não serão admitidos atrasos no dia de defesa da monografia. Em ocorrendo tal situação, será atribuída nota "0" (zero) na disciplina, acontecendo à reprovação do aluno.



Art. 51 - As disposições presentes, neste Regulamento, poderão ser complementadas pelo do Coordenador dos TCC, Colegiado do Curso de Enfermagem ou pela instância superior da UFAM.

Art. 52 - Os casos omissos que surjam da aplicação das normas constantes neste Regulamento serão dirimidos, em primeira instância, ao Coordenador do TCC em conjunto com o Coordenador do Curso de Enfermagem e, em segunda instância, pelo Colegiado de Enfermagem.

Art. 53 - O presente Regulamento entra em vigor na data de sua aprovação pelo Colegiado de Enfermagem e se destina a todos os discentes do Curso de Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia/UFAM.



3.4 Normatização das Atividades Acadêmico Científico-Culturais (AACC)

A Normatização das Atividades Científico-Culturais (AACC) do curso de Graduação de enfermagem do ISB, segue as recomendações da Resolução nº18/2007-CEG/CONCEPE da Universidade Federal do Amazonas, que regulamenta as Atividades Complementares dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Amazonas, e descritas abaixo:

- I. As disciplinas de áreas afins, assim definidas pelo Colegiado do Curso, pertencentes aos demais cursos da instituição ou de outras IES, são consideradas disciplinas extracurriculares.
- II. As disciplinas extracurriculares do Curso são validas como atividades complementares, as disciplinas oferecidas pelo Instituto de Saúde e Biotecnologia ISB-UFAM ou outras Instituições de Ensino Superior (IES), devendo ser fora do período letivo e cujo conteúdo não esteja integralmente contemplado por nenhuma disciplina do currículo.
- III. A validação de qualquer das atividades, depende de prévia aprovação do Colegiado de Enfermagem.
- IV. As atividades complementares são obrigatórias para a formação livre do futuro profissional Enfermeiro, que visa proporcionar oportunidade de buscar a ampliação de conhecimento de acordo com sua potencialidade e talento, integralização curricular e são distribuídas nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.
- V. Serão consideradas atividades de formação acadêmica de ensino a participação em monitoria de disciplina que integram o elenco do curso e a participação em seminários de integração, em que temas relevantes para a área de Enfermagem são abordados, utilizando-se a interdisciplinaridade.
- VI. A atividade de Iniciação científica e publicação de trabalhos em periódico ou em anais de congresso complementar com atividade complementar.
- VII. É considerada formação acadêmica de extensão a participação em seminários, palestras, congressos, conferências, encontros, cursos de atualização e similares. Além disso, a participação em estágios extracurriculares e a representação estudantil em colegiados de cursos, plenário de departamento e colegiados superiores são contabilizados como atividades complementares.



- VIII. O aluno deverá apresentar documento que comprove a participação em eventos, atividades de extensão, monitoria e iniciação científica, relacionados com a formação do Enfermeiro ou estágio extracurricular. A recusa na aceitação de documento fica a critério do colegiado do curso.
- IX. As atividades deverão possuir relação direta com os objetivos do curso, ser desenvolvidas durante o período de vínculo formal com a IES e serão analisadas por comissão designada pelo coordenador do curso. Para tanto o aluno deverá apresentar comprovação das atividades desenvolvidas, através de relatório de atividades e entregá-las na Secretaria do Instituto de Saúde e Biotecnologia.

QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

ENSINO		
Atividade/Disciplina	Documento Comprobatório	Carga Horária Máxima
Monitorias	Certificado emitido pela Instituição de Ensino ou declaração do docente responsável com descrição da carga horária.	120
Estágio		
Estudos Complementares (Cursos realizados na mesma área ou em outras áreas afins)	Certificado emitido pela Instituição de Ensino com indicação da carga horária.	Livre
Representação em Colegiado	Cópia de Portaria emitida pela Instituição ou setor competente.	Máximo de 30 horas (participação em um colegiado durante um período letivo) ou 15% da carga horária mínima.



QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES (Cont.)

PESQUISA		
Atividade/Disciplina	Documento Comprobatório	Carga Horária Máxima
Programa de Iniciação Científica	Certificado emitido pela Instituição de Ensino ou declaração do docente responsável com descrição da carga horária.	120
Apresentação de resumos em eventos	Cópia do certificado do evento (01 hora por resumo).	Livre
Publicação de artigos completos ou originais em revistas indexadas	Cópia do artigo com indicação do nome de revista e do número de indexação (15 horas por artigo).	Livre
EXTENSÃO		
Atividade/Disciplina	Documento Comprobatório	Carga Horária Máxima
Programa de Extensão	Certificado emitido pela Instituição de Ensino ou declaração do docente responsável com descrição da carga horária	120
Participação em Eventos Científicos	Certificado emitido pela Instituição realizadora com indicação da carga horária de participação	Livre
Participação em comissões organizadoras de Eventos Científicos	Certificado emitido pela Instituição realizadora com indicação da carga horária de participação	Livre



3.5. Bases de Dados e Periódicos para Enfermagem

BASE DE DADOS DE ACESSO LIVRE		
Área	Base de Dados	Link de Acesso
Ciências da Saúde em Geral	BVS – Biblioteca Virtual em Saúde	http://bvsalud.org/
	LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde	http://lilacs.bvsalud.org/
	PUBMED - Literatura Internacional em Ciências da Saúde	http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed
	SCIELO – Scientific Electronic Library Online	http://www.scielo.br
	WHOLIS - Sistema de Informação da Biblioteca da Organização Mundial da Saúde	http://www.who.int/librariy/databases/en/
Áreas Especializadas	BVS ENFERMAGEM - Biblioteca Virtual em Saúde abrangendo várias áreas de conhecimento da enfermagem.	http://enfermagem.bvs.br/

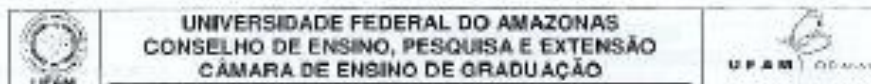
BASE DE DADOS DE ACESSO EXCLUSIVO		
Multidisciplinar	PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPS - comissão de aperfeiçoamento de pessoal do nível superior	http://www.periodicos.capes.gov.br/
Ciências da Saúde em Geral	PORTAL SAÚDE – Saúde baseada em evidências	http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/periodicos
Área Especializada	NURSING REFERENCE CENTER - Evidências clínicas e conhecimento de condições patológicas, informação ao paciente, e referência de medicamentos.	Acesso pelo Portal Saúde



Principais Periódicos	
Título	
Nacionais	Acta Paulista de Enfermagem
	Revista Brasileira de Enfermagem
	Ciência, Cuidado e Saúde
	Revista Latino-Americana de Enfermagem
	RECENF - Revista Técnico científica de Enfermagem
	Revista de Saúde Pública / Journal of Public Health
Internacionais	Ciencia y enfermería
	Clínica y salud
	The Internet Journal of Advanced Nursing Practice
	Online Journal of Issues in Nursing
	Evidence-Based Nursing
	Clinical Nurse Specialist
	Pediatric Nursing
	Progress in Cardiovascular Nursing
	The Journal of Community Nursing



3.6. Regimento do Núcleo Docente Estruturante do curso – NDE



RESOLUÇÃO Nº 062/2011

Trata da criação e regulamentação, dos Núcleos Docentes Estruturantes no âmbito dos cursos de graduação da Universidade Federal do Amazonas.

A PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO e PRESIDENTE DA CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, no uso de suas atribuições estatutárias, e;

Considerando o Parecer nº 04 de 17 de Junho de 2010 da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES, que trata dos princípios, criação e finalidade do Núcleo Docente Estruturante;

Considerando a Resolução CONAES nº 01 de 17 de Junho de 2010, que normatiza o Núcleo Docente estruturante e dá outras providências;

Considerando a importância da implantação dos Núcleos Docentes Estruturantes no âmbito dos cursos de graduação da Universidade Federal do Amazonas;

Considerando, finalmente, a decisão da Câmara de Ensino de Graduação em reunião desta data.

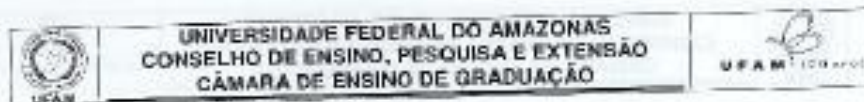
RESOLVE:

Art. 1º - Criar os Núcleos Docentes Estruturantes – NDE no âmbito dos cursos de graduação da UFAM e Regulamentar na forma a seguir.

Art. 2º - O Núcleo Docente Estruturante de um curso de graduação é uma instância consultiva, constituída por professores do próprio curso com atribuições acadêmicas de acompanhamento, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico.



Regimento do Núcleo Docente Estruturante do curso – NDE (cont.)



Art. 3º - São atribuições do Núcleo Docente Estruturante:

- I) Contribuir para a consolidação do perfil de egresso dos cursos de graduação;
- II) Zelar pela observância da aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação;
- III) Observar, contribuir e acompanhar a implantação, o desenvolvimento, avaliação e reestruturação do projeto pedagógico;
- IV) Propor formas de incentivo ao desenvolvimento da pesquisa e da extensão articuladas às necessidades da graduação e à área de conhecimento do curso;

Parágrafo Único – As proposições do NDE serão submetidas à apreciação do colegiado do curso.

Art. 4º - O Núcleo Docente Estruturante deverá ser composto pelo coordenador do curso e por no mínimo 5 (cinco) professores efetivos do curso, com dedicação exclusiva à Universidade Federal do Amazonas.

Art. 5º - O Núcleo Docente Estruturante será constituído de:

- I) 01 (um) presidente, com graduação no curso;
- II) Pelo menos 05 (cinco) membros sendo que destes 60% (sessenta por cento) devem ser professores com titulação acadêmica obtida em programa de pós-graduação *stricto sensu* e que tenham graduação na área de conhecimento do curso.
 - a) Os membros do NDE serão indicados pelo Colegiado do Curso.
 - b) O presidente do NDE será o Coordenador do Curso.

Art. 6º - O NDE reunir-se-á uma vez por semestre, preferencialmente no início do semestre letivo e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo seu presidente ou por solicitação da maioria de seus membros.

Art. 7º - Compete ao Presidente do Núcleo Docente Estruturante:

- I) Convocar e presidir as reuniões;
- II) Representar o Núcleo Docente Estruturante junto aos órgãos institucionais;



Regimento do Núcleo Docente Estruturante do curso – NDE (cont.)



III) Encaminhar propostas e sugestões do Núcleo ao Colegiado do Curso, para deliberações.

IV) Coordenar e integrar as ações do Núcleo Docente Estruturante aos demais colegiados e instâncias institucionais.

Art. 8º - Os mandatos das integrantes do Núcleo a exemplo do Coordenador do Colegiado de Curso, serão de 2 (dois) anos, podendo cada membro ser reconduzido por dois mandatos.

Art. 9º - Esta Resolução entra em vigor a partir desta data.

Plenário Abraham Moysés Cohen da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus, 30 de setembro de 2011.

Rosana Cristina Pereira Parente
Presidente



Regimento do Núcleo Docente Estruturante do curso – NDE (cont.)

RESOLUÇÃO Nº 01 de 17 de junho de 2010.

*Normatiza o Núcleo Docente Estruturante
e dá outras providências*

A Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES), no uso das atribuições que lhe confere o inciso I do art. 6.º da Lei Nº. 10.861 de 14 de abril de 2004, e o disposto no Parecer CONAES Nº. 04, de 17 de junho de 2010, resolve:

Art. 1º. O Núcleo Docente Estruturante (NDE) de um curso de graduação constitui-se de grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso.

Parágrafo único. O NDE deve ser constituído por membros do corpo docente do curso, que exerçam liderança acadêmica no âmbito do mesmo, percebida na produção de conhecimentos na área, no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição, e que alicem sobre o desenvolvimento do curso.

Art. 2º. São atribuições do Núcleo Docente Estruturante, entre outras:

- I - contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- II - zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades do ensino constantes no currículo;
- III - indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e alinhadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- IV - zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

Art. 3º. As instituições de Educação Superior, por meio dos seus colegiados superiores, devem definir as atribuições e os critérios de constituição do NDE, atendidos, no mínimo, os seguintes:

- I - ser constituído por um mínimo de 5 professores pertencentes ao corpo docente do curso;
- II - ter pelo menos 60% de seus membros com titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação stricto sensu;
- III - ter todos os membros em regime de trabalho de tempo parcial ou integral, sendo pelo menos 20% em tempo integral;
- IV - assegurar estratégia de renovação parcial dos integrantes do NDE de modo a assegurar continuidade no processo de acompanhamento do curso.

Art. 4º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 17 de junho de 2010.

Nadja Marta Valverde Viana
Presidente
Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior



3.7. Atas de aprovação do PPC no NDE



ATA DA 5ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO NÚCLEO
DOCENTE ESTRUTURANTE DO COLEGIADO
DO CURSO DE ENFERMAGEM DO INSTITUTO
DE SAÚDE E BIOTECNOLOGIA - ISB/UFAM-
COARI, REALIZADA NO DIA 18/12/2018, ÀS
14H30MIN.

- 01 Ao décimo oitavo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezoito, às quatorze
02 horas e trinta minutos, realizou-se na sala de reunião do ISB, a quinta reunião ordinária
03 do Núcleo Docente Estruturante do colegiado de enfermagem (CE), sob a coordenação
04 interina da professora Dra. Priscilla Mendes Cordeiro, sob a presidência da referida
05 coordenadora e estava presente o membro: Profa MsC Grace Anne Andrade da Cunha,
06 os demais membros estavam ausentes com justificativas: Prof Dr Abel Santiago Muri
07 Gama, Profa MsC Juliana Oliveira de Lira, Profa MsC Valdenora Patrícia Rodrigues
08 Macedo, Profa Eliana Medeiros Macedo, Profa MsC Josiane Motanho Mariño, Prof Dr
09 Deyvylan Araújo Reis, Prof Dr Carlos Ramon do Nascimento Brito. **Informe:** não
10 houve informe. **Inclusão e exclusão de Pauta:** Não houve. **1-Pauta: Aprovação do**
11 **PPC de Enfermagem 2012:** PPC de enfermagem de 2012 aprovado por unanimidade.
12 Nada mais havendo a tratar, a **Presidente** deu por encerrada a reunião, às quinze horas,
13 da qual eu, **Grace Anne Andrade da Cunha**, lavrei a presente ata, que depois de lida e
14 achada conforme, será assinada por mim. Coari, 18 de Dezembro de 2018.

Profa Dra Priscilla Mendes Cordeiro
Presidente

Profa MsC Grace Anne Andrade da Cunha
Secretario

Profª Grace Anne da Cunha
Coord. de Enfermagem
PPC de Enfermagem
18/12/2018



3.8. Ata de aprovação no Colegiado do Curso




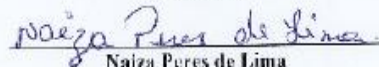
Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia
Núcleo Docente Estruturante do Colegiado de Enfermagem



ATA DA 20ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO
COLEGIADO DO CURSO DE ENFERMAGEM DO
INSTITUTO DE SAÚDE E BIOTECNOLOGIA –
ISB/UFAM-COARI, REALIZADA NO DIA
18/12/2018, ÀS 15H30MIN.

01 Ao décimo oitavo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezoito, às quinze horas
02 e trinta minutos, realizou-se na sala de reunião do ISB, a vigésima reunião extraordinária
03 do colegiado de enfermagem (CE), sob a coordenação interina da professora Dra.
04 Priscilla Mendes Cordeiro, sob a presidência da referida coordenadora e estava presente
05 o membro: Profa MSc Grace Anne Andrade da Cunha, o representante discente Maykon
06 Larisson Lopes e TAE Enfa Naiza Peres de Lima, estavam ausentes com justificativas:
07 Prof Dr Deyvylan Araújo Reis, Prof Dr Carlos Ramon do Nascimento Brito, Prof Dr
08 Abel Santiago Muri Gama, Profa MSc Juliana Oliveira de Lira, Profa MSc Valdenora
09 Patrícia Rodrigues Macedo, Profa Eliana Medeiros Macedo, Profa MSc Josiane
10 Montanho Mariño e a discente Mariana Paula da Silva. A presidente iniciou dando boas-
11 vindas a todos. **Pauta única: Aprovação do PPC 2012 do curso de Enfermagem;**
12 PPC de 2012 de Enfermagem aprovado por unanimidade. Nada mais havendo a tratar, a
13 **Presidente** deu por encerrada a reunião, às quinze horas e quarenta minutos, da qual eu,
14 **Naiza Peres de Lima**, lavrei a presente ata, que depois de lida e achada conforme, será
15 assinada por mim. Coari, 18 de Dezembro de 2018.


Profa Dra Priscilla Mendes Cordeiro
Presidente


Naiza Peres de Lima
Secretaria